

A VINGANÇA

Traição, dor e justiça

Daniella Kanga Adriano/ DKA

2025

CAPÍTULO 1 – O Calor do lar

Era uma tarde tranquila em Talatona. O sol ardia lentamente no horizonte, iluminando a bela casa da família **Marcos dos Santos**, um homem respeitado por todos, conhecido pelo espírito empreendedor e generoso. Ao lado da esposa **Maria dos Santos**, criava

com amor e dedicação os seus filhos pequenitos : **Kilson dos Santos**(Primeiro filho); **Jonilson dos Santos**(segundo filho); **Tonilson dos Santos**(terceiro filho); **Judilson dos Santos**(quarto filho) e a cassula **Velma dos Santos**.

A casa tão cheia de vida, risos e união. Pareciam ter tudo(não só de bens materiais), mas, principalmente, paz e harmonia. O Sr. Marcos, apesar de muito ocupado com suas empresas, nunca deixava de dar atenção à família. Um homem visionário, firme e justo.

Porém, o que ninguém sabia é que por trás daquela estabilidade escondia-se uma sombra.

A campainha toca com o som de insistência...

Maria, sentada no sofá com uma chávena de chá nas mãos, olha para a empregada e diz com voz calma mas firme:

- Vai ver quem é, por favor. - Pediu a Sra. Maria à empregada.

A empregada levanta-se e vai até a porta. Ao abrir, depara-se com um homem com roupas completamente rasgadas, rosto marcado pela poeira e olhos cheios de uma dor antiga. Ele dá um passo à frente e diz, ofegante:

- Com licença... boa tarde... desculpe-me, preciso falar com o dono de casa... - disse ele com voz cansada.

A empregada o observa, desconfiada:

- O senhor pode dizer o seu nome?.

- Miguel... diga a ele que é o Miguel Mendonça. – Respira fundo.

A empregada fecha a porta parcialmente e vai até a Maria:

- Dona Maria... tem um homem lá fora... ele disse que o nome dele é Miguel.

- Miguel? Manda ele entrar... - Maria levanta-se.

A porta se abre novamente. Ele entra, passos lentos, como quem carrega o peso de muitos anos. Maria encara aquele rosto sujo:

- Senhor Miguel... seja bem-vindo.

- Muito obrigada, Maria.

-Senta-te por favor... - Disse ela com voz firme.

Ele obedece sentando-se lentamente no sofá, como se cada movimento doía.

- Bibiana, serve um copo de sumo ao senhor. – Ordena Maria à empregada, sem tirar os olhos nele.

- Como está a tua saúde? E a tua família?. – Maria observa-o.

Miguel dá um sorriso discreto e mente com leveza:

- Estamos mbora bem, graças a Deus... só o tempo que tem sido cruel comigo.

Um silêncio paira no ar por segundos até Miguel perguntar:

- E o Marcos? Está cá?.

- Saiu há pouquinho. Disse que volta já.

Enquanto isso, no quintal da trás da casa, os risos ecoavam entre as crianças. Kilson e seus irmãos, jogavam bola animados.

De repente, o Kilson, curioso, foi ver quem veio:

- Eh! Aquele não é o tio Miguel?. – Disse surpreso.

Os irmãos correram animados para a sala:

- Tio Miguel!!. – Gritou o Kilson abrindo os braços.

- Oh! Filhos! Como estão, meus candengues?. – Miguel sorriu ao receber abraço.

-Estamos muito bem, tio Miguel. E o senhor? - Perguntou o Kilson animado.

- Eu estou ótimo.

Kilson o olhou de cima para baixo:

- Mas tio, que roupa é essa? Parece que estiveste a lutar com um gato!.

Todos riram. Miguel deu um riso amarelo, tentando manter a postura:

- A vida não tá fácil, puto!...

Logo perguntou o Jonilson:

- Tio, por que que não vieste com Jaime?(filho do sr.Miguel).

- O deixei a estudar. Teve notas baixas! E está de castigo. A mãe dele não o deixou sair! Mas no sábado, virei com ele, tá bom!?. – Miguel responde na naturalidade.

- Tá bem, titio Miguel!.

E voltaram a brincar...

E sem demorar, o Marcos chega em casa, estacionando o seu carro luxuoso na garagem espaçosa. Ao entrar na casa, foi recebido pela sua esposa Maria:

- Oi, meu amor!. – O Marcos beija a testa da Maria.

- Oi, querido!. – Maria sorrindo.

Marcos então notou a presença de Miguel, seu amigo de longa data:

- Estás por aqui!? Meu velho amigo! – Exclamou o Marcos aproximando-se dele.

Miguel, levantou-se e abraçou Marcos calorosamente:

- Sim... chefe! Você está tão gordo!. – Miguel rindo, olhando-o de cima para baixo.

- Ah, não! Não fale isso!. – Marcos sorrindo.

Marcos fez um gesto para Miguel segui-lo:

- Vamos conversar no meu escritório, está bem?. – Marcos sorrindo e olhando-o de cima para baixo com uma expressão de preocupação.

- Claro, vamos lá.

Eles caminharam pelo corredor, passando pela sala de estar e pela escada que levava aos quartos. O escritório de Marcos era uma sala ampla com estantes de livros e uma mesa de madeira escura estava organizada. Marcos se senta na cadeira, ajustando a gravata, e fez um gesto para Miguel se sentar na cadeira em frente:

- Senta-te, meu irmão!.

Miguel se senta e olha em volta do escritório, olhando as fotos de Marcos com a sua família e os prêmios que ele havia recebido.

- Miguel... meu velho amigo... o que está acontecendo?. – Marcos olhando-o com preocupação apoiando cotovelos na mesa.

- É que... eu não sei como dizer isso, Marcos!. – Miguel nervoso, mexendo nas mãos.

- Diga o que é, Miguel. Você sabe que pode confiar em mim. – Marcos com uma voz calma.

- Marcos, eu... eu não sei mais o que fazer! Eu não estou trabalhando mais, não tenho dinheiro para nada. Roubaram a minha moto, que era o meu meio de trabalho. E agora... agora eu não sei como vou pagar as propinas do Jaime!. – Miguel com lágrimas nos olhos.

Marcos olhou para o Miguel com surpresa e preocupação:

- O quê? Roubaram a sua moto? E as propinas do Jaime? Quanto é que você precisa?. – Marcos inclinando-se para frente.

Miguel cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar:

- Eu preciso de 50 mil kwanzas! É muito dinheiro, Marcos. Eu não sei como vou conseguir pagar. O Jaime vai ser expulso da escola se eu não pagar!.

Marcos se levantou da cadeira e foi até ao Miguel, colocando a mão no seu ombro:

- Calma, Miguel. Por favor! Vamos encontrar uma solução. Eu posso ajudar você com o dinheiro. Não se preocupe, vamos resolver isso juntos. - Marcos, acalmando e segurando o seu ombro.

Miguel olha para Marcos com gratidão e desespero:

- Obrigado, Marcos. Eu não sei o que faria sem você. Você é o meu único amigo...

- Miguel, tu sabe que eu não fiquei feliz quando te vi nos meios dos taxistas, com estes vestuários... Tu és um amigo de infância, os nossos pais se conhecem, e eu não posso te deixar assim. Tu mereces mais do que isso. – Marcos balançando a cabeça. Miguel olhou para baixo, sentindo-se envergonhado:

- Eu sei, Marcos. Eu estou fazendo o que posso... mas as coisas estão difíceis.

- Eu sei que você está fazendo o que pode, mas eu quero ajudar. Quero que você volte ser o Miguel que eu conheci... o Miguel que sonhava em ser alguém importante... eu posso ajudar você a conseguir um emprego melhor, isto para melhorar a sua vida e de sua família. – Marcos coloca a mão no ombro dele.

- Você faria isso por mim?. – Miguel olha para Marcos com com surpresa, com lágrimas nos olhos.

- Claro que sim, Miguel!. Eu sou seu amigo, e é isso que os amigos fazem... Agora, vamos resolver essa situação com o Jaime e depois vamos pensar em como melhorar a sua vida. – Marcos sorriu e assentiu com a cabeça.

- Miguel!! Eu tenho uma ideia. Eu preciso de um sócio na minha empresa no Morro Bento. E eu quero que... que tu sejas esse sócio!. – Marcos sorriu e levanta-se.

- O quê!?? Você está falando sério??.

- Sim... estou falando sério! Tu és um amigo de confiança, e eu sei que tu podes fazer um ótimo trabalho. Além disso, tu precisa de uma oportunidade, e estou disposto a te dar essa chance. – Marcos assentiu com a cabeça.

Miguel começou a chorar, com as lágrimas de alegria e gratidão.

Depois de um mês de trabalho árduo e dedicação, Miguel se tornou oficialmente o sócio de Marcos na empresa de carros no Morro Bento. A cerimónia de assinatura do contrato foi realizada no escritório de Marcos, com a presença de alguns funcionários importantes da empresa. Miguel, estava radiante de felicidade e grato, enquanto Marcos sorria ao seu lado, satisfeito com a escolha que havia feito.

- Parabéns, Miguel! Tu és oficialmente o meu sócio!. – Marcos estendendo a mão para Miguel.

- Obrigado, Marcos! Eu não tenho palavras para expressar a minha gratidão... você mudou minha vida. – Miguel apertou a mão de Marcos emocionado.

Marcos sorriu e abraçou Miguel:

- Você merece isso, Miguel! Você trabalhou duro e provou que é um homem de confiança. Estou ansioso para ver o que vamos conquistar juntos.

Com a assinatura do contrato, Miguel se tornou oficialmente o sócio de Marcos, e juntos eles começaram a trabalhar em novos projectos e desafios. Porém, mesmo com a nova posição de sócio na empresa de carros no Morro Bento, Miguel não conseguiu superar a inveja que sentia pelo seu amigo de longa data...

- Senhor Miguel, há uma pessoa aqui que deseja falar com você!. – Informa a secretária.

Miguel respondeu, sem tirar os olhos no documento que estava lendo, mas com tom arrogante:

- Quem é? Não estou esperando ninguém!!.

- Ela chama-se Cláudia, senhor. – A secretária hesita antes de responder.

- Ah! Cláudia! Mande ela entrar.

- Sim, senhor!. Vou mandar ela entrar. – Secretária assentiu.

A luz é baixa. Miguel está sentado num sofá de couro, serve vinho tinto em duas taças ao som de jazz suave. Cláudia entra elegante:

- Miguel! Quanto tempo!. – Cláudia aproximando-se de Miguel com um abraço.

Miguel recebeu o abraço, mas logo se afastou, olhando para Cláudia com um ar de superioridade:

- Cláudia! É um prazer ver você. O que traz você aqui hoje?. – Miguel com o sorriso forçado.

Cláudia olha para Miguel com um olhar crítico e disse:

- Desde que te tornaste num empresário, anda muito arrogante, Miguel!. Você mudou muito. Só ressalto que, a pessoa na qual te pus aqui... é meu irmão...

- Ah! Desculpa, Cláudia. Eu não queria dar essa impressão. É que... recebo muitos clientes e às vezes fico um pouco... absorvido pelo trabalho. – Miguel ligeiramente envergonhado e tentando se justificar.

- Está perdoado, Miguel. – Cláudia sorri.

Cláudia mudou assunto e pergunta:

- E além disso, como está sendo o trabalho novo? Você está gostando ser sócio de Marcos?.

Miguel hesitou por um momento antes de responder, e um olhar de inveja passou rapidamente pelo seu rosto:

- Ah, sim!... o trabalho está bem. É um desafio... Mas... o Marcos... não sei o que ele tá pensando de mim! Eu não sou uma criança!. – Miguel batendo na mesa.

- O que houve?!. – Cláudia perplexa.

- O Marcos teve coragem de me humilhar diante dos funcionários.

- Mas por quê?.

- Olha que é uma longa história, mas irei resumir. Ele tinha me mandado remeter alguns valores em alguns empresários, isto em Dubai. E eu necessitava de algo, né!. Comprar uma casa lá em Dubai e um carro Ferrari. Pretendi pegar 20 milhões de euro.

- Tu fizeste mesmo?.

- Oxalá Cláudia... o fiz né... Necessitava... Afinal de conta sou o sócio dele pra quê? E achas que ele agradeceu pelos meses que estive ao lado dele? Não! Ralhou comigo. Mesmo lhe dizendo que eu ia devolver, nem me deu ouvidos. Disse que sou irresponsável; que sou um erro de confiança. – Miguel se levanta nervoso.

-E tu vais aceitar isso? – Cláudia com calma venenosa.

- Ele pensa que é intocável... que porque sempre teve mais, pode me tratar como um cão. – Miguel mordendo lábios.

- Então, está na hora de ele perceber que mexeu com o homem errado. Tu não és empregado dele, Miguel. És um líder. E líderes não aceitam humilhação. – Cláudia sentando devagar ao lado dele.

- Tu estás a insenuar... – Miguel encarando-a.

- Não insinuo nada. Só digo que há erros... que se apagam de vez. Então, faz o que tem de ser feito. Elimina o problema... O Marcos tem de desaparecer. – Cláudia seca.

- Tu estás a sugerir... matar?. – Miguel olhando nos olhos dela.

-Estou a sugerir... sobrevivência. Se ele falar, perdemos tudo. A única solução é silenciosa... definitiva.

- Afinal és uma mulher inteligente e genial, kkk. Então será isso... o Marcos vai morrer. Ninguém vai suspeitar e ficaremos com todo dinheiro. - Miguel rindo.

Eles brindam em silêncio. A escuridão da noite lá fora combina com o plano que acabaram de selar.

CAPÍTULO DOIS- A TRAIÇÃO E MORTE DE MARCOS.

Marcos, um homem forte, generoso, respeitado e empresário de sucesso, jantava com a esposa e os seus 5 filhos. Mas por dentro, o coração estava inquieto, ele desconfiava de algo. Desde que presenciou e notara chamadas e atitudes do sócio e da própria irmã, sentia que sua vida corria perigo. Mesmo sabendo que o Miguel, fazia planos para o matar, continuou trabalhando com ele.

- “Allô, Indira? Preciso que chames o Miguel Mendonça no meu escritório agora mesmo. Diz que é urgente!.”

- “Sim, senhor Marcos. Já vou ligar pra ele.”

Marcos desliga com força. Anda de um lado para o outro, sussurrando para si mesmo:

- Mas porquê ele está fazendo isso... Ele quer me tirar do caminho...

Poucos minutos depois, batem à porta. A secretária aparece:

- Senhor Marcos... o senhor Miguel já está cá fora.

- Manda entrar, por favor!.

Miguel entra com expressão tranquila, quase sorridente. Marcos indica a cadeira sem dizer uma palavra:

- Senta-te. – Marcos frio.

Miguel obedece, tentando manter o charme habitual. Marcos, servi-o uma taça de vinho:

- Obrigado, senhor... Mas afinal, o que se passa? Por que é que me chamou com tanta urgência?. – Miguel fingindo normalidade.

Marcos olha-o nos olhos, abre o envelope, mostra capturas de mensagens suspeitas, extratos de transações, e fotos de encontro com a Cláudia.

- Eu sei. Eu sei de tudo, Miguel. O plano. O roubo e a tentativa de assassinato. Tu e a Cláudia. Tudo para pôr as mãos nos meus bens.

Miguel arregala os olhos e finge choque:

- Que bobagens dizes, Marcos? Eu... eu nunca faria isso contigo.

- Não mintas, Miguel. Sempre te tratei como um irmão. Sempre partilhamos tudo. Eu só quis ajudar-te. O que mais queres? Meu lugar?. – Marcos olha sem desviar.

Miguel fica em silêncio, a respiração pesada:

- Eu amo-te, Miguel. De verdade. E mesmo sabendo que queres me matar ... eu ainda te amarei. – disse Marcos com lágrima nos olhos.

Miguel começa a gaguejar, fingindo indignação:

- Impossível, Marcos. Eu... eu nunca te faria mal... mesmo que o mundo me pagasse. Isso é invenção. Estás paranoico.

- Escuta só uma coisa: se me matares, tudo bem. Eu aceito, mas faz-me um favor.

- O quê? – responde Miguel baixo, desconcertado.

- Não toques nos meus filhos. Nem na minha esposa Maria. Não destruam a minha família, mesmo que destruam a mim. – Marcos com voz firme e com os olhos molhados.

O Miguel todo perplexo, levantou-se.

- Não estou entendendo, Marcos. O que pensas de mim hein!?

- Eu só quis ajudar-te...

O Miguel, sem hesitar, saiu do seu escritório às pressas!.

Na Noite seguinte. Miguel caminha de um lado para o outro com o telefone na mão nervoso:

-“ Allô? Cláudia? Atende logo!”. – Miguel liga apressado.

-“Allô, Miguel!! O que se passa? Estás ofegante...” – Cláudia atende tensa.

-“ Nem vais acreditar! O Marcos descobriu tudo...! Ele mostrou-me capturas, mensagens nossas... ele sabe que a gente quer eliminá-lo”. – Miguel baixando o tom.

- “ O quê? Como assim? Disseste alguma coisa? Ele gravou?”. - Cláudia em choque.

- Não,não... eu fingi surpresa, como combinamos. Mas ele não é burro. Vai nos expôr. Se ele abrir a boca, perdemos tudo!!.”

-“ Miguel...temos que agir agora! Ele deixou um testamento!”.

-“ Testamento? Como assim o Marcos deixou um testamento?”. – Miguel surpreso, parando de andar.

-“ Sim, deixou... eu descobri há dias!.”

-“ E como tu sabes disso, hein!? Quem te contou?”. – Miguel desconfiado.

-“ Eu tive que mandar um informante lá... na empresa dele. Uma rapariga aí... empregada. Ouviu ele a conversar com o seu advogado”.

-“ Mas... tu ficaste com isso tudo calado até agora!?”.

- “Não quis te alarmar... Mas com ele desconfiando, é questão de tempo!.”

-“ Então, esse testamento é o problema!.” – Miguel com raiva contida.

- “Escuta bem, Miguel... Temos que agir com cabeça. Se o testamento original existe, temos que encontrá-lo. E queimá-lo.” – Cláudia calculista.

- “Queimá-lo? E depois?”. – Miguel confuso.

- “Depois forjamos um novo. Um falso. Onde tudo pertence... a mim. E a ti, claro!. – Sem hesitar.

- “A ideia é boa e perigosa, Cláudia... Se descobrirem, vamos todos dentro!” – Miguel olha em volta.

- “Já estamos dentro, Miguel. Irei de contratar alguns homens... eles vão fazer o serviço esta semana... temos de acelerar. Vai correr tudo bem!”. – Cláudia fria.

- “Não podemos mais esperar. Vamos acabar com isso de uma vez”. – Miguel determinado.

A noite em Talatona estava calma, o céu estrelado e uma brisa suave entrava pelas janelas da casa da família de Marcos.

A noite estava calma, e na mesa grande da sala de jantar, o riso ecoava. Marcos sentado ao lado de Maria, observava com carinho os cinco filhos a comerem com alegria. Mas no fundo do seu peito, o coração batia inquieto. Algo o dizia que aquela noite seria diferente:

- Kilson, mastiga direito o arroz, senão engasgas!. – brincou o Marcos, sorrindo.

- Papá! O Tonilson tirou a minha carne!. – reclamou o Judilson.

- Tonilson, devolve a carne do teu irmão, ou amanhã vais comer sem sal!. – disse ele rindo.

- Papá, amanhã vamos ao parque?. – pergunta o Jonilson animado.

- Se Deus quiser, vamos sim, meu filho... - Marcos sorriu, mas seus olhos ficaram distantes.

Maria o olhava preocupada:

- Estás bem, Marcos?- ele apertou a mão dela por baixo da mesa.

- Meus queridos... não há riqueza maior que vocês. Amo-vos com toda minha alma!. – disse ele levantando o copo.

Todos brindam com sumo e risos, sem saber que aquele jantar ficaria para sempre marcado como o último momento de paz.

A noite já adiantava. O relógio marcava 21h30. A casa estava em silêncio calmo, apenas interrompido pelos risos suaves que vinham do quarto das crianças, agora adormecidas. No quarto do andar de cima, Kilson acabava de vestir pijama, pronto para se deitar. Encostou-se na cama e apagou a luz.

De repente, ouviu uma leve batida à porta:

Toque, toque...

- Kilson... filho...

Kilson levantou-se devagar, ainda meio confuso:

- Sim, papá... – respondeu caminhando até a porta e abrindo-a.

Na sua frente, o pai estava com a expressão séria, quase sussurrando:

- Não faças barulho, os teus irmãos já dormiram. Assim que terminares de te preparar, vem ter comigo ao meu quarto... para conversar.

- Aconteceu alguma coisa?. – franziu a testa.

- Depois falo... vem em silêncio, ouviste?.

- Tá bem, papá...

Marcos olhou-o por mais um segundo e desceu pelo corredor. O Kilson fechou a porta devagar, já sentindo o coração acelerar.

Já no quarto do casal, a luz estava suave. Maria sentava-se à beira da cama, com os olhos inchados de tanto chorar. Tentava disfarçar, mas a dor no peito transbordava no rosto. Marcos, de pé, de costas para ela, olhava pela janela como se procurasse respostas no escuro da noite.

Ouviu-se uma leve batida na porta:

- Papá, chamaste?. – era a voz do Kilson.

- Entra, filho... - disse Marcos, com um tom calmo.

Kilson entrou com passos lentos. Ao ver o rosto da mãe, parou de imediato:

- Mamã... o que se passa? Estás a chorar?. – perguntou com os olhos arregalados.

Maria forçou um sorriso, limpando o rosto rapidamente com as mãos:

- Nada, meu amor... é só... emoção. Sabes como sou. Às vezes choro por qualquer coisa.

Mas o Kilson não se convenceu. Olhou para o pai:

- Papá é sério?. Tá tudo bem?

Marcos de alguns passos, sentou-se ao lado deles e pousou a mão sobre o ombro do filho:

- Kilson... preciso que sejas forte agora. Há coisas que talvez ainda não entendes, mas vais precisar saber.

- O que será que aconteceu, pai?.

- Kilson... meu primeiro filho. Eu e a tua mãe te chamamos aqui porque precisamos te dizer algo importante. Tu és ... o início da minha geração. A minha continuação.

Kilson o encarava surpreso e confuso:

- Estás assustar-me, papá... - disse ele, tentando sorrir.

O Marcos não sorriu. O seu olhar era firme:

- Eu não sei o dia de amanhã, filho. Mas, se um dia me acontecer algo... se eu não estiver mais aqui... tu vais assumir o meu lugar do homem desta casa. Vais proteger os teus irmãos. Vais cuidar da tua mãe. Se algo me acontecer, Kilson, saibas que tudo o que construí será vosso.

Maria baixou o olhar, já lacrimejando. Kilson sentiu um frio na barriga.

- Já tratei testamento, o advogado Dr. Amílcar, meu advogado de longa data, tem tudo guardado, ele tem a missão de guardar o documento. Confio nele e vocês também o confie. Não confie em mais ninguém, principalmente no meu sócio e ... na minha irmã Cláudia. – Marcos firme e cabisbaixo.

- Mas por que estás a dizer isso agora? Papá, estás bem? Aconteceu alguma coisa?.

Marcos olhou fixamente nos olhos do filho:

- Só quero que estejas preparado. A vida às vezes muda de um dia para o outro. Tu tens um coração bom, Kilson... e vais ser um grande homem...

Kilson, mesmo com 10 anos, sentiu o peso da responsabilidade a cair sobre seus ombros. Kilson abraçou o pai forte, sentindo o peito pesar de medo e de amor:

- Papá... eu te amo muito. Não quero te perder tão cedo... não estou preparado para isso... - Kilson com voz embargada.

Marcos apertou ainda mais o filho nos braços, tentando conter as próprias lágrimas:

- Eu sei, meu filho... também te amo mais do que imaginas. Só quero que estejas pronto... por tudo.

A Maria, ao lado, já não conseguia conter as lágrimas. Ver aquele momento entre pai e filho. Marcos respirou fundo, tentando quebrar o clima tenso:

- Agora chega de drama,né!. Vem cá que vou te dar umas cócegas, só pra lembrar que ainda sou o teu pai!. – disse o Marcos esticando os dedos.

- Papá, não! Para, papá! Já tá bom!!. Hahahaah!!. – gritou o Kilson entre risos, tentando se afastar, mas já rindo alto quando o pai começou a lhe fazer cócegas na barriga e nas costelas.

Maria, mesmo triste, riu baixinho vendo a cena. Marcos finalmente parou, acariciou os cabelos do filho e o encarou com doçura:

- Vai descansar, filho... amanhã é um novo dia!. – disse ele, indo com Kilson até à porta.

Antes de sair, Kilson olhou para trás e sorriu:

- Boa noite, papá.

- Boa noite, meu filho... Te amo, viu!?. – Marcos baixando a voz.

- Também te amo, papá.

E Kilson saiu, deixando o pai e mãe sozinhos no quarto, com o coração de ambos apertado. Assim que o Kilson saiu e fechou a porta suavemente, o silêncio tomou conta do quarto. Marcos permaneceu parado por alguns segundos, olhando fixamente para a porta, como se tentasse gravar aquele momento para sempre. Então, virou-se para a Maria com lágrimas nos olhos e caminhou até ela. Sem dizer uma palavra, apenas a puxou com força para um abraço apertado, carregado de dor e amor. Maria se entregou ao abraço, pressionando o rosto contra o peito dele.

- Marcos... o que está a acontecer?. – sussurrou Maria.

- É só... um pressentimento. Mas te prometo uma coisa: o que for meu será sempre dos nossos filhos. Eles vão saber da verdade um dia. E tu... tu vais ser a mãe mais forte do mundo.

- Eu te amo. – sussurrou ela.

- Eu te amo mais ainda. Com tudo que sou. Obrigado por tudo, Maria... Por me dar essa família linda. Não sei o que seria de mim sem vocês... – respondeu ele, segurando o rosto dela com as duas mãos.

Maria o aperta ainda mais no abraço:

- Eu que agradeço, amor... Só peço a Deus que nada nos separe.

Ele se afasta um pouco, olha nos olhos dela com carinho e sorri, tentando disfarçar a inquietação no coração:

- Vamos dormir, minha rainha... Amanhã é um novo dia. – Ele dá beijo leve na testa dela.

- Anda, vai deitar... já tá tarde.

- Boa noite, meu amor... Que Deus nos proteja.

- Amém... boa noite, meu tudo. – Marcos já apagando a luz.

Eles deitam-se juntos. Poucos minutos depois, Maria já está entregue ao sono profundo. Mas Marcos permanece acordado, deitado de lado, os olhos fixos no teto. O som do relógio no criado-mudo ecoa na sua cabeça:

TIC-TAC... TIC-TAC...

Ele olha discretamente para o relógio: 00h05.

- Ainda nada... Se algo tiver que acontecer... vai ser hoje. – Marcos em pensamento, sussurrando.

Ele se vira lentamente para a Maria, que dorme em paz ao seu lado:

- Meu amor... se tu não acordar amanhã, cuida dos nossos filhos como sempre cuidaste de mim... - ele fala baixo, tocando o rosto dela, e beija a mão dela com carinho, respira fundo e fecha os olhos, fingindo dormir, mas o coração acelera.

O relógio digital ao lado da cama do Marcos marcava 03h05 quando, do lado de fora, os faróis de um carro preto se apagam lentamente. O motor desliga. O silêncio toma conta. Saem cinco homens encapuzados, vestidos de preto, luvas nas mãos, armas longas e silenciosas nos braços. Um deles, o líder, ergue a mão sinalizando silêncio aos outros:

- Rápido e sem barulho. Entramos, pegamos o alvo e saímos.

Os outros assentem com a cabeça. Caminham em grupo, pelo jardim da casa dos Santos. Conseguiram entrar discretamente do portão. Após atravessar o quintal silencioso, chegam à porta principal da sala. Tentam girar a maçaneta, forçam, empurram com o ombro, mas nada. A porta estava trancada por dentro. Impacientes, começam a perder o controle:

- Essa merda da porta tá bem trancada!!!. – bandido 1.

- ABRE A PORTA!!! MARCOS!!. – líder gritando, perdendo paciência.

Eles continuam a empurrar e bater a porta com coronhas das armas.

- MARCOS!!! ABRE ESSA PORTA!!! ANTES QUE NÓS ARROMBAMOS!!.

Do lado de dentro da casa, o barulho forte de pancadas na porta desperta a Maria com susto. Ela senta-se rapidamente na cama, assustada, e começa a ouvir vozes e gritos vindo do lado de fora:

- Marcos! Marcos! Acorda! Estão arrumar a nossa porta!! E estão a gritar pelo teu nome! Acho que é assalto!. – Maria tocando o ombro de Marcos.

Marcos já estava de olhos abertos, calmo, como se esperasse aquele momento. Levanta-se devagar:

- Fica calma, Maria... É hoje... - ele sério, mas calmo.

- Como assim? O que é hoje, hein Marcos?. – Maria assustada.

Sem responder directamente, ele pega uma camisa, veste-se apressadamente e sai do quarto. Vai quarto por quarto acordando os filhos. Primeiro bate levemente no do Kilson, depois entra:

- Kilson... acorda, meu filho! Levanta-te rápido... não faças barulho.

- Papá, o que se passa?. – Kilson sonolento.

- Sem perguntas agora. Vamos... - Marcos apertando o seu ombro.

Logo depois, os cinco irmãos estão reunidos no corredor, confusos e assustados:

- Pai... que barulho é esses?. – Tonilson sussurrando.

- Meus filhos... vocês vão entrar aqui... - Marcos baixando-se na altura do filho.

Ele abre uma pequena porta disfarçada, construída entre o armário do corredor e a parede, quase invisível. Um esconderijo que poucos conheciam.

- Fiquem aqui... não façam barulho nenhum. Não importa o que ouvirem... não saiam até alguém vir buscar vocês. É só isso que peço. – ele com os olhos marejados.

- Mas pai, e você?. – Jonilson confuso e nervoso.

- Eu amo vocês. Nunca esqueçam disso. Agora entrem... depressa!.

Ele empurra cada um com delicadeza. Por fim, olha para a pequena Velma.

- Te amo, minha princesa. Fica forte... como tua mãe... - Marcos beija a testa dela.

A porta se fecha devagar. Os gritos do lado de fora aumentam. O Marcos respira fundo, vira-se, e caminha decidido rumo à sala onde o seu destino o esperava. A Maria o seguia com passos rápidos:

- Marcos? O que estás a fazer? Não vais abrir essa porta, né!? Estás maluco?. – Maria angustiada, puxando o braço dele.

- É hoje, Maria... chegou o dia. – ele parando um segundo, olhando para ela com olhar pesado.

- Mas que dia, homem!?. – Maria quase chorando.

O Marcos não responde nada, toca na maçaneta da porta, respira fundo. Os gritos continuam do lado de fora:

- MARCOS!! ABRA ESSA PORTA!!!.

- Marcos... por favor... não faz isso... não os deixe entrar! Foge... ligue pra polícia... faz alguma coisa!. – Maria desesperada e chorando.

- Já tá feito, Maria. Eu só quero que saibas... eu vos amo.

Ele destranca a porta lentamente, a maçaneta gira. A Maria grita tentando impedir, mas já era tarde:

- MARCOOOOSS!!.

A porta se abre e cinco homens armados entram com brutalidade. Um deles aponta a arma directamente no peito do Marcos. Outro segura a Maria pelos braços, empurrando-a para meio da sala:

- NO CHÃO!! AJOELHA AGORA!!.. – bandido 1 gritando.

O Marcos obedece sem hesitar, lentamente ajoelha-se com os olhos fixos no chão. Um dos bandidos agarra a Maria pelo braço e a força a ajoelhar-se ao lado do Marcos.

- Por favor... não nos façam mal... temos filhos pequenos... por favor!. – Maria em prantos.

-Cala a boca!! . – bandido 2 agressivo.

A Maria tremendo, retira tudo do bolso da camisola:os cartões bancários, os telefones e atira no chão. Corre até à estante, pega as chaves dos carros e entrega:

- Está aqui tudo, tudo!! Levem tudo, mas nos deixem em paz... por favor...

- Achas mesmo que viemos aqui por roubo? Não, senhora... nós não viemos pra levar nada.

Ele olha de lado para o Marcos, que mantém a cabeça baixa:

- Viemos aqui... pra fazer um trabalho. Um serviço encomendado. Alguém poderoso... muito próximo de vocês... quer o teu marido e filhos de vocês morto. E pegar o testamento. Fomos bem pago para isso. – bandido líder frio.

Maria vira o rosto lentamente para o Marcos, em choque total.

Um dos bandidos, o mais inquieto, olha ao redor da casa, desconfiado. Ele se aproxima do Marcos e o encara com fúria:

- E os teus filhos? Marcos? ONDE É QUE ESTÃO ESCONDIDOS?. – bandido 3 ameaçador.

- Estão longe disso tudo... onde vocês nunca vão tocar neles. – Marcos olhando nos olhos dele.

- E O TESTAMENTO? ONDE É QUE ESTÁ O TESTAMENTO? FALA!!.

- Já é tarde... tudo já está escrito e selado. Se vierem pra me matar, façam. Mas os meus filhos... vocês nunca vão tocar neles. – Marcos olhando nos olhos do líder.

Irritado com a resposta firme do Marcos, avança furioso, sem dar tempo, ele desfere um soco no rosto do Marcos. O impacto é brutal, que o Marcos começou a sangrar pelo nariz:

- Tu pensas que isso aqui é brincadeira, velho!? Tás com peito de heró, né!?.

- Não façam isso, por favor... Pelo amor de Deus!!!. – Maria gritando, chorando em desesperos.

Ela tenta se aproximar do marido , mas o outro bandido a segura pelos brços com violência:

- Ele é pai dos meus filhos! Por favor! Não o matem... pelo amor de Deus!.

Do outro lado, dentro quarto escondido, abafado pelo silêncio. O Kilson, com o coração apertado, e com o rosto sério, levava pequena a Velma. Pega-a, que dormia tranquila nos seus braços, em meio ao caos e a coloca no colo do Jonilson:

- Kilson... onde vais? O papá disse pra ninguém sair... - Jonilson baixo, sussurrando preocupado.

- Pega nela... eu só vou ver... volto já. – Kilson baixinho.

- Kilson... por favor, não faç isso!. – Tonilson segurando o braço dele.

- Eu sou o mais velho... não posso deixar que eles toquem no papá e na mamã assim. Volto já!.

Empurra com cuidado a porta oculta, sai pé ante pé, evitando qualquer rangido. Chega ao corredor escuro, aproxima-se da sala, espreita e vê a cena chocante: o pai com o rosto ensanguentado, ajoelhado ao lado da mãe cercado pelos bandidos. Kilson tapa a boca com as mãos, tentando conter o grito de horror:

- Meu Deus... eles estão a matá-lo...!

- Onde está o testamento!!. Falem agora!!. – líder apontado a arma.

- O testamento não está aqui!! Está com o nosso advogado, chamado Amílcar... ele quem guardou tudo!. – Maria desesperada e chorando.

- Não estamos a brincar!! Diz onde ele mora!!?. – outro bandido gritando.

- Podem levar tudo... mas não toquem na minha família... - Marcos sangrando e ajoelhado.

- Nós viemos cumprir ordens! Ordens de pessoas grandes... que vocês confiaram...

- Tens que ser forte, dona Maria... porque hoje vais ser viúva. Meus pêsames antecipados!. – bandido líder.

- Nããããoooo!! Por favor!! Não faç isso!! Nós temos filhos pequenos!!.

Marcos olha pra Maria com lágrimas nos olhos, tenta se manter firme. Bandido, o líder, carrega então a arma:

BAM!BAM!BAM!...

15 tiros. O corpo de Marcos cai brutalmente no chão.

Do outro lado da casa, escondido atrás da parede, Kilson vê tudo e grita com dor:

- PAAAAAAIIII!!! NÃO!!!!.

- Alguém viu tudo!!!. – bandido 2 ao ouvir o grito.

- Peguem-no agora! Não pode escapar!. – líder gritando.

Kilson, com os olhos cheios de lágrimas, dá meia- volta e corre. Sai pelo portão da casa, em desespero. A rua está completamente vazia, silenciosa, apenas iluminada por poucos candeiros públicos. O Kilson corria velozmente pelas ruas. Os bandidos vinham atrás, mas cada vez mais distantes.

- Não posso parar... não posso morrer... - Kilson sussurrando para si.

De repente, avistou uma vala de lixeira ao lado. A vala era profunda, escura e malcheirosa, mas era uma chance. Sem pensar duas vezes, saltou lá dentro e se escondeu entre os sacos de lixos e restos de caixas:

- Aqui eles não me vão ver aqui...

Os passos dos bandidos ainda se ouviam por perto, mas logo começaram a abrandar:

- Txê, esse miúdo corre bué yeah! – bandido 1.

- Temos que o apanhar e matar. Cota Cláudia vai ficar brava. – bandido 2.

- E assim fazemos o quê, se o miúdo não está aparecer.

- Você é muito burro, uma criança dessa é pra te fazer transpirar assim!? Vamos só já explicar e acabou.

Eles se afastam lentamente, frustrados. O som dos passos some na distância.

Kilson, ainda tremendo, permanece escondido, sem se mexer, os olhos cheios de lágrimas e o peito a subir e descer com força:

- Eu vou vingar-te... pai eu prometo... - Kilson com voz baixa com dor e raiva.

O Kilson acaba adormecendo ali mesmo, encolhido, com rosto sujo e os olhos inchados de tanto chorar.

Algun tempo depois, ao longe, surgem duas sombras carregando objectos. Um deles trazia uma televisão grande, o outro uma botija de gás. Caminhavam pela rua mal iluminada, discutindo entre eles:

-Eu te disse vamos só levar a televisão, mas você levou a botija... agora olha o peso disso!. – Manucho irritado.

- Cala só essa boca, Manucho! Essa televisão aqui vai pagar nossas dívidas!. – Zé respondono.

Eles passam perto da vala de lixo, e Manucho para de repente:

- Pausa ainda... segura a televisão. Quero mijar!.

- Não demora só!. – Zé resmungando.

Manucho aproxima-se da lixeira, abre o frcho da claça e começa a urinar. Subitamente, vê algo a se mexer entre os sacos:

- Txê!! Isso é quê??!! Tem pessoa aqui!!. – Manucho assustado, recuando.

- Você tá maluco? Quem gostava de estar escondido no lixo?. – Zé desconfiado.

- Zé... traz ainda a lanterna... rápido.

Zé se aproxima, iluminando a lixeira com o telemóvel. A luz revela um menino deitado entre os sacos sujos, tremendo levemente. Os dois ficam imóveis por um instante:

- Esse nengue tá morto, Manucho! Olha só o estado dele!. – Zé assustado.

- Cala só, Zé! Espera...

Com cuidado, Manucho estica o braço e segura o pulso fino do Kilson. Por um segundo, fica em silêncio, concentrado. Depois suspira aliviado:

- Ele tá vivo... tá respirar! O pulso tá fraco!. – Manucho olha pro Zé.

- Esse assim, são aqueles putos que apanham lixo...

- Zé... vamos fazer alguma coisa... Não dá pra deixar ele aqui!. – Manucho olhando o Kilson com paixão.

- Você tá bater mesmo bem, Manucho!? Vamos levar esse miúdo aonde? E se ele é mbora feiticeiro.

- Hum, você fala à toa! Eu não vou lhe deixar morrer aqui! Vou lhe carregar nas costas!. Esse puto precisa de ajuda, e não de abandono!. - disse o Manucho decidido.

- Lhe mesmo bem... nem reage...

- Não tem feitiço aqui, phá! É uma criança ferida... - Manucho erguendo o Kilson devagar nas costas.

- Tás trazer problema, Manucho! Não sabemos se quem é ele... e se for uma gatuno!? – Zé nervoso.

- Se for, aprendeu com gente como nós... mas eu não vou ser o tipo de homem que vê um puto a morrer no lixo e vira as costas!. – Manucho já caminhando.

Zé suspira, resmungando, segue atrás. Caminham pela rua escura, com o Kilson desmaiado nas costas de Manucho. Só se ouvem passos e o vento de madrugada.

CAPÍTULO 3- LONGE DE CASA

O sol atravessava as frestas de uma janela mal tapada, iluminando aos poucos o pequeno quarto abafado. O cheiro de forte cheiro de liamba tomava o mar. Kilson abriu os olhos vagorosamente, confuso, com a cabeça pesada e o corpo dolorido. Olhou em volta e não reconheceu nada: um colchão sujo no chão, e o som distante de uma televisão ligada.

Sentiu um frio na espinha e as lágrimas vieram sem pedir licença. Tentou se levantar, mas as pernas tremiam. O medo era claro nos seus olhos. Olhou ao redor, assustado. Não havia sinal da mãe, dos irmãos, nem do pai. Então, começou a chorar.

- Mãe!!! Mamãaaa!!! – gritou com voz fraca.

Foi quando a porta abriu-se lentamente e apareceu um homem alto, de olhar duro, lábios pretos e barba por fazer. Era o Manucho.

- Acordaste, puto!?. – disse ele com voz rouca.

- Não chora, não vou te fazer nada. – Manucho assutado, aproxima-se.

Kilson recuou até encostar na parede, tremendo.

-Onde está o meu pai? Onde eu estou? – Kilson olhando em volta, confuso.

O Manucho se aproximou e agachou-se ao lado do colchão.

- Eu quero ir para casa... - chorava desesperado.

- Calma, puto! Eu não vou te fazer nada... escuta... tás na minha casa, te encontrei na lixeira... estavas a tremer bué, parecia já que nem respiravs! Mas tás salvo, tá bom? Você vive onde?. – Manucho segura-o no ombro.

- Eu vivo em Talatona com os meus pais e irmãos...

- Txê!! Mô nengue! Talatona!? E foste parar naquela lixeira como?. – Manucho surpreso.

- Eu eu... fugia dos bandidos... eles me perseguiam pra me matar!! Eles mataram o meu pai... eu vi tudo... - Kilson se encolhe e cobre o rosto com as mãos.

- Te matar, puto? Mas fizeste o quê?.

- Eu não sei, só sei que eles mataram o meu pai.

- Mataram teu pai? E a tua mãe e os teus irmãos?.

- Não sei, eu os deixei escondidos! A mamã nos escondeu!. Eles queriam o testamento que o meu pai deixou. Onde eu e os meus irmãos somos herdeiros...

- Teu pai então tinha buede kumbu?.

- Não percebi!?.

- Você não entende calão, puto?.

- Não entendo!.

- Txê mô nengue, aqui não é Talatona, aqui é Viana. Esses português difícil não!. Eu perguntei se o teu pai tinha muito dinheiro!?.

-Ahm, tinha sim. Tem empresas, casas e outros estabelecimentos. Por isso, que eles estão a me perseguir. As pessoas que estão por detrás disso, é o sócio do papá e a nossa tia, tia Cláudia.

- São bruxos! Um pequeno desses! Tens que lhes matar também!!

- Não, não posso fazer isso, o meu pai sempre ensinou-me que matar é pecado. – responde o Kilson.

- Se eles mataram o teu próprio pai, faz vingança puto.

-Não, eu não quero... só ainda muito criança... – fala Kilson, ganhando confiança do Manucho.

- Tá bala, puto... Agora tás salvo! Aqui ninguém vai te tocar!.

- Tio... qual é o seu nome?.
- Manucho. Me chamam de Manucho... e você?. – Sorri leve, se aproxima mais.
- Kilson... Kilson dos Santos... - Kilson respira fundo, com olhar triste.
- Tens um nome bonito, hein! Você é forte, puto... conseguiste escapar da morte. Deus te guardou. – Manucho coçando a cabeça.
- Obrigado por me salvar, tio Manucho...
- Eu não queria te deixar lá... Deus mandou te encontrar. – Manucho pousa a mão no ombro dele.

Era uma manhã cinzenta, o céu nublado refletia a tristeza que pairava sobre a casa que um dia foi cheia de alegria e união.

A Sra. Maria, ainda vestida de luto, caminhava pela sala vazia sentindo que o mundo desabava aos seus pés. A ausência do marido, o desaparecimento do primeiro filho mais velho, e a frieza dos que a rodeavam pesavam-lhe no peito.

Enquanto tentava alimentar os filhos mais novos, a porta principal foi aberta com força. A Cláudia entrou acompanhada de Miguel e de polícias, ambos com rostos fechados e com documentos em mãos.

– Maria, acabou o teu tempo aqui. Esta casa agora pertence a mim e ao Miguel. Está tudo no testamento!! – Cláudia seca.

- Como assim? O Marcos deixou tudo para os filhos! Eu vi ele escrever com as próprias mãos. – responde Maria confusa e chorosa.

- Viste, mas não tens prova nenhuma. O testamento foi lido. Tu não tens direito a nada. Como o meu amigo foi tão bom em não deixar nada para a você, idiota. – disse o Miguel irónico.

- E os meus filhos? por favor... - implora a Maria.

- Eles agora estão sob a minha responsabilidade. São sobrinhos, afinal... e se a mãe não tem onde cair morta, que fiquem comigo. O tribunal confiou em mim. - disse a Cláudia fria.

-Isto é mentira! O advogado do meu marido... o Sr. Amílcar sabe da verdade.

- O Sr. Amílcar desapareceu. Nem a polícia consegue encontrá-lo. Aceita, Maria. Acabou!. Por favor, polícias, tiram-na daqui!. – disse o Miguel friamente.

- O quê? Cláudia, por favor... pelo menos respeita o luto! Eu acabei de perder o pai dos meus filhos!. – Maria levantando-se lentamente.

- Respeito? A casa agora é nossa! Está escrito no testamento! A senhora não tem direito nenhum!.

- Não! Não podem fazer isso comigo... com os meus filhos, isso é desumano!. – Maria com lágrimas nos olhos.

- Vai chorar agora? Pois chore! Porque agora sou eu quem cuida do que é do meu irmão!. – Cláudia irónica.

- Por favor, senhora... Coopere... não queremos usar força! Há crianças presentes. – polícia acalmar.

Ela caiu de joelhos, abraçando os filhos menores com lágrimas nos olhos. Naquele dia a injustiça venceu... mas a verdade ainda estava guardada em algum lugar, no silêncio do advogado desaparecido.

Era uma manhã abafada, com o sol a bater forte no telhado de chapa da casa improvisada onde o Kilson agora vivia. O cheiro de motor misturava-se ao barulho dos carros que passavam na estrada próxima. Kilson, já com 12 anos, estava sentado num velho banco de madeira, limpando uma ferramenta suja, quando o Manucho se aproximou, com ar sério.

Manucho sentando-se ao lado:

- Kilson, já estás crescendo. Já é tempo de começares a fazer trabalho sério... hoje vais sair comigo.

- Que tipo de trabalho? – pergunta o Kilson assustado.

- Vamos cobrar uma dívida. E vais ter de levar isto. – Entrega-lhe uma arma embrulhada num pano.

- Eu... eu não consigo. Matar alguém, não. Eu não sou isso.- Responde Kilson assustado.

- Sabes, eu também dizia isso. Antes de ser bandido, eu era bem boelo como tu... estudava , sonhava. Mas a vida não me deu escolha. Os meus pais morreram e fui largado na rua. Um dia, para comer, roubei... e nunca mais parei, puto.

- Eu quero estudar, Manucho. Não quero ser bandido. Dá-me só esta chance.- disse o Kilson com olhos marejados.

- Estudar? Tu ainda acreditas que isso salva alguém?Mas... talvez tu ainda tenhas saída.

Após um longo silêncio, Manucho levantou-se, caminhou até a uma mochila e tirou alguns cadernos velhos.

- Toma. São teus. Mas não me desiludas, Kilson. Se decidiste esse caminho, segue firme. Porque o meu já não tem volta.

Naquele dia , Kilson sentiu pela primeira vez que poderia mudar o rumo da sua história. A arma ficou guardada, mas o caderno passou a andar com ele.

Era uma noite abafada, o céu coberto de nuvens pesadas parecia refletir o clima tenso no ar. Manucho chamou o Kilson pela janela.

- Veste-te. Hoje vais comigo.

- Onde?

- Vais aprender a sobreviver. Chega de ficar em casa só a lavar os carros.

Na rua deserta, o silêncio só era interrompido por latidos ao longe. Manucho parou em frente a uma loja pequena.

- Olha e aprende. Isto é rápido. Tu ficas de vigiar.

Kilson assistia com medo, o Manucho a assaltar com toda facilidade. Depois de alguns minutos, voltaram para casa com mochilas cheias de produtos roubados. Naquela noite, Kilson não pregou o olho.

Dias depois, Manucho colocou uma arma nas mãos de Kilson.

- Hoje é sério. Tu vais provar que tens coragem. Entra naquela loja e resolve. – mandou o Manucho.

- Eu... eu não consigo. Eu não vou matar ninguém! – disse Kilson tremendo.

- Estás a ficar mole, cassule...

Numa tarde, onde o sol de Luanda fervilhava, Kilson sentado na varanda, falou com os olhos cheios de dor:

- Eu não quero mais isto. Quero voltar a estudar... e quero vingança. Vou encontrar o Miguel. Ele vai pagar por ter matado a minha família.

- Estás a falar sério?

- Ele destruiu tudo. Eu vou fazê-lo pagar por tudo. Nem que seja a última coisa que eu faça. – disse o Kilson decidido.

- Este sim, é o Kilson da minha criação.

Pela primeira vez, o Manucho viu nos olhos de Kilson um fogo que não vinha da delinquência, mas da dor.

CAPÍTULO 4- VIDAS SEPARADAS

Passaram-se doze longos anos. Kilson, agora com 22 anos, era a imagem dura da rua: olhar frio, cabelos loiros e sempre com o chapéu abaixo.

Cresceu ao lado do Manucho, mergulhado no mundo do crime. Já não era o menino inocente. Era agora um bandido respeitado na zona de Viana.

Numa noite silenciosa, ele olhava as estrelas do quintal onde morava com o Manucho.

- Pai(Manucho), chegou a hora. Tenho de procurar os meus irmãos. Preciso de saber como estão... se ainda vivem... o meu pai, antes de morrer, disse-me que tenho de ter responsabilidades sob eles. Tenho de cumprir.

- Tu sabes que isso não vai ser fácil, né? O mundo mudou, e eles podem estar em qualquer lado. – disse Manucho fumando.

- Nem que eu procure até ao fim da minha vida.

Enquanto isso, no Cazenga, um dos quintais que o Malogrado Marcos deixou, onde a Cláudia escondia sofrimento. Os irmãos de Kilson viviam como prisioneiros.

Velma, agora com 18 anos, varria a sala como de costume. Era de manhã de sábado e como sempre, os filhos da tia Cláudia continuavam deitado, excepto o Josué.

O Josué, com ar misterioso, apareceu à porta com os braços cruzados.

- Velma, varre também o meu quarto, tá mesmo sujo.

- Já varri o teu quarto a pouquinho. – Respondeu a Velma, sem parar o movimento da vassoura.

- Varre só, não custa nada- insiste o Josué com um tom de mandão.

Velma suspirou, cansada das confusões, mas decidiu ir apenas para evitar brigas. Quando abriu a porta, o amigo de Josué, escondido atrás da porta, tentou segurá-la à força. Velma se assusta e começa a gritar desesperadamente:

- Larga-me! Larga-me por favor! O que é isso!? Socorroooo! Josué, o que estás a fazer!? Para! Me solta. – Velma gritando e chorando.

Neste momento, o Jonilson regressava para casa buscar a chave de fenda esquecida, quando ouviu os gritos. Correu depressa subindo às escadas.

-Velma!? – gritou ele.

Arromba a porta. Ao ver a cena, pega numa garrafa que estava ao lado da porta e lançou com fúria, e o Josué quando tentava acudir, atingiu-lhe, acabou ferido no braço. Velma, em prantos, caiu no chão.

- Ele está a sangrar, Jonilson! – disse a Velma desesperada.

- Eu só queria te ajudar! Ele te pegou!? Você está bem!? – pergunta Jonilson preocupado.

- Estou bem, Jonilson. Ele não me pegou.

Mesmo com o Josué sangrando, o Jonilson não importou- se e retirou-se com a Velma.

A noite estava quente e silenciosa, como se algo estivesse prestes acontecer. Velma ainda sentia o coração acelerado, o corpo tremendo pela tentativa de abuso que quase sofreu. Seus irmãos estavam fora e calados, sentindo que algo pior estava por vir.

De repente, o portão abriu, e um carro Mercedes Benz entra. Era a Cláudia, a tia chegando do trabalho. Assim que desceu e entrou, o barulho dos seus saltos no chão seco ecoava pelo quintal. Assim que entrou, seus olhos foram direto ao filho Josué, sentado no cadeirão(sofá) com o braço enfaixado e um semblante fingindo de dor.

- Meu filho, o que é isto no teu braço!? – pergunta a Cláudia furiosa e assustada.

- Mamã... Foi o Jonilson e a Velma... Só porque pedi para ela varrer o meu quarto... mamã eu nem fiz nada!. A Velma começou a gritar comigo só porque pedi pra limpar o meu quarto.

- Ahh mas isto já passou dos limites! Esses filhos da Maria pensam que aqui é casa da mãe deles!?. Disse a Cláudia com ironia e raiva.

Ela grita alto para a casa inteira.

- Chamem-me já os quatro! Velma! Jonilson! Tonilson! Judilson! Agora!.

Os irmãos sobem, confusos e assustados.

- O que fizeram no meu filho!?

- Mamã, vou explicar. – disse a Velma assustada e tremenda.

- Quem é tua mãe aqui, hein!? Nunca mais me chame deste jeito!. Não me expliquem mais nada, porque a ferida do meu filho já explica tudinho. Meu filho, explica agora o que te fizeram!

- Foi o Jonilson, ele me bateu sem motivos, nem fiz nada. Só fui buscar algo no meu quarto, enquanto a Velma varria.- Disse o Josué fingindo.

- Isso é mentira, tia!. O amigo dele queria me abusar sexualmente!. Isso não é justo, tia! Eu já tinha varrido o quarto de Josué, é que ele insistiu... e ... depois veio com o amigo dele, tentou me agarrar! O Jonilson só queria me proteger. – Advertiu a Velma chorando.

- Eu ouvi os gritos da Velma! Entrei correndo e só vi aquele tipo em cima dela! Peguei o que estava perto, neste caso, a garrafa... eu só queria proteger a minha irmã. – Acrescentou o Jonilson.

- É mentira, mamã. Estão a inventar.

- Ahh claro... como sempre, vocês são santos! Vão viver na minha casa, comer na minha casa à vontade e bater nos meus filhos!? Vocês vieram aqui pra destruir a minha paz! A vossa mãe foi esperta... largou vocês para mim! Agora querem transformar minha casa num caos!? – Ela aponta o dedo para os irmãos.

- A nossa mãe nunca nos largou... vocês que nos roubaram tudo... até o direito de não sermos tratados com a dignidade. – disse a Velma chorando.

- Um dia a verdade vai aparecer... a senhora sabe do que fizeram com a nossa família. – disse o Tonilson, calado, mas firme.

-Sabem o quê!? A partir de hoje, vocês vão comer do vosso suor! Nunca contem comigo! Fora da minha frente! E vê se aprendem... aqui quem manda sou eu! Só a Velma quem vai comer, mas bem pouco, pra não pensar que é princesa. Desaparecem daqui!!.

As noites em casa da Cláudia já não era as mesmas. Depois da agressão encoberta por Josué, a tensão aumentava a cada dia. A Velma carregava as tarefas de casa sozinha, com o peso de uma vida injusta. Já os irmãos Jonilson, Tonilson e Judilson, andavam diferentes. Mas calados... e com dinheiro demais para quem dizia que só lavavam carros.

Foi numa tarde abafada, que o amigo “Zé Ninguém” os reuniu ao lado de um beco, com um cigarro de liamba nos lábios e um olhar ardiloso.

- Meus cotas... vocês ainda vão morrer pobres se continuarem nessa de lavar carros. Queres dinheiro!? Entra no corre corre comigo.

- O quê!? – pergunta o Judilson.

- É roubo ligeiro, lucro rápido.

- Hum mô cota, isso é sério?!

- O vosso problema é duvidar muito. Vamos só na prática. Vão gostar.

Jonilson hesitou. Tonilson olhou o Judilson. A fome e a miséria falaram mais alto. Dias depois, os três deixaram a lavagem e mergulharam muito no mundo do crime e dos vícios.

Quando a Velma notou que os irmãos traziam dinheiro novo, roupas melhores, tênis caros. Ela questionou, com o rosto marcado pela desconfiança.

- Mano, diz-me uma coisa, por favor. Onde é que estão a tirar este todo dinheiro!? Nem lavam mais carros, as vezes não vejo vocês na oficina...

- Calma, mana... estamos a fazer uns corres corres ,só coisas nossas. – disse Judilson fingindo sorrir.

-Corres!? Isso não me cheira nada bem. Vocês andam estranhos. Estou preocupada convosco. – Velma insistindo.

- Mais logo vais saber, mana. Não pergunta muito. – disse o Jonilson.

Velma ficou com o coração pesado, sentindo que estava prestes a perder os irmãos para um caminho sem volta.

Naquela tarde, Edna desesperada para impressionar o namorado e os seus amigos. Foi atrás da Velma com um sorriso falso e uma atitude mandona:

- Olha, Velma. Tenho visitas hoje. O meu namorado vem com os seus amigos. Faz um favor, cozinha para mim aquele arroz que tu fazes... Te dou uns kwanzas, prometo-te. – Pede a Edna.

- Está bem, Edna. Deixa só terminar de lavar essas roupas que já vou.

Velma, saiu para fazer compras. E regressou à casa e começou a preparar o almoço mais esperado da Edna. No entanto, a Velma saiu para continuar a lavar as roupas. Enquanto ela estava fora, Edna, ansiosa, foi até a panela e provou o caldo.

-Humm... ainda sem gosto, sal não chegou. Deixa meter sal!- Despeja exageradamente o sal. Agora sim.

Passando-se alguns minutos, a Velma entrou novamente na cozinha para poder controlar o cozido.

- Ih, esqueci-me de por o sal. Quando a Velma retornou, sem saber do excesso, adicionou mais o sal.

Finalmente, os convidados chegaram, e o jantar foi servido. Os pratos estavam servidos com o todo “charme” que a Edna conseguiu improvisar. Os amigos do namorado chegaram sorridentes, famintos... e desprevenidos:

-Uau!! Hoje é banquete mesmo! Já me disseram que a tua dama cozinha bem. – disse um dos amigos.

- Claro né, irmão. Aqui é qualidade! Vais ver só... - frisou o namorado.

Todos se serviram. Na primeira garfada... o sabor explodiu. Mas não era de boa forma.

-Eh... hum... tá gostoso sim. Só que, é impressão minha ou a comida tá gritar “sal”?- disse um dos amigos, enquanto mastiga disfarçando.

- Irmão, isso daqui podia desentupir o Mussulo de tanto sal!- Disse o amigo já a suar.

- Eu juro... não é sempre assim. Acho que hoje a cozinheira ficou... inspirada demais!- advertiu namorado olhando em volta, tentando engolir.

Amigo, pegando o copo d’água rápido – A minha língua já está a pedir socorro, tipo: alguém me salve desse mar.

-Eu não sei se almocei ou se tomei banho de sal yeah!- disse um dos amigos rindo e abanando a boca.

-Só comam devagar... fingem que é peixe seco. Advertiu o namorado com vergonha.

- Irmão, me leva no hospital ou no deserto. Porque depois disso, nem sede eu vou sentir por uma semana!- disse um dos amigos se levantando.

-Oh ! Já vão!? –pergunta a Edna.

- Sim, já vamos.

- E nem comeram!?.

- Eh, desculpa só, a tua comida tá horrível. Quase morri de tensão.

A Edna foi rapidamente à mesa e prova a comida mais saldagada do mundo.

- Ai... mas que raio de sabor é esse!? Eu só pus um bocadinho de sal... será que a Velma fez de propósito!?.

Os convidados tentam manter a postura.

Edna, foi uma honra! A comida... foi uma experiência... inesquecível. – disse um dos amigos.

- Sério, muito obrigado. Eu... eu nunca vou esquecer este almoço. Boa tarde!.

-Obrigado, bros. A gente marca outra refeição num restaurante. Despediu o namorado tímido.

Os amigos saem tentando não rir alto, quando a porta se fecha.

- Velmaaaaaa- grita a Edna.

- O que foi, Edna!?

- Tu estragaste o almoço! Tu puseste sal demais, isso era para impressionar e envergonhar o meu namorado!.

-Mas... eu não sabia que já tinhas posto sal.!

- Cala-te, estúpida!Estás sempre estragar tudo! Queres competir comigo? Só sabes lavar , varrer e agora nem cozinhar sabes!. – disse Edna chorando e irritada.

- Não me insultes, Edna. Tu é que não sabes nem fritar ovo, e vens culpar quem cozinha!.

O namorado tenta conter:

-Calma, Edna... ela só tentou ajudar. Já passou.

- Não me toques! Ela vai ver. Era o almoço que ia mostrar que sou uma dama... agora eles acham que nem peixe sei temperar. – disse a Edna chorando.

Velma correu pro quarto em lágrimas. No fundo, sabia que aquela casa nunca a veria como família. Velma soluçando sozinha: “Por mais que eu tente fazer bem, nunca é

suficiente. E os meus irmãos ... Deus, o que eles andam a fazer!?” Tudo estava desmoronar. E o que estava por vir... seria ainda pior.

CAPÍTULO 5- Entre o crime e a redenção

Era uma noite abafada. O céu, coberto de nuvens densas, parecia refletir o peso no peito de Kilson.

Sentado numa cadeira velha de madeira,, na casa humilde de Manucho, ele olhava para o chão, perdido em pensamentos.

- Kilson, tá na hora de parar com essas dúvidas. Temos a oportunidade grande amanhã.

O cofre daquele supermercado do Benfica vai estar carregado... É o nosso momento, ouviu!?. – disse o Manucho fumando liamba.

Kilson olhando-o sério:

- Manucho... já te disse que eu não quero mais essa vida. Tô cansado. Eu cresci, já não sou aquele miúdo do lixo que me recolheste.

- Então, vais me virar as costas? Depois de tudo que te ensinei? Depois de te dar teto, estudos, comidas e proteção?.

- Eu sou grato, Manucho. Você, te tornaste um pai para mim... Eu quero encontrar os meus irmãos... descobrir a verdade sobre o meu pai... e me livrar desse peso todo.

-A verdade não enche a barriga, Kilson. Vingança não se faz com lágrimas... se faz com poder.

Kilson erguendo-se:

- Pois é. Mas eu não quero poder à força. Eu quero redenção... quero honrar o meu pai. E eu vou conseguir isso. Nem que eu tenha que andar sozinho.

O silêncio invadiu o ambiente. O som distante de cães ladrando e o farfalhar do vento nas frestras da casa foram tudo que se ouviu depois. Kilson saiu, deixando o Manucho pensativo.

Era um final da tarde nublado. Kilson, agora com 22 anos, vestiu-se discretamente. Caminhou pelas ruas de Talatona, pensando que a tia Cláudia residia lá, com misto de ansiedade e nostalgia. Muito havia mudado, mas a poeira e os sons da vizinhança ainda lhe eram familiares.

Fala interna do Kilson “Será que a minha mãe ainda está viva? E os meus manos? Como será que cresceram?”

Ao dobrar uma esquina, encontrou um antigo vizinho, o tio Raimundo, agora com cabelos brancos e bengala.

- Boa tarde, tio Raimundo.

- Boa tarde sim, precisas de ajuda?.

- Não, tio Raimundo! Lembraste de mim?

- Não, não meu caro jovem! Como sabes o meu nome?

- Tio Raimundo, é sou eu, o Kilson. Filho do Sr. Marcos.

- Meu Deus... Kilson? És mesmo tu? Estás vivo, rapaz?

- Sim, tio Raimundo. Estou vivo.

- Eh Santo Deus! Venha e senta-te aqui.

Eles sentaram nas cadeiras:

- Oh! Meu rapaz!. Onde andaste?.

- Estou sempre, tio Raimundo. É uma longa história. Mas, digo-te que estou a morar em Viana.

- Você deixou a tua mãe muito mal...

- Sei disso mesmo... Mas, tio Raimundo... diga-me como foi o enterro do meu pai... a mamã, ninguém nunca me disse nada.

-Ah, meu filho... foi duro. A morte do teu pai abalou o bairro todo. Mataram-no sem piedade... o enterro foi tão rápido. Só alguns vizinhos foram. A tua mãe chorava como se o mundo tivesse acabado ali. – explica o Raimundo baixando o olhar.

- E depois? E o que fizeram com ela?.

- Uns dias depois, a irmã do teu pai, a tal Cláudia, enxotou a tua mãe daquela casa. Disse que o testamento deixava tudo pra ela e o suposto sócio. Mas nós sabíamos que era mentira.

- Eles tiraram tudo da mamã!? E nós?, os filhos?. – pergunta o Kilson com punhos fechados.

- A tua mamã foi enxotada de uma forma indescritível, parecia como uma escrava... Chorou tanto naquele dia, Kilson... Levou os teus irmãos com ela. Lembro-me como se fosse hoje. A polícia nem quis se meter. A Cláudia tinha documentos.

- E o senhor não sabe o paradeiro da tia Cláudia e dos meus irmãos?

- Não, disso não sei. Depois de tanto sofrer, dizem que foi viver numa província...

- Juro que um dia, essa injustiça vai ser paga. Farei vingança. Nem que seja a última coisa que eu faça. – disse suspirando profundamente.

- Tu tens o sangue do Marcos nas veias. Ele era um homem justo.- Disse o Raimundo colocando a mão no ombro dele.

- Eles vão pagar. Tudo pelo pai, pela mãe e por nós. – disse o Kilson com raiva nos olhos.

- A vingança pode demorar, mas não te deixa consumir pelo ódio. Lembra-te do que o teu pai te ensinara. – aconselha o Raimundo.

- Lembro-me, tio Raimundo. Certas feridas não se curam com o tempo. Curam-se com a vingança.

Capítulo 6- O reencontro de sangue

Enquanto o Ranger ver avançava devagar pelas ruas, o carro luxuoso de cor branca e preta, com o vidro escuro semi- aberto. Lá dentro, o ar condicionado abafava o calor. No banco da frente, um jovem de tom de pele clara, de olhos azuis e corpo ginástico, observava atento pelo retrovisor. Seus olhos prenderam-se na figura simples e bela de Velma. Com o seu saco na mão, passos firmes e um brilho natural, mesmo com as roupas simples. Jaime fitava-a com um ar encantado, parecia hipnotizado.

- Jaime... estes carros nem estão a demorar de avariar!...

O Jaime nem prestava atenção no que o tio dizia:

- Oh Jaime!.

- Sim, tio!. – responde assustado.

- Estás a olhar assim a filha alheia por que?.

Jaime despertou disfarçando:

- Não... nada a ver, tio. Só estava distraído.

- Hum. Você!. Dizem que aqui tem uma oficina que reperaram muito bem carros. Indenpendemente do carro, eles arranjam...

O carro então parou na oficina onde trabalhavam Jonilson ,Tonilson e Judilson. O tio de Jaime estaciona o carro e saiu para falar com os rapazes:

- Boa tarde! Tá tudo fixe por aqui!?.

- Tamos aqui, boss. Só mesmo a aguentar o sol de Luanda e essa vida de mecânico. – responde o Jonilson limpando as mãos com um pano sujo.

- É só luta, mas tamos vivos, né. Bem-vindo ao nosso canto. – acrescenta o Tonilson.

- É assim mesmo, rapaz. Vocês é que são os mestres famosos ,né? Olha, o carro ainda é novo. Tá com um barulho estranho no motor. Vocês veem isso?. – pergunta o tio de Jaime.

- Somos nós mesmo,cota. Deixa estar conosco. Vamos tratar disso, chefe. Não leva nem três dias.

- Está bem, vou bazar no serviço. Deixo o meu sobrinho “Jaime” aqui para acompanhar.

- E vais como, sem o carro, tio?. – Pergunta o Jaime.

- Não, liguei pro Yango. Quando tiver pronto, leve o carro pra minha casa. Tchau.

-Tranquilo, irmão. Fica à vontade. Senta ali na cadeira, sobrinho do boss. Relaxa, aqui ninguém morde.- Disse o Judilson.

- Valeu, mano. Já tô a curtir esse ambiente, tá fixe. – afirmou o Jaime.

Enquanto eles começavam a trabalhar, Velma apareceu com o almoço num cesto e um sorriso simples no rosto. Vinha de casa, com passos apressados.

- Almoço chegou, meus manos!. Antes que comecem a cair de fome!.- disse a Velma.

- Eita, hoje é arroz com feijão e bife! Velma és a melhor irmã do mundo.

- Essa nossa irmã, Jaime... é cozinheira... só os pratos dela eh!.

Jaime, que olhava discretamente desde que ela chegou, arregalou os olhos ao ouvir “irmã nossa”. Surpreso e feliz, disfarçou com um sorriso tímido, mas os olhos não conseguiam desviar dela. Velma servia os irmãos, sem dar bola pro Jaime, mas ele não parava de a observar.

- Vais comer, sobrinho do boss?- pergunta o Judilson.

-Não, obrigado mesmo.

- Nós não temos nada feitiço eh!. – disse o Tonilson já mastigando o frango.

- Kkk. Nada a ver, cota.

E a Velma, levantou-se para voltar à casa.

- Manos, eu volto. – disse a Velma.

- Tá bala então.

Quando a Velma caminhava, o Jaime despediu aos irmãos que precisava pôr saldo, que na verdade perseguia a Velma para poder conhecer a sua casa. E finalmente conheceu.

Noite quente no Benfica, num bar de rua cheio de luzes fracas e música tocar alto ao fundo. Gritos, conversas, meninas de roupas curtas. Kilson e o seu grupo estavam sentados numa das mesas. Do outro lado, o Jonilson, Tonilson, Judilson e os seus grupos, também estavam ali. A tensão começou a subir...

- Epáh, meus niggas, já tá tudo calmo, né? Bebam, mas com juízo. Vocês andam muito emocionados.

- Esse mambo tá muito lento, vou ali arranjar mais uma birra. – disse um dos amigos de Kilson.

Dirije-se ao Judilson, pensando que é ele a servir...

- Oh! Chefe, manda só uma barra aí, tás a controlar?.

- Epáh, eu pareço um empregado? Pede no balcão, não me chateia. – responde o Judilson levantando uma sobrancelha.

- Fala bem, mô nengue! Só pedi uma birra.

- Qualê é a ideia então!? Ninguém aqui é teu nengue!. – responde o Tonilson.

O tom sobe, empurrões começam, Jonilson levanta-se, Kilson vê de distante a confusão. O amigo de Kilson tira uma faca debaixo da cintura e tenta avançar no Judilson.

Vendo isso, o Kilson se aproxima rapidamente:

- Para tudo! Larga já essa faca, bro!. – grita o Kilson.

- Calma, Jonilson!.

- Wy, ele tá me confundir...

O Kilson, começou a olhar bem nos seus irmãos.

- O que se passa então?. – pergunta o Kilson.

- Ele tá me mandar lhe dar birra... eu então sou Judilson, filho de Marcos e da Maria... quando tô maluco, tô mesmo.

- Eh... espera aí... esse teu nome... como é que te chamas mesmo!?. – pergunta o Kilson.

- Meu nome é Judilson, e então?.

- Sério!? Inacreditável!!. Vocês são meus irmãos!.

- Como assim, mano? Que brincadeira é essa?.- pergunta o Jonilson desconfiado.

- Eu sou o Kilson... o filho do Sr. Marcos e da Sra. Maria.

Os três irmãos ficam de boquiabertos.

- Eh, velho... não brinca conosco... o Kilson, nosso irmão já morreu, já é bué de tempo.

- Não morri não... estou vivo... o Manucho salvou-me. Desde aquele dia... mano... sou eu mesmo.- afirmou Kilson com olhos marejados.

Os três irmãos correm e abraçam o Kilson com toda força, lágrimas nos olhos.

- Manooooo... afinal estás vivo mesmo.

- Olha, vamos pra casa, onde eu moro, temos que conversar... a vida tem que mudar.

Na chegada à casa do Manucho, em Viana, já era tarde da noite. O Kilson quis tanto apresentar-lhe ao Manucho. Os quatros irmãos entram juntos. A casa é modesta, mas arrumada. O Manucho está sentado a ver TV, com uma garrafa de cuca e um cigarro na mão.

Kilson abrindo a porta:

- Meu cota, Manucho... tenho visitas...
- Visitas a essas horas, Kilson? Estás a gozar né?. – responde o Manucho erguendo a cabeça.
- Não é só visitas ... são meus irmãos, Manucho. Meus irmãos de verdade!. – disse Kilson a sorrir emocionado.
- Tipo... teus irmãos irmãos mesmo?- Manucho levanta-se surpreso.
- Manucho respira fundo e abre os braços:
- Entrem, entrem. Aqui ninguém dorme na rua... se são da família do Kilson, são meus também.
- Yeah, cota Manucho... somos mesmo os manos dele. Pensamos que ele tinha morrido há anos!.- confirma o Tonilson.
- É tipo milagre encontrar o mano agora... depois de tudo.- acrescenta o Jonilson.

Manucho caminha até a mesinha e abre uma gaveta:

- Aqui é casa de bandido, vocês querem o quê? Fumar liamba ou beber?.
- Fumar deixa pra depois, cota. Mete só umas birras aqui. – disse o Tonilson rindo.
- Uma nocal bem gelada já serve – disse o Jonilson.
- Tá tudo na boa... sirvam-se. – disse o Manucho buscando 4 garrafas de cerveja.
- Cota Manucho, se aproxima só um pouco para conversarmos!. Temos uma conversa séria... - adverte o Kilson com firmeza.

Ele se senta, pega a sua bebida. Há um silêncio breve. Kilson olha para cada um com emoção e fala:

- Meus irmãos... não vos imaginam a falta que me fizeram. Eu pensava que tava sozinho no mundo. – disse o Kilson.
- Nós também pensávamos que tinhas morrido, mano... quando soubemos que ainda tá vivo, foi como renascer!. – disse o Jonilson com olhos marejados.
- E a Velma? Ela tá onde?.
- Ela tá boa... tá crescida já... com 18 anos! Virou tipo nossa mãezinha. É ela quem segura tudo lá em casa.

- Mas... também sofremos bué... a Tia Cláudia nos trata como escravos. –acrescenta o Judilson.

- Nós ficamos a fazer de tudo mesmo pra ajudar... lavamos carros, mexemos na mecânica, mas o dinheiro não dá.

Kilson respira fundo, e diz:

- Isso dói... a mamã foi enxotada, não soubemos do paradeiro dela... vocês sofrem nas mãos da tia, e eu cresci no lixo com o Manucho. Mas agora ... já chega.

- Pensamos em sair daquela casa há tempos. Agora que te encontramos, queremos viver juntos, como irmãos.- Adverte o Jonilson.

- Então é isso. Vamos procurar uma casa, um lugar só nosso. A partir de agora, ninguém mais vai mandar na gente. Somos nós por nós. – disse o Kilson decidido.

Manucho levantando o copo:

-Assim é que se fala!. Família é família, sangue não fatiga sangue. Brindemos a isso, meus putos.

Todos: Á família!.

O relógio marcava 10h da manhã. O sol já brilhava forte em Luanda, e o movimento começava a ganhar ritmo. A Velma está na sala varrendo e olhando constatemente pro portão preocupada.

Velma, resmungando sozinha:

- Esses meus irmãos... passaram a noite fora de novo! Onde é que se meteram, meu Deus?...

Do outro lado, Jaime, impaciente, já estava à porta da oficina onde havia deixado o carro do tio. Esperava encontrar os rapazes prontos e o carro terminado. Mas para sua surpresa... nada. Nem sombra de Jonilson, Tonilson ou Judilson.

- Mas onde é que estes rapazes se enfiaram?- mumurrou o Jaime, apertando o volante do seu carro com frustração.

Decidido a não esperar mais, ligou o carro e seguiu direto para a casa deles, na tia Cláudia.

Chegando lá, estacionou com calma o seu carro e tocou ao portão de ferro. A porta se abriu... lá estava Velma. Cabelos soltos, expressão serena, vestida com simplicidade, mas com uma beleza de invejar, que o fez travar a respiração por alguns segundos.

- Bom dia!. Em que posso ajudar?- pergunta Velma um pouco desconfiada.

- Bom dia... desculpa, fiquei sem jeito por um momento... - Jaime sorriu, tentando disfarçar o encatamento.

- Os teus irmãos estão?.

- Não, não estão... aliás, eu também estou preocupada. Não chegaram desde ontem à noite. – respondeu Velma, franzindo o cenho.

Jaime tirou o telefone(Iphone 14) do bolso e tentou ligar para o Jonilson.

- Desligado... estranho. – murmurou o Jaime.

Velma cruzou os braços e disse com um suspiro:

- Já não sei o que pensar. Isso está a me deixar nervosa.

Jaime olhou bem nos olhos dela e, com voz firme e suave, disse:

- Fica tranquila, Velma. Se quiser, posso ajudar a procurar eles. Mas, eles sabem onde estão... não te preocupes.

Velma assentiu devagar, ainda apreensiva:

- Agradeço imenso, moço... já nem sei o que pensar! Eles disseram que iam só sair um pouco, mas sumiram assim, sem dizer nada... Porém, como sabes o meu nome?.

- Ephá, és irmã dos meus amigos! Impossível não te conhecer, os teus irmãos comentam sempre de ti...

- Hum, está bem então. Mas a tua cara não me parece estranho.

-Como disse a princípio... eu sou amigo dos teus irmãos. Não sei se te lembras, eu estive antes de ontem, quando vinhas com o almoço deles...

- Aaahm sim, lembro-me! O sobrinho do boss? Kkk- disse a Velma rindo.

- Teus irmãos são malucos... kkk. Chamo-me Jaime!.

- Prazer imenso, Jaime.

Jaime olhou em volta, tentando pensar:

- Vou dar uma passada nos sítios onde eles costumam ir... talvez possam estar lá...

- Sabes né! As vezes eles fazem coisas sem pensar. E com as companhias deles...

- Eu sei, Velma. Mas não vamos tirar conclusões antes da hora. Te garanto que eles, ainda hoje virão. Tu só não tentas te preocupar demais.

Velma respirou fundo contendo lágrimas:

- Obrigada, Jaime. És o único que estás a mostrar preocupação de verdade.

Jaime sorriu com sinceridade:

- Talvez porque... tu tens mostrado ser mais do que só irmã deles.

Velma ficou pálida, quando o Jaime, um jovem de tom de pele clara, de cabelos leves, estiloso, de 22 anos de idade. Olhava muito nela. E a Velma respondeu baixinho:

- Cuida-te então, Jaime... e se souber de algo, avisa logo.

- Com certeza. Qualquer coisa, eu volto aqui. – disse Jaime, virando-se para ir embora, mas ainda um último olhar para ela. Enquanto o portão se fechava, Velma ficou ali parada, com coração inquieto. Era preocupação? Ou algo mais começava a florescer dentro dela?.

Passando-se alguns minutos, o portão se abre. Entram Jonilson, Tonilson e Judilson, com ar cansado, mas sorridentes.

Velma larga a vassoura, e corre até eles:

- Onde é que vocês estavam?! Dormiram fora e nem disseram nada!.

- Velma, calma, calma. Nem imaginas com quem estivemos. – disse o Tonilson sorrindo.

- Com quem já?.

- Com o Kilson. O nosso mano.

- O quê!? Kilson? O nosso irmão mesmo. Estão a brincar comigo né?!.

- Tá vê problema da Velma! Duvida muito. – disse o Judilson.

- Não é brincadeira, minha irmã. Tá vivo, bem vivo mesmo. Ele até quer que nós vivamos juntos. – acrescenta o Jonilson.

- Kilson... meu Deus! Eu sabia... eu sentia.

- Ele vai mudar tudo, mana. Confie.

- Está bem, manos. Já ia me esquecer... o vosso amigo Jaime esteve aqui!.

- Eh, tava aqui?!.

-Vamos bazar agoraaa.!

E eles foram correndo pra oficina.

Já se passavam poucos minutos para 11h da manhã. O sol batia forte e o barulho dos carros misturava-se com a rotina do bairro. O Jaime estava encostado na parede da oficina, de braços cruzados, olhando o relógio com impaciência. Vestia uma camisa de cor branca, calça jeans e tênis, parecia muito inquieto.

- Mas esses senhores desapareceram pra onde?, meu Deus? Combinei buscar o carro hoje, e ninguém aqui dá sinal de vida... - murmurava o Jaime olhando em volta.

E os quatros apareceram na rua, suados e com cara de quem passou sem dormir. Carregavam mochilas, tentavam parecer normais, mas os passos apressados os denunciavam.

- Olha só quem decidiram aparecer... os famosos mecânicos do Cazenga. Estava quase a ligar pros bombeiros, pensei que vocês tinham sumido. – disse o Jaime.

Jonilson soltou um riso e bateu no ombro de Jaime:

- Calma, bro... só uns corre corre aí que atrasaram. Mas tá tudo sob controle.

- Corres? – Jaime levantou as sobrancelhas.

-Que tipo de corre é esse que vos faz sumir a noite toda e nem avisaram a ninguém? Velma tava preocupada, man.

Judilson meteu-se no meio:

- Cota, estamos vivos né? O importante é isso. O carro tá funcionar, impecável. Foi só uma saída rápida...

Jaime olhou nos olhos deles, percebia que havia mais do que diziam.

- Sei... só espero que esses corre corre não vos traga problemas. Porque quando os problemas chegam, eles não batem à porta, entram logo com tudo. – aconselha o Jaime.

Eles riram, tentando disfarçar, mas sabiam que ele não era bobo.

Passaram-se duas semanas. Já em casa, a Velma dobrava roupas no quarto, tranquila. Jonilson bateu a porta.

- Podemos entrar?.

- Sim, podem entrar.

- Feliz aniversário, nossa querida irmã...

- Muito obrigada, meus manos. – Velma chora de emoções e abraçaram-se.

- Temos aqui um presente que vai te deixar doida!. – disse o Jonilson.

- O que é?.

-Olha só o que temos aqui para ti. – disse Tonilson, puxando uma caixa preta decoradas de flores na mochila.

Velma desembalhou e ficou sem falas ao ver um Iphone 14 novinho.

- Meu Deus!Isso é... isso é Iphone 14? Onde é que vocês arranjaram o dinheiro?.

- Gostaste ou não? – brincou o Judilson.

- Claro que gostei , mas... expliquem. Isso é caro! Como conseguiram?.

Jonilson tenta ser convincente:

- Velma é só trabalho... uns raços nossos...

- Trabalho mesmo?.

- Velma, não complica... aceitamos te dar algo bonito. Tu mereces. Fica feliz, mulher. – disse o Tonilson.

Velma olhou desconfiada, mas o coração dela derretia por receber atenção e carinho. Abraçou os três:

- Obrigada mesmo de coração, meus manos. Eu só quero que fiquem bem. Nada de confusão, tá?.

-Tá, chefe.

Era uma tarde calma no bairro. O sol aquecia as ruas poeirentas. Do outro lado da casa, a Edna observava tudo pela janela, com os olhos brilhando de inveja, correu para contar à sua mãe Cláudia.

- Mãe! Mãeeee!.

- O que foi, filha?.

- Nem acreditas! A Velma ...

- O que fez?.

- A Velma já tá se metendo com homens, hein!. Apareceu com um telefone que nem eu nunca vi. Um iphone 14. Deve ter arranjado um papoite do arraso.

- O que quer dizer? Traga-a aqui. – disse a Cláudia irônica.

E a Edna foi chamá-la.

- Velma! Estão a chamar-te na minha mãe.

- Já vou, Edna.

E a Velma chega tremenda:

A Cláudia quando a viu, fechou o seu telemóvel com força. A Velma entrou com cautela.

- Sim, tia!?

A Cláudia apontou para o telefone na mão dela:

- Onde arranjaste isso!?

- Foi... foi um presente dos meus irmãos.

- Mentirosa! – gritou a Cláudia, recebendo o iphone nas mãos dela e arremessando contra a parede com força.

- Já tá se metendo com homens, né!? Queres que te engravidem e depois eu assumo né!? Só podes estar a brincar com a minha cara!.

Ela agarrou a Velma pelos cabelos e a arrastou até ao quarto dela, tracando a porta com violência.

Tu hoje vais aprender a não namorar – gritou a Cláudia, e começou a bater nela com tudo: chinelo, fio, chapadas.

Velma chorava:

- Tia... por favor... isso dói... pare, por favor.

Mas a Cláudia não parava. Foram mais de 40 minutos de agressões. Do outro lado, a Edna ria.

Quando finalmente parou, a Velma estava encolhida no canto, com o corpo cheio de hematomas.

Um dia depois, o Jonilson viu a Velma a sair do quarto de banho, com dificuldade. Notou as marcas nos braços.

- Velma... está tudo bem?. – pergunta o Jonilson preocupado.

- Estou bem, sim.

- Não me parece! O que aconteceu? E essas hematomas? Te bateram?.

- Não é nada... eu apenas escorreguei, caí nas escadas. Já estou melhor.

- Velma... eu te conheço. Essas marcas não são de queda. Quem te fez isso?.

Ela evitou o olhar:

- Jonilson, eu já te expliquei... caí. Vai passar.

Ele engoliu seco. Não insistiu, mas por dentro, o sangue já fervia.

Nos últimos dias, a Velma andava estranha... mas calada, mais fraca. Ela tentava sorrir, fingia estar bem, mas os olhos dela denunciavam o cansaço. Sentia febres durante a noite, suores, dores fortes na cabeça, mas sempre dizia aos irmãos que era só o cansaço.

Velma estava deitada na sua cama, enrolada num lençol, tremendo. Os lábios estavam secos, os olhos meio fechados. A testa suava e o corpo ardia.

TOC TOC TOC- o Manuel bate a porta.

- Velma! Velma!. – chamava o Manuel do lado de fora.

- Velma, abre lá! Só quero saber se tens máquina calculadora.

Demorou, mas a porta finalmente se abriu.

Manuel deu um passo atrás ao ver a Velma tão abatida. Ela segurava na parede, o rosto estava pálido, as mãos tremiam.

- Velma, o que se passa!?. – pergunta o primo Manuel espantado.

Velma tentou esforçar um sorriso:

- Nada... é só febre. Já tomei um paracetamol. Há de passar.

- Isso não é normal, estás a tremer toda! Não podes ficar sozinha assim.

Ela abanou a cabeça, como se quisesse parecer forte.

- Não te preocupes, Manuel... vai, vai. Só preciso descansar.

- Está bem, então. Mas qualquer coisa, me apita. Estou no meu quarto.

Mas antes que o Manuel desse dois passos pra sair, ouviu um TOC seco atrás de si. Era a Velma caída no chão inconsciente.

- Velma! Velma, responde!! Ai não, por favor, fala comigo, mana...

Sem tempo a perder, correu louco pelas ruas até a oficina onde os irmãos trabalhavam.

Os irmãos estavam concentrados num motor quando o Manuel chegou ofegante, suado, a gritar:

- Jonilson! Tonilson! Judilson! Rápido!!.

- Esse não tá sofrer de malária, por acaso?. – disse o Judilson.

- A Velma... a Velma...

- Mas a Velma fez o quê então?.

- Ela... ela caiu! Tá desmaiada! Nem se mexe.

Os três irmãos ficaram em choque, largaram as ferramentas de imediato.

- Como assim!? Onde?.- gritou o Judilson já a correr.

- Lá em casa! Ela tava muito mal... a tremer, com febre... depois caiu no chão.

Os irmãos começaram a correr incasavelmente.

Chegaram em disparada, encontraram a Velma ainda no chão, os olhos fechados, a respiração fraca.

- Velma!- gritou Jonilson ajoelhado.

- Maninha, fala comigo... por favor, não me assusta assim...

Tonilson pegou-lhe no pulso:

- Ainda respira... tá fraca, mas respira. Temos que levá-la já pro hospital!.

Pegaram-na com cuidado, envolveram-na no lençol e correram pro carro.

Os irmãos chegaram suados, apressados, com o coração nas mãos ao Hospital dos Cajueiros. Carregavam Velma nos braços, pálida, mole e quase sem vida. O Jonilson ia à frente, aos gritos:

- Doutor! Doutor! Socorro! A minha irmã tá a morrer, por favor.

Uma enfermeira apareceu com pressa e chamou o médico. O doutor, de bata meio aberta, saiu com o rosto tenso.

- O que aconteceu com ela!?

- Ela desmaiou em casa... tem febre há dias- disse o Tonilson pálido.

O médico fez um rápido exame e olhou sinais vitais no monitor.

- Ela perdeu muito sangue, provocada pelas feridas... Onde ela aleijou-se? Foi agredida? – pergunta o médico.

- Mas como isso é possível, doutor!? Ela só estava com febre.

- Não não, ela tá com hematomas no corpo... nos exames apareceu que ela sofreu agressões físicas, que causou isso. Olhem, isso aqui não é caso pra nós... o hospital dos Cajueiros não tem recursos necessários pra tratar esse nível de emergência. Ela precisa ser transferida pro um hospital privado. Estatais, não aconselho por causa da demora. Vão no Projeto Nova Vida, tem um hospital com especialistas cubanos capacitados.

- Não fala isso, doutor. Ela vai aguentar? – pergunta o Jonilson com olhos marejados.

- Se não levarem agora, podem perdê-la. Precisa de transfusão de sangue imediata.

Os irmãos ficaram de pânico.

- E se formos agora, ela não morre no caminho!? – murmurou o Judilson assustado.

O médico olhou firme:

- Se demorarem mais 30 minutos, talvez tenham mais o que salvar.

- Vamos já!! Bora!.

O Jonilson pegou Velma nos braços. A urgência já tinha virado desespero.

Chegando ao hospital do Golf 2, no Projeto Nova Vida, os irmãos entraram desesperados. O Jonilson carregava a Velma com lágrimas a escorrer nos olhos, enquanto os outros abriam caminho pela recepção.

As enfermeiras agiram rápido, colocaram Velma numa maca e a empurraram para o pronto-socorro. Os irmãos tentavam acompanhar, mas foram impedidos por uma enfermeira.

- Por favor... fiquem aqui fora. Vamos fazer os exames.

- Mas ela é nossa irmã! Não nos deixem de fora, por favor!. – implora o Jonilson.

- Claro, senhor. Vamos cuidar bem dela. Esperem só um momento. – disse a enfermeira.

Algum tempo depois.

O médico saiu, com uma expressão séria:

- Senhores... a vossa irmã estava a esconder sintomas fortes. Está com uma infecção generalizada, agravada por febres mal tratadas e desnutrição leve. Também tem hematomas que nos preocupam.

Os irmãos ficaram de boquiabertos. O Judilson perguntou em voz baixa:

- Hematomas? Como assim, doutor?.

- Ela foi agredida. Vocês sabiam? – pergunta o médico firme.

Os três irmãos se entreolharam. O Jonilson apertou os punhos e respondeu:

- Não... ela dizia que só tinha caído...

O médico suspirou:

- Foi mais do que uma queda. Ela está em coma. Vai precisar de tempo.

Os irmãos assentiram rosto pesado de culpa. Sentiram o coração a sair do lugar.

Era já à noite. No quarto branco e silencioso, com os aparelhos a apitar levemente, Velma jazia deitada. Os olhos fechados, ligada ao oxigénio, pálida e frágil.

Do lado de fora, os irmãos estavam sentados, inquietos. O Jonilson andava de um lado pra outro, com os olhos vermelhos, e o Tonilson estava com cabeça baixa, mãos juntas. Judilson mordida os lábios, tentando engolir o choro.

- Coma? Coma mesmo, Jesus... - perguntou Jonilson, com a voz a tremer, olhando o médico.

O doutor assentiu com a firmeza;

- Sim. A pressão dela baixou muito, e o corpo não resistiu. Agora é o momento mais delicado. Mas ela é forte.

- Mas doutor, ela dizia que era só cansaço e febre. Nós... nós só pensávamos em sair à noite, só nos corres corres. Somos culpados!.

Judilson agarrou no braço dele, com lágrimas nos olhos:

- Culpa não ajuda agora, mano. Vamos cuidar dela, como nunca cuidamos antes!.

Lá fora, o telefone de Tonilson tocava sem parar. Jaime aparecia no visor. Ignorou. Manuel também ligava... nada. Kilson também, não respondia.

É melhor assim. Ninguém tem cabeça pra conversar agora. – murmurou o Tonilson.

O telefone tocou mais uma vez. Tonilson olhou e viu: Manuel. Desta vez, respirou fundo e atendeu:

- Allô?

- Tonilson... mano... como é que tá a Velma? Ninguém atendia... fiquei mal aqui.

Houve um silêncio pesado. Tonilson apertou os olhos, tentando conter as emoções.

-Tá em coma, primo...

Do outro lado, o Manuel ficou mudo. A notícia caiu um soco no peito. Depois de segundo em silêncio:

-Coma? Mas como assim? Ela tava bem há dias... Isso é sério?.

- Tô aqui com o Jonilson e Judilson desde às 10h, o médico disse que a pressão dela baixou muito. Tá ligadas nas máquinas. É grave.

E saldo de Manuel terminou, resultando no corte da chamada.

Mais tarde, quando a Cláudia chegou à casa, onde o Manuel estava, animada como se nada tivesse acontecido, ele levantou-se devagar com o olhar duro.

- Sabes que a Velma tá em coma né?.

Cláudia franziu a testa, sem saber o que dizer.

- O quê!? Mas...

Manuel interrompeu, com raiva:

- Você nunca foste uma boa tia. Sempre trataste- a como lixo. Agora taí, fingindo surpresa. Se tivesse dado carinho, talvez ela tivesse falado o que sentia.

Cláudia cruzou os braços, encarando o Manuel com frieza;

- Quem você pensa que é. Você também não fala do que fizeram com o teu irmão Josué. Bateram nele e no pnto de o aleijar como se fosse um cão.

- Estás a comparar isso com a Velma estar em coma?. – responde o Manuel chocado.

- Ela também provocava. Agora estão todos aí a fingir que ela era um anjo. Mas quando foi Josué, ninguém chorou. -Disse Cláudia seca.

- Velma sempre foi uma rapariga calada e serena, sempre levpu na cara, e tu sabes disso. E ainda tens a coragem de dizer que ela merece!?. – disse o Manuel furioso.

A Cláudia encolheu os ombros, indiferente.

- Eu disse o que disse. Cada um colhe o que planta.

Manuel ficou a tremer de raiva, mas se conteve.

- És uma mulher fria... sem coração, parece que não tens filhos. Eles são filhos do teu próprio irmão. E eu espero que um dia sintas na pele o que é perder alguém de verdade.

Ele virou costas, coração apertado, e saiu.

O relógio marcava 22H00, o telefone de Tonilson tocava sem parar – Jaime outra vez. Finalmente ele atendeu.

- Allô? – Tonilson cansado.

- Tonilson? Amigo, onde é que puseste o telefone? Estou a ligar desde cedo. – pergunta o Jaime ansioso.

Tonilson suspirou fundo:

- Não estou em casa...

- Onde é que estás?.

- Tô no hospital.

- No hospital? Estás doente?.

- Não... a Velma está em coma! – responde o Tonilson lacrimejando.

Do outro lado, silêncio. Jaime engoliu seco.

-Coma? Como assim?. Não pode ser...

Tonilson confirmou com a voz pesada:

- É verdade. Estamos aqui desde de manhã... os médicos estão a fazer os possíveis.

Jaime olhou pro relógio- 22h20. Não pensou duas vezes.

- Estou à caminho. Não quero saber da hora. Vou já ter com vocês. – disse Jaime decidido.

-Mas é tarde...

- Mesmo que não me queiram aí, eu vou. Tenho carro. Localização?.

- Golf2(Projeto Nova Vida).

Tonilson ficou calado por um instante depois respondeu:

- Vem então.

Jaime chegou ao hospital por volta das 22h50, ofegante, com o coração acelerado. Era a miúda na qual esta apaixonado. Viu o Tonilson sentado num banco de pedra à entrada, com o rosto abatido. Aproximou-se com pressa.

- Tonilson... como ela tá?.

- Tá lá dentro... ainda em coma.

Jaime passou a mão pelo rosto, nervoso.

- Mas o quê aconteceu . O que é que a levou pro hospital assim?.

- Ela disse que caiu... - responde Tonilson olhando pro chão.

- Caiu? – pergunta Jaime confuso.

- Sim... mas ninguém acredita. O corpo dela tá cheio de hematomas, arranhões, marcas antigas e novas. Aquilo não é só queda.

- Alguém lhe fez isso. Vocês não têm ideia de quem pode ser?. – pergunta Jaime sério.

- Ela nunca falava. Guardava tudo. Só dizia que estava cansada e doía.

O silêncio caiu entre eles, pesado.

Dois dias depois, o Kilson estava sentado com uns amigos, rindo com o telefone de Manucho na mão. O seu telemóvel tinha estragado. O Manucho recebeu uma mensagem rápida “A Velma está em coma, Kilson.”

Kilson, leu uma, duas vezes. O sangue fugiu-lhe do rosto. Ficou pálido e imóvel. Os amigos notaram logo.

- Kilson? É quê então!?. – pergunta um dos amigos.

Ele não respondeu e levantou-se devagar, ainda com o telemóvel ainda na mão. O coração disparava.

- Coma? Velma? – Kilson fala baixo, para si.

Sentou-se de novo, mas a cabeça girava.

- O quê que eu fiz!?. – disse sussurrando.

O sol ainda mal nascia quando o Kilson chegou ao hospital. Estava nervoso, a andar apressado pelos corredores.

- Jonilson? Tonilson? Judilson? O que se passa com a Velma – pergunta Kilson desesperado.

- Não sei como explicar... só sei que eu sou o culpado de não proteger ela... - disse o Jonilson.

- Estamos aqui desde segunda-feira... - disse o Judilson.

E finalmente, veio o médico e logo chamou-os para ter com ele.

- Tenho uma notícia boa!.

- O que é doutor? – perguntam ansiosos.

- A Velma saiu do perigo... saiu de coma.

- Os irmãos suspiraram aliviados- Oh graças a Deus!.

Mas o médico continuou sério:

- Mas ela perdeu os movimentos das pernas. A medula foi afetada.

Kilson ficou sem palavras, apenas balançou a cabeça em choque.

- O que faremos mais, doutor?. – pergunta o Jonilson triste.

- Fazerem uma demanda a um fisioterapeuta e um psicólogo. Nós acreditamos que ela volta a andar... mas têm de ser rápido, se não, será um risco para ela.

- Quanto custa pagar nos dois funcionários?.

- São por apenas 15 milhões, com medicações.

- Por apenas? – sussurrou Judilson.

- Está bem, doutor. Faremos isso. – disse o Jonilson.

O silêncio caiu como bomba.

-Onde é que vamos arranjar esse todo dinheiro, Kilson? – pergunta o Judilson desesperado.

- Não sei, irmão. Mas vamos dar um jeito. Nem que a gente vire o mundo ao contrário. – disse Kilson firme.

Velma olhava o teto, quando os seus quatros irmãos entram felizes e emocionados.

- Como cresceste, minha Velma... - disse o Kilson abraçando-a.

- Graças a Deus, acordaste.

- Sim, acordei... É pela misericórdia de Deus. – afirma Velma.

- Vai passar, tá?.

- Tá, Kilson.

- Mas... tenho uma questão. Estou a sentir tudo, menos as minhas pernas...

- É que... - o Tonilson não conseguia responder.

Velma tentou mexer as pernas... nada. Tentou outra vez, com mais força, nada.

De repente, o desespero tomou conta dela:

- Me digam! Por quê que não sinto minhas pernas!? - grita Velma em pânico.

Os irmãos não conseguiam responder. Todos com os olhos marrejados. Ela começou a chorar, amargamente, o corpo todo a tremer.

Velma entre soluços:

- Não... não! Eu não quero viver assim! Por favor, diz-me que é mentira!.

Judilson segurou nela com força:

- Velma... calma... estamos aqui contigo.

Ela chorava sem parar, agarrada ao lençol.

O médico entrou pouco depois, com olhar sério.

- Mas o que está acontecendo aqui!? Velma, por favor. Não tenha medo. Vais precisar de tempo , paciência e força. Há uma chance de recuperação.

Todos ficaram atentos.

- Mas, pra voltares a andar, tens que seguir um tratamento intensivo... fisioterapia, massagens... e isso tudo custa caro.

Velma limpou as lágrimas, murmurando:

- Eu nem sei como viver assim... quanto mais pagar isso...

- Faremos os possíveis, minha princesa. – responde o Kilson.

Tonilson estava encostado num muro, com rosto cansado, os olhos fundos. Jaime aproximou-se com passos firmes:

- Como é, amigo?.

- Nas calmas, boss.

- Está evoluindo a situação?.

Tonilson suspirou, olhou nos olhos dele e respondeu com voz baixa, carregada de preocupações:

- A Velma acordou... graças a Deus. Mas... não sente mais as pernas, Jaime. Tentou se levantar e não conseguiu. Chorou como nunca vimos. O doutor explicou que, para ela voltar a andar, precisa de um tratamento longo, com fisioterapia, massagens e psicologia. E esse todo processo custa 15 milhões de kwanzas.

Jaime arregalou os olhos.

- 15 milhões!?.

- É um dinheiro que nenhum de nós tem... nem de perto. – disse o Tonilson.

Jaime ficou calado por alguns segundos, pensativo. E depois disse:

- Eu darei 5 milhões.

-Não, mano... não podemos aceitar isso. Tu não tens obrigação nenhuma. Não és de família. – disse Tonilson recuando um passo.

- É já um começo. – afirmou o Jaime.

Jonilson e Judilson que estavam também de perto, negavam com a cabeça.

- Agradecemos, mas a luta é nossa. – responde o Jonilson.

- Velma, por poucos momentos que eu a conheci... é uma menina meiga. Vocês sabem disso. Vós são meus amigos, eu não vou ficar de braços cruzados vendo os meus amigos a padecerem. Não se trata de obrigação. Trata-se de respeito. De sentimento.

Ele deu-lhes o cartão com firmeza nas mãos do Jonilson.

- Esse dinheiro, não vai me fazer falta, mas pra ela , poder ser diferença entre esperança e desespero. Por favor, deixem-me ajudar. – disse Jaime emocionado.

Os irmãos trocaram olhares em silêncio.

O Kilson, foi rapidamente ao Manucho pedir-lhe ajuda, no âmbito de roubar e ter os valores “15 milhões” de forma rápida. Os dias se passaram e os quatros irmãos, juntaram-se, desesperados por ver a Velma andar outra vez, tomaram o caminho na qual o Manucho os orientou para ter fácil acesso nos 15 milhões. Começaram a assaltar casas à mão armada. Cada noite era um risco, cada roubo um peso na consciência... mas também uma moeda a mais esperança.

Em dois meses, já tinham os 10 milhões, com os 5 do Jaime. Mas estavam mais frios, diferentes... carregados.

Velma continuava internada, magra, mas com os olhos mais vivos.

Era fim da tarde, quando o Jaime chegou ao hospital com um saco cheios de frutas, bolachas e buquê de flores. Bateu levemente na porta.

- Posso entrar? – pergunta Jaime sorrindo.

Velma sorriu, surpresa:

- Claro que sim...

Ele se aproximou, colocou as coisas ao lado dela e puxou uma cadeira.

- Lembras-te de mim!?. – pergunta Jaime.

- Tá me achando doida, né!?. Claro que sim, és o Jaime... o sobrinho do boss.. kkk. – responde a Velma sorrindo fraca, mas, verdadeira.

Eles riram juntos. A tensão desapareceu por uns instantes.

- Pois é, ainda lembras... Trouxe bananas, maçãs... e bolachas.

- Muito obrigada, mesmo Jaime. Não sei como agradecer-te.

- Nada por isso, Velma. Como está indo a sessão de fisioterapia!?.

- Está correndo muito bem. Os profissionais são tão gentis. – responde Velma sorrindo.

- Sabes... tu és mais forte do que pensas. Estou a ver a tua luta, tua coragem. E isso me faz...

Ele parou, olhou para ela com um sorriso misterioso.

E continua:

- Me faz gostar ainda mais de ti.

- Jaime, só tu mesmo pra veres além das feridas. Estou lutando em silêncio... mas Deus já está ajudando. – responde a Velma triste.

Ela desviou o olhar, tentando conter as lágrimas. Jaime, percebendo que o clima estava a ficar pesado, sorriu e levantou uma sobrancelha.

- Ei ! Se começares a chorar, eu vou ter que pedir um lenço emprestado ao segurança da port. E ele tem ranho permanente, cuidado. – Jaime brinca.

Velma soltou uma risadinha.

- Se se sorrisse mais um bocadinho, juro que te conto o dia em que caí na vala por tentar conquistar uma moça de bicicleta emprestada.

- Quêêêê! Andavas de bicicleta!?.- Velma rindo.

-Não andava de... por isso é que fui parar dentro da vala!.

Ela riu mais alto, encostando-se ao travesseiro. Jaime rindo:

- Tá a ver? Isso aí... é o som que eu gosto de ouvir. Promete que vais continuar a rir assim... por mim!?.

Velma olha pra ele, ainda sorrindo.

-Prometo... - responde Velma baixinho.

Depois de várias risadas, o clima no quarto ficou mais calmo. Velma ainda sorria, enxugando as lágrimas de tanto rir. Jaime recostou-se na cadeira, cruzou os braços com um ar pensativo.

-Sabes... ultimamente tem alguém que fala muito de ti. Diz que não consegue tirar-te da cabeça. – Jaime diz brincando.

Velma arqueou as sobrancelhas, intrigada.

- Alguém? Quem? – pergunta Velma.

-Não posso dizer o nome. Mas essa pessoa... diz que quer ver tua força, tua coragem, teu sorriso mesmo depois da dor... só fez os sentimentos crescerem. – Jaime fingindo suspense.

Ela ficou em silêncio, o coração acelerando.

- E essa pessoa... disse mais alguma coisa!?. – pergunta a Velma ansiosa.

Jaime inclinou-se ligeiramente para a frente, com um sorriso maroto.

- Disse que está completamente apaixonado. Mas... quer que tu adivinhes quem é.

Velma sorriu, meio tímida, meio provocadora.

- Hum... será que é o enfermeiro careca que sempre me chama de “minha paciente favorita”?.

- Olha que ele é suspeito mesmo! Mas não... é alguém mais bonito. – afirma Jaime rindo.

Velma olhando nos olhos dele:

- Então deve ser tu.

Jaime sorriu, sem negar.

- Talvez seja...

O silêncio agora era cheio de sentimento. E nenhum dos dois queria sair dali. Os dois se olhavam, e Jaime, depois de hesitar por segundos, respirou fundo.

- Velma... acho que já é hora de dizer o nome da pessoa que está apaixonado por ti... - disse Jaime suavemente.

Velma segurava o olhar dele, o coração acelerado.

- Essa pessoa chama-se ... - diz sorrindo.

Subitamente, a porta abriu bruscamente.

- Oh! Boa tarde!. Velma! Tás pronta pra massagens? O doutor tá à tua espera!. – disse o Kilson.

Jaime travou na fala, virou o rosto com um leve suspiro. Velma olhou pro Kilson, um pouco surpreendida.

- Agora? Mas ainda temos tempo... - adverte Velma.

Kilson olhou pro Jaime com desconfiança, depois desviou o olhar rapiadamente, seco.

- O tempo voa, Velma. E não podes perder nem uma sessão se queres voltar a andar normal, né!? – disse Kilson frio.

Jaime se levantou lentamente e educado.

- Eu já estava de saída.

- Boa ideia. –Kilson sem emoção.

Velma sentiu o clima tenso e tenta suavizar.

- Jaime... depois continuamos a conversa?.

Jaime sorriu levemente, com o coração meio travado.

- Claro... ainda falta eu te dizer... o nome.

Ele lançou um último olhar a ela, piscou e saiu do quarto calmamente.

Kilson ficou em pé, calado, como se nada tivesse acontecido.

Jaime já estava quase na porta quando o Kilson, ainda parado, falou de forma contida:

- Ei... Jaime, né?.

Jaime virou-se, desconfiado, mas manteve a educação.

- Sim. E tu deves ser o Kilson.

Houve um breve silêncio. Kilson deu um meio sorriso... mas frio, quase provocador.

- Já ouvi falar de ti, sobrinho do boss. És tu quem forneceu 5 milhões por tratamento, né?. – pergunta Kilson com o olhar fixo.

- Também ouvi falar de ti. Sim, sou eu quem forneci, irmão da Velma, certo?. – responde Jaime sem baixar o olhar.

Kilson cruzou os braços, encarando-o de cima a baixo.

-Hum. Só espero que não estejas aqui a confundir carinho com oportunidade.

Jaime manteve-se calmo, mas firme.

- Não vim confundir nada. Só vim estar ao lado de quem passou por muito... e ainda tá de pé.

O olhar de Kilson endureceu, mas antes que dissesse algo, Velma cortou com a voz firme:

- Chega, Kilson. Ele é meu amigo. E tem me ajudado quando muitos me deixaram.

Kilson respirou fundo, fingiu um sorriso forçado e disse:

- Tá bom então. Vamos, antes que o doutor pense que já desististe.

Jaime deu um último olhar a Velma, e acenou com a cabeça e saiu.

Mas dentro dele, a frase ficou presa:

“A pessoa apaixonado por ti... é sou eu”.

Passou-se mais um mês. Velma com esforço e persistência, finalmente voltou a andar. Já não precisava de ajuda para se levantar, e os passos, mesmo ainda meio lentos, eram firmes. O dia da alta chegou, o dia que todos esperavam.

O carro parou em frente à casa. Quando a porta abriu e Velma saiu andando sozinha, com um pequeno sorriso e lágrimas nos olhos, Manuel correu até a ela.

- Velmaaaa! Minha prima querida... tu venceste. – disse Manuel abraçando-a .

- Não foi fácil, primo... mas voltei de pé.

O abraço dos dois foi apertado , cheio de cumplicidade. A Cláudia olhava de cima de casa, com os braços cruzados e o rosto impassível. Não disse nada... mas não impediu nada também.

Já era à noite, quando os quatro irmãos, sentados num banco, Jonilson tomou a palavra:

- Amanhã, bem cedo mesmo, a gente vai na nossa casa nova, no Benfica. Tem duas salas, três quartos e quintal. Espaço pra recomeçar.

- E a tia Cláudia... nem sabe disso?. – pergunta Judilson.

- Nem precisa saber. Já fizemos demais aqui. Agora é hora de termos nossa vida. – afirma o Jonilson.

Todos assentiram, sem muita palavra. O momento era sério.

- Mal posso esperar pra dormir sem ouvir a Cláudia reclamar do meu andar. – disse a Velma sorrindo.

Eles riram.

Tonilson olhou para os irmãos, determinado:

- Vamos bazar mesmo cedo, antes do sol nascer. E vamos viver... como família de verdade.

Ainda era madrugada. O bairro dormia em silêncio, e a brisa fria tocava os rostos com leveza. Eram 5H30. Os irmãos já estavam prontos, sacolas ao ombro, os olhos descretos e passos leves.

Velma saiu do quarto com coração apertado, mas firme. Caminhou até a porta com os irmãos, e quando estavam prestes a sair, Manuel, o primo, apareceu no corredor, ainda meio sonolento.

- Velma! Onde vais com as tuas malas?.

- É que já conseguimos uma casa, e temos que viver juntos em paz... - disse Velma sussurrando.

- É melhor assim, primo. A casa tá pronta, no Benfica... a gente vai começar de novo, mas não fale pra tia Cláudia, confiamos em ti. – disse Tonilson.

Manuel olhou pra todos com olhos de quem entendia, mas também sentia. Aproximou-se da Velma, abraçando-a apertado.

- Prometo-vos que eu não contarei pra ela, até Deus vir. Te cuida, Velma. Tu mereces boa coisa.

- Obrigada, melhor primo. Nunca vou esquecer o teu apoio.

- Vão em paz, e que Deus vos acompanhe.

Saíram em silêncio, um a um, carregando não só malas, mas memórias.

Cláudia continuava dormir, sem saber de nada.

Lá fora, o carro azul e branco(quadradrinho), os esperava. Velma aparecia na porta com uma mala atrás da outra.

Primeiro um saco grande. Depois o outro. Depois uma mala com rodas que fazia barulho. Depois um balde com tampas, depois um saco de roupas dobrado com lençol por cima.

Judilson, que já estava com dois sacos ao ombro, virou-se com os olhos arregalados.

- Mas Velma, não é pro malê. Estamos a mudar de casa ou abrir uma loja no Benfica?.

Velma riu baixinho.

- É o essencial...

- Se isso é o essencial, eu tenho vivido em pecado com o desnecessário!. – disse Judilson pegando num balde.

Ela tentou carregar amis uma mala mais uma mala e quase caiu.

- Velma, calma... Só voltaste a andar agora, não é pra fazer maratona de mudança. – Judilson indo ajudá-la.

- Essa nossa mana quer levar até o ar do quarto dela... - acrescenta Tonilson rindo.

- É que no Benfica quero começar com tudo arrumadinho. Até os lençóis combinando!. – disse Velma sorrindo.

Todos tentavam conter as risadas para não acordar ninguém, e ao mesmo tempo iam jogando as tralhas dentro do carro.

O clima leve contrastava com a despedida silenciosa... e assim, entre risos e malas barulhentas, a família partiu para o Benfica.

Capítulo 6- O PRESENTE E A NOVA CONEXÃO

A noite chegou. A casa ainda cheirava a tinta nova e cimento fresco. Não havia móveis bonitos, só esteiras, camas no chão e sacos servindo de almofada. Mas havia paz.

Todos estavam sentados no chão da sala principal, com pratos de arroz simples e feijão, rindo e conversando.

- Olha, se nós continuarmos assim, vamos ter de dar o nome à casa ; Palácio dos sobreviventes!. – disse Judilson comendo e rindo.

- Não! Casa da Promessa! Porque aqui ninguém vai mais dormir com medo. – adverte o Tonilson.

Velma apoiada numa almofada improvisada, com um cobertor nos joelhos, olhou para os irmãos com gratidão.

- Eu só quero agradecer a vocês... por não me deixarem pra trás. Se não fossem vocês... eu nem sei.

-Tu és nossa irmã, Velma. Sempre foste. E agora, nesta casa, somos só nós. Sem medo, sem gritos, sem humilhação. – disse Kilson firme e sério.

Silêncio por alguns segundos. Todos sabiam o que aquilo significava.

Judilson tentado quebrar o clima:

- Agora, é só avisar, quem acordar tarde vai varrer todo quintal!.

- Então, já te ofereceste, né?. – Velma rindo.

- E amanhã vamos buscar as panelas que ficaram no carro do Tio Totó. Esse tio manda nome yeah!. – brinca Tonilson.

Risos entre eles.

Kilson, sentado encostado à parede, olhou o teto com os olhos cheios d' água, mas sem chorar.

- Não temos luxo... mas temos liberdade. Isso vale mais que tudo. – afirma o Kilson.

Todos assentiram. A luz da lâmpada tremia, o silêncio do nairro era reconfortante.

Era o começo de uma nova vida.

Logo de manhã, os cinco irmãos se reuniram com energia renovada. O sol batia forte no quintal, e apoeira dançava no ar.

Velma distribuiu panos baldes e vassouras com autoridade:

- Hoje ninguém escapa! Vamos deixar esta casa a brilhar antes de pôr qualquer coisa aqui dentro.

Kilson, com lenço na cabeça e vassoura na mão, sorriu:

- Sim, chefe Velma.

- Pelo jeito, vamos tirar até o pecado que o pedreiro deixou nas paredes! – disse o Judilson suado.

Risos.

Tonilson lavava as janelas enquanto cantava desafinado, e Judilson reclamava:

- Se continuares a cantar assim, vamos enxotar até os vizinhos, não só de poeiras.

!.

Horas depois, a casa estava limp. O chão brilhava, quartos estavam cheirosos , e o quintal, livre de mato e lixo.

No fim da tarde, Kilson e o Jonilson chegaram com cadeirões, estantes, ar condicionado e flores para decorações, adornaram a casa.

- Olhem o nosso trono, agora sim, temos uma casa de verdade. – disse Kilson orgulhoso.

- Testado e aprovado pela rainha da casa!. – acrescenta Velma.

-Velma... isto aqui é pra ti. – Kilson sorrindo.

- O quê? Que caixa é essa?. – Velma confusa.

Ele entregou com calma. Ao abrir, lá estava num iPhone 14 novinho, ainda embalado.

- Kilson!!! Sério isso?. – Velma boquiaberta.

- Não é loucura. É reconhecimento. Tu mereces. E agora vais precisar... porque já tens vida nova.

- Agora sim vais postar até a fumbua da noite nos estados. – brinca Judilson.

Velma ria e chorava ao mesmo tempo de emoções.

Naquela mesma noite, sentada no quarto dela, já com o telefone ligado, ela viu o número conhecido online: Jaime.

Ela respirou fundo... e decidiu escrever.

Mensagem enviada:

“Oi, Jaime. Estou de volta. E tô bem. Acho que agora... podemos terminar aquela conversa...”

Segundo depois, ele respondeu:

“Velma? Que bom te ler. Senti tua falta todos os dias. Podemos sim. Estou só à espera do momento certo pra dizer o nome da tal pessoa... que está apaixonado por ti.”

“Está bem, Jaime.”

E ali, entre mensagens, sorrisos e novas esperanças, algo verdadeiro começava a crescer.

Num bairro humilde, na província de Huambo, Maria dos Santos, mãe dos cinco irmãos, estava sentada numa cadeira de rodas junto à varanda da pequena casa onde vivia. O tempo parecia parado ali. As marcas da dor física e emocional estavam no seu rosto.

Ao lado dela, sentada num banco de plástico, estava a amiga de muitos anos, a Nala, com uma garrafa térmica de chá entre as mãos.

- Nala... já faz anos . Anos que não sei do paradeiros dos meus filhos. Às vezes acordo pensando que vou ver o Kilson entrar com aquele sorriso de matreiro.

Nala com voz calma:

-Eles são fortes, Maria. Herdaram isso de ti e do Marcos... onde queiram que estejam, estão a lutar.

-Mas eu sou mãe, Nala. Mãe sente. E meu peito sente falta deles. Sinto que estão vivos... mas será que estão bem? Comem? Dormem em paz?.

- Deus não abandona os filhos duma mãe que ora todos os dias. E tu... tu nunca deixaste de orar, nem quando estavas naquela cama do hospital com uma bala no corpo e coração rasgado pela morte de Marcos.

Maria enxugou as lágrimas.

- Marcos se estivesse aqui, ele já tinha achado eles. Não deixaria os nossos filhos espalhados sem rumo. – disse a Maria pensativa.

Nala pegando na mão dela:

-Talvez eles não estejam perdidos, Maria. Talvez estejam contruir o caminho sue tu sempre sonhaste pra eles.

Maria olhou pro céu, a voz tremendo:

- Só queria abraçá-los mais uma vez. Só uma. Ver os meus próprios olhos que tão bem...

Silêncio.

O vento soprou leve, e uma folha caiu no colo dela. Nala apertou sua mão mais forte.

Sentada no cadeirão novo da sala, Velma segurava o telefone com duas mãos, olhos brilhando, sorriso constante no rosto. O grupo todo estava a organizar o jantar, mas ela não conseguia largar o telemóvel.

- Oh Velma! Sempre no telefone?! - disse Judilson passando a rir.

- Ah, vá lá! Aprendam também a cozinhar. - responde Velma rindo.

A verdade é que ela estava a conversar com o Jaime. As mensagens iam e vinham com piadas, crinho e indireitas cheias de ternura.

O som do portão batendo ecoa forte pela casa. Todos olham por instinto.

Judilson levantando-se:

- Alguém tá batendo o portão... deixa eu ver quem é...

Ele caminha até o portão, destranca e abre devagar. Do outro lado, Jaime com um leve sorriso, segurando sacolas cheias de frutas e bolachas.

-Oh... cota Jaime!

- É como? Tá mbora calmo?

- Nas calmas, boss. Pode entrar.

Nesse instante, Velma sai do quarto e caminha até a sala. Assim que vê o Jaime, ela para por alguns segundos. Os dois trocam olhares intensos. Os olhos dela brilham, o dele suaviza o rosto.

- Oi, Jaime... - Velma com um sorriso contido.

- Oi, Velma. - Jaime sem conseguir disfarçar.

A tensão no ar era visível, mas doce. Tonilson, que observava tudonda cozinha, se aproxima e puxa Jaime discretamente para o lado, perto do corredor.

- Cota, posso te fazer uma pergunta? - Tonilson de cara séria.

- Claro, pergunte.

- Esse teu olhar que você deu pra minha irmã... não é normal. – Tonilson cruzando os braços.

- Não há nada, meu bro. – Jaime rindo.

- Hum, duvido e muito. Ou você lhe curte ou não!?. – disse o Tonilson brincando.

- Ephá... eu só gosto dela como uma amiga e mais nada.

- Hum hum hum! Essas amizades... nada, não acredito.

Jaime ri, engolindo seco, mas firme:

-Não consigo esconder, Tonilson. Gosto dela, sim.

- Não táí falaste! Custou?... Mas tô a te vigiar.

- Custou um pouco. Vigia à vontade.

Eles voltam pra sala, Jaime tímido pra Velma, e ela, mesmo sem ouvir, percebe que algo foi dito... e sorri de volta, com coração disparado.

Kilson chega, o ambiente na sala ainda era calmo. Jaime e Velma estavam sentados, trocando sorrisos tímidos, os irmãos a observarem à distância com atenção. De repente, o som do portão batendo quebra o clima, passos pesados se aproximam.

- Xiii... Kilson chegou. – disse Judilson olhando pela janela.

Velma levanta-se, nervosa. Jaime nota o desconforto no ar. Kilson entra pela porta com o semblante sério. Seus olhos logo caem sobre Jaime sentado ao lado da irmã. O silêncio se instala. Ele caminha devagar, encarando.

- Boa noite. – Kilson frio. Kilson estende a mão, mas de forma rígida, fria, sem expressão no rosto. Jaime se levanta e aperta, firme, mas, respeitoso.

- Vejo que voltaste. Não perdes tempo. – disse Kilson olhando nos olhos dele.

- Só vim visitar-vos na nova casa. – Jaime tentando suavizar.

Velma se aproxima, tentando aliviar a tensão.

- Ele só veio visitar-nos, Kilson. Está tudo de bem. – Velma nervosa.

Kilson mantém o olhar firme no Jaime por alguns segundos.

- Só espero que, venhas por uma outra intenção. Porque a confiança é coisa que se quebra fácil. – Kilson frio.

Jaime apenas acena com a cabeça, compreendendo o recado.

- Entendo, só quero o teu bem.

Kilson vira-se sem dizer mais nada, vai para o quarto. O clima pesado permanece no ar. Velma, suspira envergonhada.

- Desculpa... ele é assim mesmo quando sente ameaça. – Velma falando baixo pro Jaime.

- Não tem problema, vou enfrentar tudo isso. – sussurra Jaime.

Ela sorri de leve, mas o coração dela está apertado.

Quando Jaime se preparava para sair, Velma foi acompanhá-lo até ao carro. O céu já estava escuro. Eles ficaram frente à frente, perto do portão.

- Tu estás tão bonita hoje... como sempre, aliás. – Jaime encarando-a com ternura.

- Obrigada... - Velma sem saber onde pôr as mãos.

- Quis sair contigo, mas... o Kilson me mata. – disse rindo.

- Ah, nada a ver o Kilson. Vamos pensar nisso.

Velma sorriu, meio tímida.

Eles se olharam mais um tempo... até que se abraçaram devagar, um abraço calmo, sentido... que durou mais do que o normal.

- Vou esperar a tua resposta. – disse Jaime baixinho, ao ouvido.

E entrou no carro.

Velma ficou parada ali... parada no portão, o coração disparado.

E o carro do Jaime já tinha desaparecido na esquina. Velma ainda estava no portão, com um sorriso bobo no rosto. Lá dentro, Tonilson e Jonilson guardavam as coisas que o Jaime tinha trazido.

Tonilson, curioso e desconfiado, lançou a pergunta:

- Kilson, por que cumprimentou o Jaime daquele jeito?.

- Não vou muito com a cara dele. – Kilson seco.

Jonilson levantou as sobrancelhas, surpreso:

- Só por isso? Mas o rapaz sempre nos tratou com respeito... ajudou a Velma no hospital com os 5 milhões, trouxe coisas, conversa bem...

- O problema é o tal 5 milhões que vos deram... Tem qualquer coisa nele que não me convence. – Kilson cruzando os braços.

- Kilson ... as vezes, tu julgas as pessoas como se fossem gatunos. Mas nem todo mundo é. Não se julga o livro pela capa. – disse Tonilson sério.

Kilson não respondeu logo. Ficou em silêncio, encarando o chão por uns segundos.

Estava ao entardecer. Velma estava no quintal, sentada numa cadeira plástica, mexendo no telefone. Jaime mandou uma mensagem:

“Já pensaste naquilo que te pedi?”.

Ela leu a mensagem, sorriu... pensou... e decidiu ligar.

Velma(no telefone):

- “Allô, Jaime”.

- “Velma! Já pensei que tinhas me esquecido!”. – Jaime do outro lado animado.

- “Esquecer? Só se o meu telefone explodisse”... - Velma rindo.

- “Então? Qual é a resposta?”.

- “Bom... consultei a agenda... falei com o meu coração...” – Velma brincando.

- “E então?”.

- “ Acho que... posso sair contigo. Mas nada de me fazer rir até engasgar, tá?”.

- “Prometo só fazer te rir até as bochechas doerem. Quando posso te buscar?”.

- “Sexta, às 17h. Mas não te atrasa.”

- “Por ti, eu chego às 16h.” – disse o Jaime feliz.

- “Louco.” – Velma sorrindo.

Eles riram juntos no telefone , e mesmo sem se virem, já apareciam estar lado a lado.

Era sexta-feira, o dia mais esperado, por volta das 16h30. O sol ainda batia forte, dentro da casa, no Benfica. Velma estava no quarto, passando lip nos lábios em frente a um espelho. Vestia um vestido justo de cor preto e ténis branca.

Judilson passou pela porta e espiou:

- Eréh! Hoje então temos desfile ou entrevista de casamento?.

- Sai daí, Judilson. É só um passeio. – diz sorrindo.

Mas quem ouviu do outro lado da sala foi o Kilson. E ele sai diretamente pro quarto da Velma:

- Passeio com quem?. – pergunta Kilson duro.

- Com o Jaime. Ele vai me buscar agora.

- Velma tu sabes que este rapaz não é da nossa família. Não foste criada pra andar por aí com homem que nem conhecemos melhor.

- Tu é que não o conheces, Kilson. Ele me ajudou muito quando eu mais precisava. O mínimo é ter respeito. – Velma erguendo a voz.

- Respeito é o que ele devia ter por não vir aqui mexer contigo. E tu, a querer sair com ele?. – Kilson frio.

- Não sou prisioneira. Já estou com 18 anos, Kilson. Você é meu irmão e não meu dono. – Velma firme.

- Enquanto estiveres nesta casa, vais me respeitar. E se quiseres andar com ele... que saias!.

A tensão cortava o ar. Tonilson entra para tentar acalmar:

- Kilson... calma, bro. Ela só vai sair, não vai fugir. Já não chega tudo que nós passamos?.

Velma, com olhos vermelhos, pegou a pasta e disse:

- Não vou me esconder por medo. Hoje eu vou sair. E se for preciso, durmo fora. – Velma trêmula, mas decidida.

Ela passou por Kilson sem olhar, abriu o portão... e lá fora, o carro do Jaime já esperava, com motor ligado e os faróis acesos. O coração de Velma batia forte. Mas antes que desse o segundo passo, Kilson aparece de repente atrás dela e agarrou-a pelo pulso com força, não violento, mas firme.

- Tu não vais sair, Velma!. – disse o Kilson firme.

- Kilson... larga-me! Não tens direito. – Velma tentando se soltar.

- Tenho sim, sou teu irmão mais velho. E não vou deixar que tu te metas com qualquer um, ainda depois de tudo o que passaste.

- Ele não é qualquer um! Ele estava lá quando eu estava no hospital, quando tu mesmo ainda não sabias que eu estive internada. Por que que é tão difícil confiares em mim?. – Velma com raiva e emoção.

- Porque eu vi o que o mundo faz com quem confia demais... E não vou perder mais ninguém. Tu não vais sair. – disse Kilson baixando o tom, mas ainda firme.

Ela ficou ali, parada, com olhos marejados, sem forças para lutar com o irmão. Do lado de fora, Jaime desceu do carro devagar, percebendo a tensão.

Tonilson sai atrás tentando amenizar:

- Jaime... volta pra casa, por favor! Hoje não dá. Houve um imprevisto.

Jaime olhando a Velma, triste:

- Se precisares... sabes onde me encontrar.

Ele voltou ao carro e partiu devagar. Velma ficou parada por segundos, depois virou-se com lágrimas escorrendo.

- Não me proteges... me prendes.

E entrou sem dizer nada.

Na sala da casa, Cláudia estava sentada com o semblante carregado. Miguel encostado à parede, ouvia atentamente.

- Eles saíram da minha casa sem avisar nada. Nem uma palavra. Nem os meus filhos sabem... - Disse Cláudia inquieta.

- Achas que foi a ideia do Kilson?.

- Como assim o Kilson, Miguel?. – Cláudia surpresa.

- Ouvi dizer que ele tá vivo... e tá vivendo em Viana. Se for verdade... isso não pode ficar assim. – Miguel olhando para baixo.

- Queremos respostas. Se estão com ele, têm de pagar.

- Que tal, nós contratarmos um investigador. Um bom. Quero que ele vá até ao fundo desta história... tem de achar esse tolo aí do Kilson.

- Até que é uma ideia boa... - concorda Miguel.

- Não é “até que é”, é mesmo uma excelente ideia. – afirma Cláudia.

E os vilões, finalmente conseguiram um investigador secreto, um homem discreto e frio. Chegou no Cazenga, no dia seguinte. Foi direto procurar por Manucho, um conhecido na zona de Viana. Perguntou de porta em porta, até que lhe mostraram a casa humilde onde o Manucho morava.

Bateu com força a porta.

Manucho abriu desconfiado.

- Muito boa tarde.

- Boa tarde, sim – responde Manucho desconfiado.

- És o senhor Manucho, certo?.

- Depende... quem tá perguntar? – Manucho olhando de lado. E manda entrar.

O investigador sorrindo ligeiramente:

- Sou apenas alguém a fazer umas perguntas. Dizem que conheces bem Viana... e certas pessoas.

- Conheces alguém chamado de Kilson?

Manucho finge um riso leve.

- Kilson? Tem muitos Kilson por aqui, boss. É nome comum.

- O Kilson que desapareceu há anos. Que foi dado como morto. Dizem que está vivo... e escondido por aqui.

Manucho muda levemente a expressão, mas mantém o controlo.

- Desaparecido? Dado como morto? Não, não conheço ninguém assim. Você tem a certeza que estás no guetto certo?.

- Tenho. E tenho razões fortes pra acreditar que tu o conheces, que o estás a proteger.

Manucho levanta-se devagar, fingindo impaciência.

- Olha lá... se tás aqui a inventar novela ou acusar, fala logo. Eu não protejo ninguém. E mesmo se eu conhecesse, não era da tua conta.

- É da minha conta sim. Porque há mortes envolvidas e de testamento perdido. E se estás a esconder o Kilson, estás a se meter em problemas grandes. – disse firme.

Manucho encara-o firme, mas sorri com frieza.

- Oh chefe!.. já te dei buede papo, tás a exagerar.

- Só estou a fazer perguntas!. – disse calmo investigador.

-Perguntas? Você tás a pensar que aqui é esquadra ou como então? Eu não conheço Kilson. – Manucho já de pé com voz grossa.

-Repito outra vez... se tu sabes alguma coisa sobre o Kilson, juro que estás a te meter em perigo, homem.

- Já estás a me irritar. Sai só daqui. – Manucho aponta o dedo.

O investigador levanta-se meio tenso. Manucho dá um passo à frente bem firme.

- Desaparece antes que eu chamo os meus putos pra te laminarem a cara.

O investigador sai em silêncio.

“Txê, esse é mais quem... esse puto Kilson, tá em perigo”. – sussurra sozinho Manucho.

Manucho pega o telefone e liga pro Kilson.

Kilson atende:

“Velho!”

“Puto, tem um mambo feio aqui. Um cota veio aqui com conversa fiada, cheio de perguntas sobre ti. Até tive que lhe enxotar.”

“Como assim, velho? Diz lá... perguntou o quê?”.

“Falou de ti, do sumiço e do testamento... Tá tipo caçador, puto. Fica esperto. Esse mambo não é à toa”.

“Alguém nos traiu... eu vou investigar isso, mas valeu, velho. Obrigado por me proteger”.

“Se cuida, meu puto. Esses gajos estão atrás de ti”.

Em uma casa luxuosa, longe do ruído do povo, Miguel e Cláudia brindavam. O vinho tinto escorriana taças como sangue.

A campainha toca. O investigador entra, tenso, trazendo más notícias. A sala mergulha num clima frio, calculista. As palavras que trocam ali dentro carregam o peso da morte. O investigador cabisbaixo:

- E então? Já temos o paradeiro do maldito Kilson? – pergunta Miguel olhando de lado.

- Fui falar com o tal Manucho... mas não abriu a boca. Finge não saber de nada. Teimoso e arrogante. – Investigador suspirando.

- Claro que ele sabe! Esse desgraçado esconde aquele parvo como se fosse ouro. Ele só está a jogar com vocês!.- acrescenta a Cláudia.

- Tu prometeste-me que ias arrancar tudo dele. E agora voltas de mãos vazias?. – Miguel tomando um gole de vinho, calmo e frio.

- Fiz pressão... tentei ameaçar, chefe, mas ele me despachou com insulto. Disse que nem com uma pistola abria a boca. – investigador defensivo.

- Então, vamos fazê-lo engolir a pistola. – Cláudia levantando-se irritada.

- Esta noite, às duas da manhã, quero que esse miserável fora da circulação. Amarra-o. Leva-o para bem longe, onde ninguém ouça os gritos. – Miguel encarando o investigador.

Cláudia chegando mais perto e séria:

- E faz ele falar. O Kilson, os irmãos dele, onde vivem, tudo!! E se resistir...

Ela cruza os braços.

- Cala-lhe... a boca de vez. Um corpo a mais numa lixeira não vai fazer falta.

O investigador assente com um leve aceno de cabeça.

- Está feito. Hoje mesmo ele fala ou morre, chefe.

Miguel e a Cláudia brindam silenciosamente, enquanto o investigador sai determinado. A música, ambiente sobe, criando um clima sombrio.

Do outro lado, o Manucho tranquilo na sua casa, nem imagina que esta será a sua última noite.

Um carro sem placa, já observava tudo à distância. A cidade dorme, mas os monstros estão acordados.

No relógio marcava 01h55 da manhã. O silêncio dominava a rua. Só se ouvia o som distante de cães ladrando e o tic tac do velho relógio da parede da sala.

Manucho estava sentado no seu cadeirão, a ver televisão meia- adormecido, uma cuca e liamba na mão. Do lado de fora, um carro preto com vidros fumados estaciona lentamente. Apagam os faróis, três homens descem sem silêncio, todos de preto, encapuzados. Um deles carrega uma corda, o outro um pano preto.

01h58 Eles rodeiam a casa. Um dá sinal, o outro arromba a porta dos fundos sem fazer barulho.

02h00 A porta da sala se abre, Manucho se levanta num pulo.

- Quem tá aí, hein?. – Manucho assustado.

Antes que termine a frase, um dos homens empurra contra a parede e o outro tapa-lhe a boca com o pano.

- Fica quieto, buluzento... não vai doer se cooperar. – diz um dos homens.

Manucho luta, mas é dominado. Amarram-lhe as mãos e as pernas, o colocam dentro do carro. Um vizinho observa tudo pelas janelas, mas não se mexe. O carro desaparece na escuridão.

02h45 O lugar é escuro, cheira a ferrugem. Ratazanas correndo. Jogam Manucho numa cadeira velha, amarram-o com força, uma luz pendurada no teto ilumina apenas o centro do espaço.

- Agora vais falar : ONDE TÁ O KILSON?. – Um dos homens ameaçador.

Manucho cospe no chão.

- Kilson não é um rato pra vocês lhe caçarem... vão se lixar...- Manucho encarando-os.

Um dos homens dá-lhe um soco forte, Manucho sangra.

- Fala agora, ou vais sair daqui só no caixão!.

Manucho ri com dificuldade:

- O Kilson tá vivo e muito. Ele fará vingança... façam chegar esta informação no burro do Miguel. Matem-me, mas na minha boca nunca sai o lugar onde o Kilson está.

- Você é teimoso...

Eles continuam a tortura. Pancadas, insultos e ameaças. Mas Manucho não cede.

04h30 O carro para. O corpo de Manucho, já sem vida, amarrado, é jogado no lixo, na zona mesmo de Viana. O som do motor some de madrugada. Silêncio absoluto.

06h05 O Kilson está na sala mexendo no telefone. Cara séria, os olhos fundos. Recebe uma chamada de um número desconhecido, atende com desconfiança.

- Allô? – Kilson desconfiado.

Do outro lado, a voz trêmula de Zé, amigo de Manucho.

- Kilson... mano... mataram o Manucho. – Zé quase chorando.

- O quê??? Como assim? Explica bem, Zé.- Kilson levanta-se do sofá.

- Encontramos corpo dele aqui na lixeira, todo amarrado. Foi assassinado, bro...

Silêncio. Kilson não consegue respirar. O telefone cai na mão dele bo chão. Ele se senta, sem forças, com os olhos cheios de lágrimas.

- Não, não não... não pode ser... meu pai não, por favor, Deus. – Kilson sussurrando.

Tonilson sai do quatro.

- O que se passa, Kilson?.

Kilson tenta falar, mas não sai a voz. Apenas balança a cabeça negativamente, as lágrimas caem.

- Mataram o Manucho, bro... mataram meu pai por causa de mim... - Kilson chorando.

Ele levanta-se de repente, bate na parede.

- MALDITOS! Eu juro... que quem fez isso vai pagar caro!. – Kilson gritando.

Velma, ouvindo tudo, entra na sala devagar, apesar de ainda magoada, ao ver o irmão destruído, se aproxima e o abraça.

- Eu sei que isso dói... mas tu não estás sozinho, Kilson...- Velma baixa.

Kilson a abraça forte, chorando como uma criança.

- Eu não o protegi, Velma... Manucho morreu por minha causa. - Kilson com voz trêmula.

- Kilson, por favor... assim eu choro.

- Ele salvou-me no lixo, quando fugi, foi ele que me apanhou. Levou-me na casa dele como se fosse filho dele... As pessoas que fizeram isso vão pagar caro, eu juro, Velma.

Três dias depois, o corpo de Manucho foi liberado. O ambiente do cemitério do Camama era pesado.

O céu nublado parecia acompanhar com o luto. Poucas pessoas estavam presentes, só os mais chegados. Zé, alguns vizinhos, e no meio deles, discretos, estavam Jonilson, Tonilson, Judilson e Velma.

Todos se vestiam de preto. Kilson, de óculos escuros, com olhos inchados de tanto chorar, e cabeça baixa, não dizia uma palavra. Estava ali como se o chão estivesse puxando. Quando o caixão foi baixado, ele caminhou sozinho até a beira da cova.

- Desculpa, meu pai. Você me salvou... e eu não consegui te salvar. – Kilson com voz baixa e quebrado.

As lágrimas caíam, sem grito, só dor crua.

- Prometo que teu sangue não vai ser esquecido. Eles pensaram que mataram qualquer um... mas mexeram com a pessoa errada.

Velma, aproximou-se devagar, tocou no ombro dele.

- Ele agora está descansando. Não te percas nessa sede de vingança. – Velma sussurrando.

Kilson não respondeu, só olhou para a cova mais uma vez, depois se afastou lentamente, com os punhos cerrados.

Ao fundo, Zé falava com o Tonilson:

- Isso foi mesmo assassinatos. Não foi assalto, vieram mesmo pra calar ele. – Zé falando.

- E a pergunta que não quer se calar é... quem matou?. – Tonilson preocupado.

Naquela mesma noite, depois do enterro, Kilson estava sozinho no quintal da sua casa no Benfica. Sentado numa cadeira, olhos fixos no escuro, revivia as palavras de Zé, os gritos abafados de Manucho, a dor do caixão a descer.

Jonilson se aproximou com um copo d'água:

- Tens que descansar, mano. Isso não vai trazer o Manucho de volta.
- Mas pode impedir que o outro morra como ele. – Kilson com olhar firme.

Silêncio.

- Isso não foi acaso. Foi pessoas grandes. E foi um recado pra mim. – Kilson firme.
- Você pretende fazer o quê?
- Descobrir quem mandou... saber o motivo... e dar resposta. Manucho não vai morrer em vão. – Kilson levantando-se devagar.

Nos dias seguintes, Kilson começou a andar em Viana discretamente, a visitar os cantos que conhecia, perguntar em voz baixa, pagar bebidas a informantes antigos, conversar com os taxistas, até ir à esquina onde um vizinho disse ter visto o tal homem bem vestido.

Ninguém sabia o nome... mas uns diziam:

- Era carro de vidro escuro... parece dos ricos mesmo.- Uns dos vizinhos.

Outro:

- Só sei que passou por aqui um carro igual ao da tropa ou segurança privada.

Kilson guardava tudo, anotava nomes, rostos e datas. Voltou à casa abandonada onde o Manucho foi morto, marcas no chão, até pedaços de fita adesiva, o Kilson era um rapaz muito inteligente, tal como o seu pai.

- Vocês não esconderam bem... boelos. – Kilson murmurando.

Ele voltou pra casa com raiva nos olhos.

Quatro meses se passaram. Era num sábado à tarde. Os irmãos organizaram um bar de rua perto da Ilha de Luanda.

- Velma, organizamos um bar de rua, perto da ilha... vais connosco?.
- Bar de rua? Não não não, eu não curto esses lugares e vocês têm o conhecimento disso. — responde a Velma.
- Eh Velma, por favor... estarás num lugar VIP. Te prometemos. – pede Jonilson.

- Eu não gosto desses lugares, Jonilson... barulho, fumaças, homens e mulheres bêbados.
– Velma cruzando os braços.

- É curtir um pouco... sair da tua zona de conforto. Já não estás em coma, né?- Judilson rindo.

- É só diversão, mana. Prometemos que não vamos deixar ninguém te incomodar.

Insistiram muito, e a Velma acabou resistindo bastante. Com insistência, ela aceitou. Chegando lá, o ambiente estava carregado de músicas altas, fumaças no ar, homens a olhá-la de cima para baixo, meninas dançando com copos nas mãos.

- Kilson, juro... esse ambiente não é pra mim. Tô mesmo a ficar sufocada. – Velma chegando meio nervosa.

- Velma, calma... Já vais ir no lugar VIP. – Kilson com culpa.

Nesse instante, Jaime apareceu do nada, como guiado pelo destino. Velma o viu e chamou-lhe, e ele foi até ela.

- Velma?? Estás por aqui?.

- Leva-me distante daqui... por favor, Jaime. – Velma aliviada.

- Está bem, eu sei onde o ar é melhor.

Jaime levou-a até ao Malibu Beach, restaurante sossegado e elegante à beira mar. Sentaram-se numa mesa de frente ao mar, luz suave e música calma.

- Tu estavas quase a desaparecer lá no meio daquela confusão.

- Obrigada por me tirares de lá... Nem sabia onde me esconder. E o quê tu fazias lá?. – Velma respirando fundo.

- Ah, foi o meu amigo Tonilson quem tinha me convidado. Eu não curto esses ambientes. Só vim por consideração.

- Muito bom. E continua a não curtir mesmo... - Velma brincando.

Enquanto comiam, o telefone da Velma toca, era o Jonilson:

“Allô, Velma! Tás onde!?”.

“Estou num restaurante perto, não fique preocupado, não estou sozinha”.

“Estás com quem ?”.

“Estou com o Jaime”.

“Com o Jaime? Lhe passa ainda telefone”.

A Velma passa o telefone pro Jaime:

“Allô, bro” – Jaime atendendo.

“Estás aí com a minha irmã... Só te digo uma coisa, protege ela. Nem mosquito pode lhe picar, ouviste né?” – Jonilson sério.

“Nem mosquito, nem vento. Fica calmo, cota. Ela tá segura.” – Jaime rindo.

Jaime olha pra Velma, e ela sorri. A tarde só estava a começar, longe do barulho... e mais perto do coração.

Estavam tranquilos, apreciando o mar, conversando baixinho. O clima era proveitoso, até que o telefone de Jaime começou a tocar:

“Allô? Tonilson tudo bem? Sim, a Velma tá bem, tá aqui comigo.” – Jaime atendendo meio surpreso.

Poucos minutos depois, o telefone tocou de novo. Era o Judilson:

“Oi, Judilson. Sim, a Velma tá ótima, pode ficar tranquilo”. – Jaime com um sorriso.

De repente, o telefone da Velma vibrou. Era o Kilson, ligando para ela diretamente.

“Velma, é como? Estás bem, né?”

“Estou bem, Kilson... estão a ser chatos demais...”- Velma farta.

- Jaime, põe esse telemóvel no modo avião antes que eles liguem de cinco em cinco minutos. Está ficando chato demais... - Velma sorrindo.-

- Modo de voo ativado, chefe Velma. Agora podemos curtir em paz. – Jaime rindo.

Eles se entreolharam e sorriram, sentindo que aquela tarde tinha mesmo algo especial. Eles estavam sentados lado a lado, a brisa do mar leve, enquanto o sol caía. A conversa fluía devagar, entre os sorrisos e olhares.

- Jaime, posso perguntar uma coisa? Tu tens namorada?. –Velma com sorriso tímido.

- Não, já faz uns três anos que não namoro. Andei muito focado nos estudos, até hoje, né!. – Jaime rindo baixo.

- Três anos? É muito, hein? Eu, sinceramente, nunca me aventurei a namorar. Nem sei direito como é.

- E queres? Namorar é um passo grande, ainda mais quando a vida já nos joga tantos desafios.

- Sim, acho que o medo de me magoar ou de não saber lidar ainda é grande... sabes né,, a gente passa por tantas coisas que até esquece que merece ser feliz.

- Tu mereces, ,Velma. E quando for, vai ser especial, tenho a certeza.

Ela sorriu e olhou pro mar. E a conversa fluiu para outros assuntos.

- Amanhã é o aniversário do meu pai... nem sei o que lhe ofertar. – disse Jaime pensativo.

- Oh! Bom pra você que tem pai.! – Velma um pouco triste.

- Como assim? Não tens pai?.

- Meus pais eram Marcos e Maria dos Santos. Mas... o meu pai foi morto há alguns anos e a minha desapareceu depois disso. – A voz dela ficou trêmula, como se a dor voltasse ali, no momento.

- Marcos e Maria dos Santos? Esses nomes me são muito familiares. Eu sinto que já ouvi antes. – Jaime sussurrando dentro de si, com um semblante sério.

- O meu pai foi baleado por bandidos junto com a minha mãe... a minha mãe desapareceu depois disso, ninguém sabe onde ela está. O culpado é um tal de Miguel, um amigo e sócio do meu pai na época. A gente sempre desconfiou que ele estava envolvido na morte do meu pai. – Velma com os olhos marejados.

Jaime ficou em silêncio, olhando para o prato, pensativo.

- O meu pai também chama-se Miguel... e também foi amigo de um tal Marcos. – Jaime baixinho.

Um peso caiu no ar. Jaime parecia esconder algo, um conflito interno.

- O teu pai também chama-se Miguel?. – Velma curiosa.

-Sim. Mas nunca falei muito dele. Às vezes acho que tem coisas que ainda preciso descobrir.

Nesse momento, o ambiente mudou quando um grupo de meninas entra no restaurante de cuecas, saíam da praia, rindo e chamando atenção. E viram Jaime com o iPhone na mão.

- Oi, moço! Posso tirar fotos no teu telefone e contigo também? É lindo demais. – Menina 1 sorrindo.

- Velma, tudo bem se eu tirar umas fotos com elas? – Jaime olhando para Velma, pedindo permissão.

- Claro, né! Quem eu sou para pedires?

- É por respeito.

- Podes ir... - Velma um pouco envergonhada.

Jaime foi até ao grupo, que o cercou rapidamente, e não paravam de elogiá-lo.

- Tu és muito bonito, moço. A tua namorada deve ser uma sortuda!. – Menina 2 rindo, em tom provocador.

- Poisé... é sortuda, sim. É aquela linda ali na mesa.- Jaime sorrindo educadamente e direcionar o dedo para a Velma.

As três meninas olham imediatamente para a Velma, que observa tudo de longe com um sorriso contido. Mas o olhar delas mudam.

- Ahh ... então é aquela que deixa o boy tirar fotos com outras meninas? Hummm... boa namorada, hein.! – Menina 3 em tom ácido.

- Se fosse eu, já pegaria na garrafa. Menina 1.

Elas riem, mas de forma maldosa. O Jaime, percebendo o clima tenso, termina logo a sessão. Ele volta para a mesa, a Velma está séria, olhando para o lado. Jaime puxa a cadeira e senta.

- E... voltei. Nem demorei tanto assim, né?.- Jaime tentando quebrar o clima.

- Não demoraste. Estão animadas elas. – Velma seca.

- Oie, olha pra mim... eu sou educado. Isso não significou nada pra mim. – Jaime calmo.

Antes que a Velma responda, uma das meninas vem até a mesa, toda sorridente com o telefone na mão:

- Desculpa aí, moço... mas tens que mandar as fotos no meu telefone. Manda o seu whastApp.

Jaime olha para Velma antes de responder.

- Posso? – Jaime pedindo para a Velma.

- Estás à vontade, Jaime... eu nem sou tua namorada... - Velma responde baixinho.

Ele passa o número, e a menina anota e lança mais um olhar venenoso para a Velma antes de sair.

Jaime responde fundo:

- Vamos sair daqui. Esse ambiente tá a cheirar problema.

- Mas por quê? As tuas fãs vão sentir tua falta. – Velma meio irónica.

- Deixa as fãs... eu tô é contigo. Então, vamos daqui. – Jaime olhando nos olhos dela.

Jaime segura sua mão, levanta-se e a ajuda a levantar. Saem juntos, deixando as provocações para atrás. E pretendeu levá-la ao um parque de diversões perto da ilha.

O sol começava a descer, e o parque de diversões estava cheio de vida. Velma e Jaime chegaram animados, prontos para aproveitar cada instante. Jaime e Velma caminham lado a lado, com gelados na mão. O ambiente é alegre, cheio de crianças correndo, jovens a jogar e música ao fundo.

- Gostas de jogar andebol? – Jaime olhando pro campo de Andebol.

- Um pouco só... não quero passar vergonha, Jaime. – Velma rindo.

- Então, vamos. Mas não vale chorar se eu ganhar.

Entram no campo improvisado. Jogam com leveza e muitas risadas. Jaime ganha.

- Tu nem deixaste eu ganhar nem sequer uma vez... que cavalheirismo, hein!. – Velma brincando.

- Nada a ver... Velminha. – Jaime rindo.

Depois do andebol, Jaime aponta para uma área com estrutura inflável gigante, tipo um ringue, onde dois participantes vestem roupas de espuma e tentam se derrubar rindo.

- Olha aí! Ringue! Nunca jogaste isso?. - Jaime empolgado.

- O quê? Com esse fato gigante? Nem pensar, Jaime. – Velma assustada e a rir.

- Vai ser só pra rir. Prometo não te derrubar com força...

Ambos colocam os fatos infláveis e entram no ringue. O público no parque ri com a cena. A Velma, desajeitada, mal consegue andar.

- Pareço uma geleira com pés. – Velma rindo alto.

- Se a geleira andar assim, eu compraria duas!. – Jaime zoando.

Eles tentam se empurrar. Velma tropeça e cai, Jaime corre pra segurar, mas acaba caindo também. Riem muito no chão. Eles levantam, ainda a rir, tiram os fatos e caminham.

- Confesso que foi divertido... mas cansativo. Agora quero algo mais calmo. – disse a Velma.

- Então, vamos terminar com o ténis... mas desta vez sem quedas.

- Não sei jogar ténis. Acho que não vou conseguir. – Velma receosa.

Jaime sorri, aproxima-se e segura na mão dela, posicionando a raquete.

- Eu sou pai grande nesta atividade desportiva. Eu te ensino.- Jaime baixo e gentil.

Ele fica atrás dela, mostrando como movimentar o braço, com o toque suave e a voz calma. A respiração dele quase toca a nuca dela. A Velma olha discretamente para o lado, observando o perfil dele com admiração.

- Tu és mesmo estranho, Jaime. – Velma pensando alto.

- Estranho como?. – Jaime rindo.

- Ah! Nada não, esqueça. – Velma envergonhada.

Eles trocam um olhar intenso. Jogam mais alguns minutos, mas já nem prestam tanta atenção. Estão mergulhados um no outro. Foram passando as horas, jogando, rindo e correndo. Entraram no parque às 16h e só saíram às 19h, exaustos mas felizes. E decidiram sair.

Enquanto caminhavam lentamente para a saída, a luz da lua iluminava os rostos deles.

- Jaime, lembra daquela conversa que tivemos? Sobre quem estava apaixonado por quem? – Velma sorrindo timidamente.

Jaime parou, olhou para ela, seu rosto ficou sério, o coração batendo mais rápido.

- Lembro sim. – Jaime baixinho.

Ele segurou a mão dela com delicadeza.

- Velma, eu quero que tu saibas que sou eu quem está apaixonado por ti.

Os olhos da Velma brilharam.

- Eu... eu senti isso, Jaime. – Velma com um sorriso emocionado.

Eles entrelaçaram, pararam no meio do caminho, se olharam fundo.

- Desde o primeiro dia que te vi, sabia que eras especial. – Jaime aproximando o rosto.

E então, com ternura, ele beija a Velma. Foi um momento em que o tempo parecia parar. Velma fechou os olhos, sentindo que tudo estava certo ali.

E eles continuaram a caminhar juntos, agora com mãos entrelaçados, coração leve e cheio de esperança.

- Jaime, sabes ... eu nunca iamginei que pudesse sentir isso tão rápido. É estranho e bom ao mesmo tempo.- Velma sorrindo e meio tímida.

- O amor é mesmo assim. Vem de surpresa, sem avisar, e muda tudo. – Jaime olhando nos olhos dela. E eu estou aqui, não vou deixar ninguém nos separar.

- És diferente... - Velma emocionada.

Eles se abraçaram forte, como se quisessem guardar aquele instante para sempre.

- Velma, olha só... tenho mais de 10 chamadas perdidas do Tonilson, Jonilson e Judilson. Esses teus irmãos vão me matar, de certeza. – Jaime rindo enquanto olha no telefone.

- Eles são sempre assim mesmo... pensando que tenho 15 anos, muitos protetores, não gostam quando eu fico longe por muito tempo. – Velma sorrindo e meio envergonhada.

- Tá explicado... eles são ciumentos. Acho que vou precisar de um manual de instruções pra lidar com eles. – Jaime balançando a cabeça.

- Se precisar, eu ensino... Mas prepara que eles são fogo!.

- Bom, então vamos voltar, antes que ele criem um grupo atrás de mim. – Jaime pegando a mão dela.

Eles riram juntos.

- Me leve pra casa, eu não vou voltar naquele bar de rua.

- Quer que eu te leve pra casa? Tens razão, assim ficas mais segura.

- Obrigada, Jaime. Vamos. – Velma sorrindo.

No carro, o Jaime dirigia e a Velma olhava pela janela tranquila.

- Chegamos no Benfica. – disse o Jaime.

Eles pararam em frente ao portão da casa.- A Velminha chegou pra casa. – Jaime abrindo porta para ela sair.

- Obrigada, Jaime. Você é incrível. – Velma abraçando Jaime forte.

- Eu te amooo. – Jaime retribuindo o abraço.

- Eu também te amoooo.

- Até amanhã, se Deus quiser.

- Até já, Jaime.

Eles se despediram com um abraço apertado antes de Velma entrar em casa, com o coração quentinho.

Velma entra no quarto, fecha-o devagar... e de repente começa sorrir como uma criança.

- Ai, meu Deus!! Estou mesmo a namorar. – empolgada.

Ela larga o casaco na cama, começa a saltar de alegria. Pega na almofada e abraça com força.

- Ele disse que tá apaixonado por mim! E eu também!! Ai Jaime. – Velma saltando.

Olha-se no espelho, ajeita o cabelo, sorri para si mesma.

- Velma, tu conseguiste um namorado lindo, educado... eu sou tão sortudaaa.

Pega no telefone, abre o WhastsApp, vê o nome"Jaime" e suspira.

Ela volta pra cama, se enrola no cobertor e ainda dá um gritinho abafado de felicidade.

E do outro lado, enquanto dirigia de volta, Jaime só pensava nas palavras da Velma.

"Meus pais foram Marcos e Maria dos Santos... meu pai foi morto e a minha mãe desapareceu. O culpado foi um tal Miguel."

- “Miguel... meu pai... será que é coincidência? Não pode ser...” – Jaime pensando inquieto.

Chegando em casa, já quase 22h, entrou silenciosamente, mas seu coração não o deixava em paz. Foi até ao escritório, onde o pai ainda estava acordado e lendo. Está sentado na cadeira giratória e bebendo o uísque. A porta se abre devagar, entra Jaime, calmo, ainda com um leve sorriso no rosto.

- Olha quem chegou... o meu príncipe herdeiro. Pensei que que dormias fora hoje. – Miguel erguendo os olhos.

- Quase, pai. Mas resolvi vir dormir em casa. – Jaime sorrindo.

- Estiveste onde, afinal?. – Miguel curioso.

- Com... com a minha namorada.

- Namorada? Finalmente, hein! Até que fim assumiste uma. Como se chama ela?. – Miguel surpreso e feliz.

Jaime hesita por um segundo. Lembra-se do que a Velma lhe contou ... mas responde.

- Velma. Nome dela é Velma. – Miguel olhando para baixo.

- Velma? Humm esse nome tem força. Mas olha, diz a ela que tem sorte... o sonho de muitas meninas era ficar contigo. – Miguel com ar de orgulho e riso leve.

- Pai, por favor... - Jaime rindo.

- E ela é de onde?.

- Não sei ainda, pai. Estamos nos conhecendo. É recente.

- Hum... bom então, filho. É uma moça direita?. – Miguel franzindo a testa por segundos.

- É a melhor pessoa que já conheci, pai. – Jaime confiante.

- Então, quero conhecer essa Velma. Traz ela um dia aqui.

Jaime força um sorriso, engolindo a tensão.

- Sim... um dia, pai. Um dia.

Miguel levanta o copo.

- Então, brindo por isso... ao primeiro amor do meu primogénito.

Jaime sorri, mas por dentro está dividido.

- Pai... posso perguntar uma coisa?

- Claro, filho. O que houve?. – Miguel erguendo os olhos.

- O pai já conheceu um casal chamado Marcos e Maria dos Santos? Tinham cinco filhos...

Miguel posou lentamente o copo na mesa, e o olhar endureceu.

- Por que essa pergunta?. – Miguel frio.

- Por curiosidade, pai. Mas nada. – Jaime tentando disfarçar.

- Estás me escondendo alguma coisa, Jaime?. – Miguel olhando sério.

- Não pai, nada. Foi só conversa. Já estou com sono. Boa noite, pai.

Ele saiu rapidamente, subiu pro seu quarto, deitou-se sem conseguir fechar os olhos.

- Não pode ser... não pode ser o meu pai... E se for verdade? Meu Deus... E a Velma?. – Jaime pensando angustiado.

A noite inteira passou em claro. O coração dele dividido entre o amor e o horror da suspeita. O pai dele era o verdadeiro assassino.

E do outro lado, o Miguel permanece sentado, olhando fixamente para a porta fechada. Pousa o copo sobre a mesa. O sorriso desaparece. Fica em silêncio por alguns segundos... depois murmura para si mesmo.

- Hum! O que levou o Jaime a fazer aquelas questões? – Miguel pensativo.

Ele se levanta devagar, anda pelo escritório, pensativo, mãos atrás das costas.

- Será possível...? Não... não pode ser... Mas e se for? – Miguel sussurrando.

Pega no telefone, disca um número. Espera. Do outro lado, alguém atende.

- Boa noite, é o chefe Miguel. Preciso de um trabalho imediato. – Miguel directo.

- Sim, senhor. Só dizer. – Investigador do outro lado.

- Quero tudo sobre a namorada do meu filho. O nome dela é Velma. Vê onde vive, com quem anda, o passado dela... tudo. Quero saber até o que ela come no pequeno-almoço.

- Entendido, chefe! Em quanto tempo precisa da ficha completa?.

- Em menos de 48 horas. E discretamente. Ninguém pode saber. Principalmente o meu filho. – Miguel frio.

Ele desliga e encosta-se na cadeira, olhando pro nada. Depois murmura com os olhos semicerrados:

- Se essa Velma for quem eu estou a pensar... isso vai acabar muito mal.

A casa estava em silêncio. Velma, já deitada no quarto, ouviu o portão abrir e várias vozes abafadas. O relógio marcava 01h00. Ouviu passos apressados, malas sendo arrastadas, sussurros agitados.

- Rápido, fecha à porta!. – Jonilson no lado de fora

- Tá pesado! Tem mais dinheiro do que última vez. - Judilson ofegante.

- Guardem as armas primeiro. Depois contamos.- Jonilson baixo.

Velma curiosa e nervosa, ouve falas vindos da sala, levantou-se devagar da cama, e abre a porta do quarto bem devagar e encosta-se atrás dela, sem fazer barulho.

Do outro lado, o tom do Kilson segue áspero.

- Como é que o tal Jaime tem a coragem de trazer a Velma em casa sem o nosso consentimento, hein? – Kilson irritado.

- Não, Kilson. Ele tinha ligado pra mim, esqueci de te falar. - Jonilson tenta acalmar.

- Hum, vocês gostam de lhe acudir.... Mas enfim.

E a Velma, sem querer, pancou-se na mesa do seu quarto, que fez um barulho.

- Isso é quê? Judilson, vai ver se a Velma tá a dormir.- Alerta o Kilson.

- Tá bem.

Ele andou até quarto, abriu lentamente a porta. Velma já tinha se deitado às pressas, cobrindo-se até ao pescoço, fingindo dormir. Tremia discretamente.

Judilson observou por alguns segundos, depois falou:

- Tá dormir, velho.

Fechou a porta. Velma com os olhos arregalados, murmurava baixinho para si mesma, suando frio:

-Eles são bandidos... os meus irmãos... meu Deus... o que eu vou fazer agora?.

Já era fim da tarde em Maianga, quando o Jaime e a Velma chegam na casa dele rindo. O carro estaciona, e o motorista(que na verdade é o informante de Miguel), abre a porta para a Velma, com um sorriso educado mas olhar atento.

- Entra, amor. Seja bem-vinda!. Fica à vontade. – Jaime feliz.

- Muito obrigada, amor!. – Velma sorridente.

- Amor, não demoro! Vou só tomar um banho rápido, tá bem!?.- disse o Jaime beijando a testa dela.

- Tá bem!. – Velma sorrindo.

Jaime sobe, deixando Velma na sala com o suposto motorista, que agora já tirou o chapéu e se aproxima com um ar simpático.

- Velma, né? A namorada do chefe... - Informante disfarçado.

- Sim... sou eu. – Velma sorrindo tímida.

- Onde vives? E com quem moras?.

- Moro com os meus irmãos, mas por quê?. – Velma desconfiada.

- Ahh, nada não. Só curiosidade. O chefe Jaime nunca namorou sério... agora aparece com gatas dessas. O pessoal fica curioso, né!. – Informante sentado no braço do sofá, casual.

- Haha... pois é... - Velma sem graça, rindo de leve.

- E os teus pais? Vivem por aqui? E o teu apelido?. – Informante mais directo.

- Não! Não moro com os meus pais. Já faleceram... Desculpa, mas... por que tantas perguntas?. – Velma fechando um pouco o rosto.

- Nada demais, moça. Só puxando conversa. Não te zangues. – Informante levanta as mãos como quem se defende.

Ela apenas sorri desconfortável. Os olhos dele a observam com precisão.

“Esse tipo de curiosidade... não é normal”. – Velma pensando e sussurrando pra si.

Jaime desce, e a Velma muda o semblante rápido.

- Prontos, já tô limpo. Podemos comer?. – Jaime animado.

- Vamos sim. – Velma sorrindo disfarçando.

Os dois comiam felizes na casa de Jaime. Terminaram e o Jaime decide acompanhá-la sem o motorista. Os dois já no carro.

Velma está mais calada que o normal. Jaime nota.

- Tá muito quieta... aconteceu alguma coisa? A comida tava ruim? Fui eu?. – Jaime encarando-a.

- Não, você não, amor. É que... não sei se tu vais entender. É uma coisa pequena, mas me incomodou. – Velma respira fundo hesita.

- Fala comigo, amor. Sabes que podes confiar em mim. O que foi?. – Jaime segura na mão dela.

- Teu motorista... ou guarda, não sei... enquanto tu foste banhar, ele começou a fazer perguntas estranhas. No início achei que era só simpatia, mas depois senti que ele tava me sondando mesmo.

- Sondando? Como assim?. – Jaime franze a cabeça.

- Ele perguntava de onde eu sou, onde moram os meus pais, se vivem por aqui... quem são os meus irmãos... até meu apelido quis saber. Tudo com aquele ar de amigo, mas eu senti que era demais. Não era normal. Parecia que ele tinha um motivo.

- E tu respondeste tudo?. – Jaime sério.

- Claro que não, né! Respondi o básico. – Velma olhando pra ele.

- Está bem, sem problemas. Quando eu regressar farei a questão de conversar com ele.
– Jaime apertando o volante.

- Obrigada, Jaime. Só quis te contar... Não quero brigas. Mas precisava te dizer. – Velma emocionada.

- Nada a ver. Fizeste bem. Confia em mim.

- Confio em ti. – Velma com um sorriso fraco.

E finalmente, o Jaime deixou a Velma até à porta de casa.

- Obrigada por hoje e por me ouvir. Tu és mesmo especial. – Velma sorrindo um pouco aliviada.

- Não há de quê, você merece mais do que isso. Qualquer coisa, manda mensagem, tá? Eu tô aqui. – Jaime forçando um sorriso.

Eles se despedem com um beijo e um abraço apertado. Jaime volta pro carro e respira fundo.

O Jaime guardava para si a suspeita de que o pai está por trás do interrogatório, sem contar nada à Velma.

Depois de deixar a Velma, o Jaime regressa e chega em casa. Chama o motorista para uma conversa reservada.

- Primeiramente, boa tarde. Podes te sentar aí. Quero só tirar uma dúvida contigo. – Jaime com tom calmo, mas directo.

- Pode dizer, chefe.

- Hoje quando eu fui me preparar no quarto, a minha namorada me contou que tu estiveste a fazer muitas perguntas pra ela. Sobre a família dela, de onde vem, quem são os irmãos...

- Ah, não chefe! Foi só conversa mesmo. Sabe como é, né! Ela estava tão isolada e quis puxar assunto. – Informante disfarçando.

- Não és de puxar conversa. Eu te conheço. E agora decidiste ser sociável com ela? Hein? – Jaime encarando-o firme.

- Não é bem assim, chefe. Foi só pra ser educado.

- Tu estás a me mentir. Diz-me a verdade... foi o meu pai que te mandou? Estás a fazer trabalho pra ele?. – Jaime mais sério.

- Não, chefe. O meu patrão Miguel nem sabe que a moça esteve aqui hoje. Não tenho ordens dele nenhuma nesse sentido.

- Olha... se eu descobrir que estás a trabalhar como espião pro meu pai, vais sair do serviço sem aviso. Eu não misturo trabalho com traição. Entendeste?. – Jaime olha fixo por segundos.

- Entendi sim, chefe. Pode confiar.- Informante assustado.

- Espero mesmo que eu possa. – Jaime vira costas e sai da sala.

Era já de noite, quando o informante encosta o carro, olha para os lados, pega telefone e liga discretaente para Miguel.

-“Allô, patrão. Acabei de deixar o Jaime em casa. Já falei com a moça, como pediu.”- Informante com voz baixa e séria.

-“ E então? Conseguiu alguma coisa útil?”.

-“Mais ou menos ... A miúda é esperta. Não cai fácil. Respondeu pouco. Disse que só vive com os irmãos, não entrou em detalhes. Parece que suspeitou.”

-“ Hum... ela é mais cautelosa do que eu pensava. E o meu filho?”.

- “Também desconfiou, e disse-me que se eu estiver a trabalhar por você, vai me demitir.”

Miguel fica em silêncio por segundos, com o olhar fixo no copo de vinho à sua frente.

-“Ele está a crescer demais... E a Velma é uma peça-chave nisto tudo. Temos de continuar a investigar. Não te preocupes, eu próprio vou falar com o Jaime.”- Miguel frio.

-“Entendido, patrão. Qualquer passo, aviso logo.”

- “Boa. Não baixem a guarda. Quero saber de tudo sobre essa Velma... me parece que ela é a filha do meu eterno amigo, Marcos dos Santos...” – E ele riu juntamente com o informante.

O Miguel desliga o telefone, pensativo e sussurrando sozinho:

-“Se o Marcos deixou herdeiros... eu vou descobrir. E eu vou esmagar um por um.”- Miguel sorrindo de canto.

Final da tarde, Jaime entra no escritório do pai, vestindo camisa casual. Miguel sentado com um charuto na mão e um copo de vinho, finge estar calmo.

- Filho, entra. Precisamos conversar um pouco... - Miguel disfarçando um sorriso.

- Boa tarde, pai. Como vais? O que se passa?. – Jaime desconfiado mas educado.

- Não se passa nada demais... Só queria saber como vai a tua vida amorosa.- Miguel se levanta e o convida a sentar.

- Estou bem, pai. Estou muito acompanhado.- Jaime sorri levemente.

- Ah! Como ela se chama mesmo? Velma né? Nome bonito. – Miguel finge surpresa.

Jaime o encara por alguns segundos, sentindo que há algo por trás.

-Desde quando te interessas tanto pela minha vida amorosa?.

- Filho, eu sou o teu pai. Tenho que saber com quem andas. A vida tá difícil, cheia de aproveitadores por aí. Só quero o teu bem. – Miguel rindo.

- Não te preocupes, pai. Eu também presto atenção. Mesmo quando quem me vigia... anda dentro da nossa casa.- Jaime interrompe.

Miguel congela por uns segundos, depois sorri forçado.

- Estás a ver? És esperto. Gosto disso. Mas lembra-te, Jaime: nem tudo que brilha é ouro. E às vezes, o amor cega.

- Ou revela a verdade que o ouro tentou esconder. – Jaime levantando-se.

Jaime sai do escritório, Miguel observa em silêncio, irritado e pensativo.

O relógio marcava 18h, a porta abre com a carteira na mão, expressão ainda suave. Mas Kilson está sentado no sofá, braços cruzados, olhar duro.

- Boa noite, Kilson. – Velma nervosa.

- Boa noite, será que posso saber donde saíste?.- Kilson frio.

- Com... o Jaime... Só foi uma saída. – Velma respira fundo.

- Outra vez esse rapaz?? Velma, quantas vezes vou te dizer... esse gajo não é pessoa séria!. – Kilson irritado.

- Kilson, por favor! Não quero brigar.

E a Velma entra rapidamente pro quarto. Kilson ainda tenso, olhando para Velma que vai ao seu quarto. De repente, Jonilson entra na sala, percebendo o clima pesado.

- Eh, mano. A Velma sabe o que faz, tá ser responsável. – Jonilson tentando aliviar.

- Vocês é que estão a dar liberdade demais pro Jaime!! Deixam ele sair, namorar, fazer o que quer, sem pensar nas consequências. – Kilson virando-se bruscamente com voz forte.

- Olha, Kilson, eu também quero proteger a Velma, mas tu não podes sufocar ela assim. Ela é gente grande, tá a viver a vida dela. Confia mais, cota.- Jonilson calmo mas firme.

- Confiar? E se ela se magoar? Se esse gajo a trair ou pior? Vocês estão muito cegos. Eu tô só avisar que essa relação não vai acabar bem. Mas ninguém quer ouvir.- Kilson irritado, batendo na mesa.

- Tá bem, tá bem. A gente vai ficar mais de olho, mas não precisa ser esse clima de guerra em casa, mano. – Jonilson suspirou.

- Guerra ou não, eu não vou ficar com braços cruzados. Vocês é que estão a facilitar tudo.

- Já que assim, vou convidá-lo aqui em casa amanhã prapodermos o perguntar, acabar com as nossas dúvidas.

- Sem stress, e verãõ que eu estou certo. – Kilson frio.

Jonilson balança a cabeça, preocupado. O silêncio volta a reinar pesado.

- Desde que não armes confusão. Disee Jonilson.

- Eu? Confusão? Só quero saber sobre ele. – Kilson sério.

Era um fim da tarde, calmo na casa dos irmãos de Velma. Kilson ainda estava desconfiado sobre o Jaime. Depois de muitos debates entre eles, Jonilson sugeriu um almoço amistoso, aproveitando para tirar dúvidas de uma vez por todas. Com alguma resistência, Kilson aceitou, mas deixou bem claro: queria as respostas.

- Seja bem-vindo. Senta à vontade. Hoje é só convivência... -Jonilson sorridente.

- Muito obrigada, irmão. Fico feliz pelo convite. – Jaime rindo.

- Relaxa, boss. Aqui ninguém morde. – Tonilson servindo sumo.

- É como, bro?.- Pergunta o Jonilson.

- Estou bem, irmão.

- Então, Jaime. Fala um pouco de ti... -Judilson dando abertura das perguntas.

- Bem, eu sou Jaime Mendonça. Tenho 22 anos, moro sozinho. Sou o único filho. O meu pai é Miguel Mendonça... e a minha mãe é Nazaré, mas ela mora em Portugal. - Jaime calmo.

Nesse momento, os três irmãos se entreolham em silêncio. Kilson baixa o garfo devagar, sem tirar os olhos do Jaime. Já sabe a verdade que mais temia.

- E o teu pai, o Miguel, trabalha em quê?.

- Ele é empresário. Trabalha com investimentos, negócios, fora e dentro do país. Anda às vezes ocupado.

- Está bem, tropa.

E a Velma chegou com a comida.

- Comida chegou, suba à mesa. – Velma entusiasmada.

Depois do jantar, Jaime despede-se.

- Obrigado pelo convite e almoço. Foi bom partilhar com vocês. – Jaime levantando-se.

-Vai com calma, mano... a estrada já tá escura. – Tonilson alertando.

- Eu já volto. – Velma indo acompanhá-lo.

Jaime sai. Velma fica pra trás por alguns segundos, depois volta para a sala.

- Eu vos disse! Eu disse! Ele é filho do Miguel Mendonça... o mesmo cão que destruiu a nossa família. – Kilson gritando e encarando-os.

- Calma, Kilson. O cota não tem culpa, é o pai que tem. – Judilson tentando acalmar.

- Não tem culpa? Ele tem o mesmo sangue! O sangue de quem matou o nosso pai. Eu sabia que esse puto cheirava problema. – Kilson batendo na mesa.

- Mas, estão juntos com a nossa irmã...

- E daí? Vamos deixar ele amar o filho de um assassino? Nunca! Nunca enquanto eu viver. Eu vou proteger esta família, papá quem tinha me dito e tenho que cumprir. Mesmo que ela me odeie por isso.

Depois de dias de tensão e mal- entendidos dentro da casa dos Santos, a Velma sentia necessidade de respirar, sair, estar com alguém que a fazia sentir-se leve. O Jaime, por outro lado, contava os minutos para a próxima vez que a veria. Era numa dessas noites, por voltas das 20h, que os dois começaram a trocar mensagens.

A tarde no Huambo estava cinzenta, abafada e silenciosa. Na pequena casa humilde, Maria permanecia sentada na sua cadeira de rodas, o rosto cansado, os olhos fundos de tanto chorar. Ao seu lado, a amiga Nala, sempre presente, tentava disfarçar o desespero com força e sorrisos frágeis. Desde aquele dia trágico, o dia da morte de Marcos, Maria nunca mais foi a mesma. A bala não lhe tirou apenas os movimentos das pernas, tirou-lhes sonhos, o marido e os filhos, que desde então, tinham desaparecido.

- Nala... amiga minha... já não aguento mais essa dor, juro por Deus! Todos os dias acordo a pedir à minha morte que me leve! Para quê viver assim? Numa cadeira, esquecida, com este peso no peito!? Perdi o meu esposo... e os meus filhos. Ninguém me diz onde

estão... Será que ainda vivem? Será que me esqueceram? Eu já não tenho forças. – Maria chorando.

-Não digas isso, Maria. Tu és forte. Eu estou contigo. Os teus filhos um dia vão voltar. E tu vais andar de novo, vais ver. Essa cirurgia há de ser feita! Deus não abandona quem é justo. – Nala segurando as mãos dela.

- Justiça? Que justiça, Nala? Hein? O homem que matou o meu marido tá solto, está a usufruir tudo que não é dele, e eu aqui ... assim! Se pelo menos soubesse onde estão os meus filhos... Kilson, Jonilson, Tonilson, Judilson... e a minha pequena Velma... se ao menos eu ouvisse as vozes deles. – Maria com dor.

- Maria... vamos acreditar. Vamos ao hospital amanhã de novo. Temos de continuar tentar. – Nala com os olhos marejados.

Depois de muito esperar, exames e uma longa conversa com o médico:

-Dona Maria... a sua situação é mesmo delicada. A bala alojada está a impressionar a coluna com mais intensidade. Se não for operada logo, os danos podem se tornar irreversíveis. – Médico sério e folheando os exames.

- Então, diga-me doutor... eu vou morrer?. – Maria baixa a cabeça com voz fraca.

- Não, minha senhora. Mas precisa ser transferida para Luanda. Aqui não temos recursos suficientes para operar.

- Mas, doutor como vamos fazer isso? Nós não temos dinheiro nem para transporte, quanto mais cirurgia. – Nala preocupada.

- Eu sei que é difícil, infelizmente, é a única solução. Vou redigir o relatório médico completo. Talvez consigam ajuda humanitária.

Ao voltarem para casa, a Maria estava calada. Olhava para o céu, como se pedisse respostas ao marido morto.

- Amiga... já viu? Parece que a morte me persegue todos os dias. Quando não é a dor do corpo, é a saudade dos meus filhos... o vazio que o Marcos deixou. Já nem fé me sobra.

-Tu não vais morrer, Maria. Não agora. Eu vou mexer céu e a terra, vou pedir ajuda a quem for preciso. Tu vais andar de novo... vais reencontrar os teus filhos., vais viver pra contar tudo isso. – Nala acariciando a mão dela.

- Se ao menos visse o rosto de Velma... ouvir a voz de Kilson, do Judilson... Mas eles sumiram. O Miguel e a Cláudia engoliram meus filhos, e eu fiquei aqui, sem poder sequer correr atrás.

O telefone toca. Nala atende:

-“Allô? Quem fala?”. – Nala desconfiada.

-“Boa tarde, senhora. O meu nome é Amílcar Andrade. Sou advogado do falecido Marcos dos Santos. Estou a apartir de Luanda. Preciso falar com a Dona Maria com urgência!. Recebi documentos antigos e uma denúncia anônima relacionada à morte do seu marido. Há também informações sobre os filhos dela... eu preciso encontrá-la pessoalmente.” – Advogado sério e calmo.

- “Advogado de Marcos?”(Nala baixa o telefone por um segundo e sussurra para Maria)
: – É um advogado. Diz que é do teu marido, Maria, quer falar contigo.

- Do Marcos? Como assim?. – Maria confusa e nervosa.

“- Ela está aqui comigo. Mas... por favor, senhor advogado... isso é sério?.” - Nala olhando para Maria.

- “Muito sério, senhora.”

- Toma, fala com ele. – Nala entrega telefone.

- “Allô... eu sou a Maria.” –Maria trêmula ao atender.

-“Dona Maria, é um prazer finalmente ouvir a sua voz. Eu fui advogado do seu esposo Marcos durante muitos anos. Ele confiava em mim. Estive fora do país por questões de segurança... fugi para Portugal, porque o senhor Miguel Mendonça e a dona Cláudia estavam a tentar me eliminar. Queriam apagar qualquer rastro do testamento verdadeiro do Marcos.”

- “Meu Deus... então era verdade! Sempre desconfiei! Eles mataram o meu homem...” – Maria emocionada.

- “Infelizmente, sim. Mas o que eles não conseguiram foi destruir a verdade. O testamento original está comigo. E eu regressei a Luanda há poucos dias para pôr fim a essa farsa. A herança do seu esposo... pertence aos filhos legítimos, e a si.”

-“Senhor Amílcar... eu não estou em Luanda. Vivo no Huambo com uma amiga. Estou numa cadeira de rodas... sem dinheiro, sem saúde...” – Maria chorando.

-“Não se preocupe, Dona Maria. Amanhã mesmo parto. Já esperei demais. A verdade tem que ser dita. E os culpados vão pagar.” – Amílcar com firmeza.

-“Obrigada, meu Deus... obrigada mesmo...” - Maria sussurrando.

- Viste? Eu te disse! Os teus filhos vão saber da verdade, Maria! Isso ainda vai virar!. – Nala abraçando Maria.

- Espero por ele. Mesmo de cadeira... eu ainda tenho forças para ouvir a verdade. – Maria chorando.

Depois de anos em silêncio, dor e esperança sufocada, Maria já não esperava por nada. Cada dia era uma batalha entre a resistência e o desespero. No interior de Huambo, entre paredes humildes e noites frias, vivia da ajuda da amiga Nala.

No dia seguinte, o advogado chegou. A porta bate e a Nala abre ao som de uma leve abatida.

- Boa tarde, senhor... em que posso ajudar?. –Nala surpresa.

- Boa tarde. Sou o senhor Amílcar, o advogado de Marcos. Falei convosco por telefone. –Amílcar com uma pasta na mão, gentil.

- Ah! Sim. Entre, entre por favor. A Maria está à sua espera. – Nala sorrindo.

Amílcar entra, senta e vê Maria na cadeira de rodas, abatida mas com os olhos atentos.

- Dona Maria... é um prazer conhecê-la. Sinto muito por tudo o que passou. – Amílcar aproximando-se com respeito.

- Obrigada, Sr. Amílcar... o prazer é meu. Só não esperava que alguém ainda se lembrasse de mim ou da minha dor. – Maria com embargada.

- Eu vim porque acredito que há uma história mal contada... documentos, testemunhos, tudo indica que o seu marido foi assassinado por interesses sujos. Mas antes de falarmos disso, o que tem acontecido com os seus pés? Estão muito inchados.

- Foi por um único tiro... aquele dia ... quando mataram o Marcos, também me atingiu. Desde então fiquei assim. Só fiz uma cirurgia da retirada da bala, mas precisava de outra e medicações. –Maria com voz fraca e triste.

- E por que não fizeram a segunda cirurgia? Isso não devia ter ficado assim, dona Maria. – Amílcar ajoelhando-se diante dela.

- Porque não temos dinheiro suficiente, Sr. Advogado. A primeira vez foi feita com doações ... depois disso, nunca mais conseguimos nada. – Nala intervindo com voz firme.

- Eu também perdi a vontade... depois da morte do meu marido, dos meus filhos sumidos... eu só quis esperar a morte. – Maria olhando nos olhos dele.

- Não, dona Maria. Isso vai passar. Eu vou assumir os custos da sua viagem para Luanda e da cirurgia.- Amílcar sentando-se à frente dela.

Maria começou a chorar, tapando o rosto com as mãos.

- Meu Deus... de tantos anos! Eu já não sonhava... já não pedia nada... só queria morrer em paz. – Maria entre lágrimas.

- Que Deus lhe pague senhor... Que Deus o abençoe cada dia mais, que o senhor receba ao dobro. – Nala com os olhos cheio de lágrimas.

- Eu só quero reencontrar meus filhos... e honrar o nome do meu marido. Se o senhor me ajudar nisso, serei eternamente grata, que Deus lhe guarde. – Maria tentando-se recompor.

- É exatamente isso que vim fazer, dona Maria. E a partir de hoje, a sua vida começa a mudar. – Amílcar firme.

Já era quase fim da tarde. Jaime deitado na cama do seu quarto, sorria ao ver a foto da Velma do fundo do telefone. Sentia saudades do toque dela, o jeito doce de falar. Pegou telemóvel e decidiu mandar mensagem:

-“Oi, minha princesa... Já estou com saudades tuas. Que dizes de nos vermos amanhã?”.

Do outro lado, Velma no quarto dela, penteado o cabelo em frente ao espelho, ouve o som da mensagem. Sorri, pega o telefone e responde.

-“Oi, meu amor, também estou com saudades tuas. Claro que sim, a que horas?”.

-“Pensava em passar aí por volta das 15h. Vamos pro Talatona, conheço um restaurante calmo e bonito.”

- “Uau! Adoro ideias assim! Tá bem amor, às 15h estarei prontíssima. Só que tens que me esperar distante, porque o Kilson não pode ver.”

-“Fechou. Estarei distante às 15h em ponto. Vais ver como esse dia vai ser especial.”

-“Mal posso esperar... Amo-te.”

-“E eu a ti. Amanhã será um dia lindo.”

O tão esperado dia finalmente chegou. A casa estava silenciosa, quase vazia. Os irmãos haviam saído cedo e só o Tonilson dormia profundamente no quarto. Velma, com coração acelerado, aproveitou o momento para se preparar cuidadosamente. Velma estava na cozinha, terminando de arrumar a mesa com o almoço do irmão que ficou. Tirou a toalha, foi ao quarto de banho e tomou um banho demorado. Secou-se com

calma, hidratou a pele, maquiou-se com leveza, colocou um vestido justo, simples mas encantador, o caprichou no perfume.

Enquanto terminava de ajeitar o cabelo frente ao espelho do corredor, o telefone tocou.

- Já tô aqui fora, linda. Acho que o meu coração chegou antes de mim. – Jaime do outro lado.

- Ai, que exagero... já tô a sair. Só vou pôr saltos. – Velma rindo.

Velma sai devagar, espreita o quarto do Tonilson, ouve-o a rressonar e sai de fininho.

- Que hoje ninguém me estrague esse momento. – Velma ao fechar a porta suavemente.

Ela caminha em direcção ao corredor onde o Jaime já esperava com um sorriso brilhante.

Chegam juntos à entrada, o segurança o cumprimenta. Jaime abre a porta para Velma com um sorriso no rosto.

- Depois de ti, princesa.

- Que cavalheiro... estás a me tratar como se fosse realza. – Velma sorrindo.

- E não és? Olha que és a minha rainha. – Jaime puxando cadeira pra ela.

Ambos sentam, o garçom entrega menus.

- Queres o que quiseres? Tem aqui bacalhau, batatas fritas, arroz de legumes... - Jaime folheando.

- Acho que vou comer de legumes, batatas e carne... e um sumo natural.

- Perfeito, então vou pedir igual... só pra provar se o teu gosto é mesmo top.

Ambos riem, o pedido é feito. Poucos minutos, os pratos chegam.

- Humm... isto está mesmo muito bom. Estou a sentir que este almoço vai ficar na memória. – Velma saboreando.

- Ficar vai... porque não é o prato que é especial. És tu. Velma, sabes... fico muito feliz por estares aqui comigo. Sinto que tudo começa a fazer sentido quando estou contigo. – Jaime de olhos nela.

- Jaime... eu também fico feliz muito feliz. É estranho, mas contigo, sinto-me segura. Nem sei como explicar. Parece que o mundo para quando estamos assim. – Velma tocada.

- Não precisas explicar. Só vive. Porque eu não quero mais soltar tua mão. – Jaime segurando a mão dela por cima da mesa.

Ambos se olham intensamente, com os corações a bater forte, enquanto continuam a refeição, rindo e trocando confidências num ambiente leve e apaixonada.

O relógio marcava 17h, quando o som de portão a ser batido com força.

- Mas esses estão a fazer o quê, então? – Kilson gritando do lado de fora.

Tonilson, com olhos e voz rouca, ouviu o portão a ser batido forte e foi abri-la.

- Fogo! Cota... tava dormir. Pensei que fosse a Velma a abrir.

- Cala só! Onde é que está a Velma? – Kilson entra furioso.

- Hãh? A Velma? Tá no quarto dela, suponho... Ela tava cá dentro, quando dormi!- Tonilson coçando a cabeça.

Os dois vão até quarto de Velma. Kilson bate na porta com força.

- Velma? Velmaaa? Abra à porta!.

Silêncio. Ele tenta abrir a porta e está trancada. Ele olha fixo pro Tonilson.

- Tás a gozar comigo, né? Você tem a certeza que a Velma está cá?.

- Velho! Eu juro, ela tava aqui mesmo, fez até almoço, tudo... só que eu fui dormir mbora e não vi mais. – Tonilson confuso.

- Merda!! Já sei... já sei onde é que ela foi!. – Kilson furioso.

Kilson corre até a sala, pega no telemóvel, ativa o rastreador GPS da Velma e olha o mapa.

- Restaurante no Morro Bento... com aquele palhaço!. – Kilson rosna entre dentes.

Sem dizer mais nada, apanha as chaves do carro, abre a porta com força e sai correndo. O carro arranca em alta velocidade com os pneus a chiar.

- Ewué! Esse filme vai ter final bué feio. – Tonilson no portão, ainda meio zozinho.

O sol já se punha, tingindo o céu de tons alaranjados, enquanto o coração de Kilson ardia de raiva. O volante apertado entre os dedos, os olhos fixos na estrada. O GPS confirmava: Velma estava mesmo naquele restaurante no Morro Bento com o tal Jaime. O sangue lhe fervia. As veias do pescoço pulsavam. “Estão a brincar com a minha cara?”,

murmurava entre dentes. Kilson estacionou bruscamente, saiu do carro como uma tempestade prestes a desabar, e entrou no restaurante com passos pesados, olhos cortantes como navalha.

Kilson entra, vasculha o restaurante de mesa à mesa, olhando cada casal que via. Até que... Kilson, parando e cerrando os olhos ;

- Mas olha só... ali estão eles! Que lindinhos.

Caminha rápido e para diante da mesa de Jaime e Velma. Todos no restaurante começam a observar.

- Velma! Levanta, agora!!- Kilson olhando fixamente para a Velma.

- Kilson! O quê que é isso?. Só estamos... – Velma assustada.

- Cala essa boca! Levanta-te e vamos pra casa!. – Kilson interrompendo.

Jaime levanta tentando acalmar

- Kilson, com o todo respeito... não há necessidade disso. Nós só estávamos...

Kilson agarrando Jaime pela camisa:

- Cala essa boca você também! O quê que tu queres com a minha irmã? Hein? Veio aqui para terminar o trabalho do teu pai ? Vais matar ela também?.

- Por favor, Kilson. Não faças isso! Jaime não é como o pai dele!. – Velma chorando.

- Fecha essa boca, Velma! E vai pro meu carro, agora!. – Kilson gritando.

Velma sai a correr e chorando. Kilson larga o Jaime e dá costas, mas volta e encara Jaime de novo:

- Diz ao teu pai... o assassino, que o filho de Marcos e Maria está vivo. Kilson dos Santos está vivo...

Kilson sai do restaurante deixando um silêncio pesado atrás.

O restaurante, antes tomados por risos, espantos, caiu num silêncio tenso. Todos os olhares estavam presos naquela cena explosiva. Alguns murmuravam, o nome “assassino” ecoava na cabeça de Jaime como um trovão. A frase final de Kilson foi uma pancada seca no peito. Diz ao teu pai que o Kilson dos está vivo. Jaime continuava de pé, estático. As mãos tremiam levemente. A pele , pálida. A respiração, descompassada.

Jaime olha ao redor, envergonhado, depois para cadeira vazia onde Velma estivera. Sem dizer uma palavra, tira dinheiro da carteira e põe-na na mesa.

- Meu pai... o que tu fizeste?. –Jaime baixo, para si mesmo.

Ele sai do restaurante em passos firmes e entra no carro, bate a porta com força e acelera. O carro arranca deixando poeira. No trajeto fala sozinho:

-Então é isso? O Kilson é filho daquele senhor Marcos? O mesmo passado do meu pai? Isso não é coincidência. Isso é guerra. Preciso falar com ele agora. Não posso ignorar isso.

Ele acelera mais ainda, olhos tensos, coração aos pulos. Direcção escritório de Miguel Mendonça.

Depois de sair disparado do restaurante, Jaime dirigiu até o escritório do pai, o coração em tumulto. Ao chegar, nem cumprimentou os funcionários. Subiu directo. Bateu na porta calmo. Miguel estava a rever alguns documentos, mas assim que viu o filho entrar daquele jeito, soube que algo sério estava por vir.

- Pai... preciso falar com senhor, agora!. –Jaime entrando.

- Filho ? Senta, por favor. Que cara é essa ? Parece que viste um fantasma. – Miguel erguendo o olhar.

Jaime senta-se devagar, com o olhar fixo no pai.

- Por acaso, o senhor conhece alguém chamado Kilson dos Santos? – Jaime directo.

O nome fez tremecer por dentro. Ele ajeita-se na cadeira, tenta manter a calma.

- Kilson??? De onde vem esse nome?. – Miguel cauteloso.

- É irmão da Velma. O mesmo apareceu hoje no restaurante, me gritou, puxou minha camisa... disse que és um assassino. Pai, ele parecia odiar-me, como se eu tivesse feito alguma coisa. Vim aqui... porque preciso entender e no fim, chamou-te de assassino, pai. E no fim, ele disse:”Diz ao teu pai que o Kilson dos Santos está vivo. – Jaime olhando nos olhos do pai.

Miguel levanta-se, muito calado. Aproxima-se do filho e suspira:

- Tu encontraste os filhos de Marcos e de Maria. Esse gajo é um bandido. Anda a fugir da polícia há anos. E, eu como empresário conhecido, denunciei o esquema dele. Só que ... um dos capangas dele foi morto naquela confusão. Desde ali ele jura a vingança. E

agora, tu te apaixonaste pela irmã deles. – Miguel sem olhar para Jaime, tentando ocultar.

- Mas... pai o que fizeste? Quem são essas pessoas afinal?. – Jaime atordoado.

Miguel volta-se e aproxima-se e põe a mão nos ombros do filho.

- Um dia vais entender tudo. Mas, acredita, filho... eu só quis proteger a nossa família. Só quis sobreviver neste mundo podre. Abraça-me... só isso. – Miguel baixo.

Jaime levanta-se sem entender nada, confuso, mas abraça o pai. Sentia que uma verdade dolorosa estava escondida... mas ainda não era a hora de saber.

- Se eu soubesse, já os tinha mandado presos. Mas andam escondidos como ratos. – Miguel desviando..

Jaime olha fixamente, como se quisesse encontrar as verdades nas mentiras.

- Vamos fazer um acordo, filho. Precisamos encontrar esses irmãos. Se sequestrarmos a Velma, eles vão sair do esconderijo pra vir atrás dela. E aí... pronto, resolvemos isso duma vez. – Miguel aproxima-se e põe a mão no ombro dele.

- O quê? Sequestrar a Velma? Não pai... não posso fazer isso, eu amo-a. – Jaime assustado.

- É a única solução. Se não colaborares, posso agir sozinho e não prometo que ela saíra ilesa. – Miguel frio.

Jaime entra em pânico. Treme por dentro. Não quer perder Velma. Mas também teme pelas acções do pai.

- Ok... vamos fazer um acordo. Mas o senhor também tem de me prometer uma coisa: não toques na Velma. Ela não pode sofrer. – Jaime com voz baixa e convencido.

- Combinado! Porém, tens três dias pra me trazeres a miúda. Não falhes. – Miguel sorrindo.

Jaime assente, de cabeça baixa, já imaginando o peso da traição que carregaria.

Enquanto isso, no banco de trás do carro, Velma chorava baixinho, com o coração partido. O silêncio no carro era cortante. Kilson mantinha o olhar rígido, dirigindo furiosamente. A Velma ainda chorava no banco de trás, o rosto molhado, os olhos vermelhos e a alma em pedaços. Mas não era o fim- era só o começo do castigo.

Kilson desce do carro com fúria, abre a porta de trás e segura Velma com força pelo braço.

Ao chegarem, o portão bateu com força. A Velma mal saía do carro, já sendo ralhada.

- Anda cá! Hoje vais aprender a nunca me desobedecer!. – Kilson raivoso.

- Kilson! Estás a me magoar! Larga-me, por favor. – Velma a chorar, tentando se soltar.

- Cale essa boca! Cala!! Foste sair com esse assassino?!.. – Kilson gritando.

Jonilson , Tonilson e Judilson já correm até o quintal.

- Velho... Tás a exagerar bué!. – Tonilson tentando separar.

- Mano, a miúda tá a chorar! Solta ela, por favor. – Judilson pede.

- São vocês que estão a dar liberdade demais! Tão a fazer de conta que não veem nada! Estão cegos?. – Kilson furioso, com rosto vermelho.

- Mas castigar ela assim não vai resolver!. – Tonilson meio sonolento, mas sério.

- Eu amo o Jaime! Amo ele! Ele é diferente, não é como você pensa. –Velma aos gritos.

- Cala-te, Velma! Amor!? Isso é engano! Esse rapaz só tá a brincar contigo! Vais acabar morta como o nosso pai... custa-te entender? – Kilson aponta o dedo.

Ele arranca o telefone da mão dela e aponta para dentro.

- Vai pro teu quarto, agora! Estás de castigo. Só sais quando eu disser. –Kilson frio e seco.

Velma entra correndo, chorando, e bate a porta do quarto com força. Os irmãos ficam em silêncio, vendo o rastro de dor que noite deixou.

Dentro do quarto, Velma ainda soluçava. O coração batia forte. A única coisa que queria era ouvir a voz de Jaime. Secou as lágrimas, abriu o computador escondido no fundo da gaveta e ligou para ele por vídeo.

Do outro lado, o Jaime conduzia lentamente, a cabeça cheia de confusão, até que o som da chamada tocou. Ele parou o carro de imediato, reconhecendo o nome dela.

Ligação atende, Velma aparece com os olhos vermelhos e com voz trêmula:

- Jaime! Meu amor... desculpa pelo ocorrido! Eu juro que não sabia que o Kilson ia fazer isso... ele pegou-me no braço, gritou comigo, me trancou no quarto como se tivesse 10 anos... me perdoa mesmo!. – Velma chorando.

- Velma... shhh, calma, meu amor... respira. Eu tô aqui, tá bem? Eu vi tudo... vi o teu desespero. Não precisas pedir desculpas de nada, ouviste? Isso vai passar... o Kilson só está chateado. – Jaime calmo e com rosto tenso.

- Mas... ele não vai aceitar nunca... e agora tirou o meu telefone. Só consegui ligar porque o meu computador estava escondido... eu tô com medo, Jaime. Velma tentando conter o choro.

- Escuta bem o que eu vou te dizer... eu não vou deixar ninguém te afastar de mim. Nem o teu irmão... ninguém! A gente vai dar um jeito, eu prometo. – Jaime com voz firme.

- Está bem, Jaime! Eu amo-te tanto... - Velma emocionada.

- E eu amo-te ainda mais. Tu és a única pessoa que me faz esquecer que o mundo pode ser cruel. Vamos aguentar, tá? Por nós. – Jaime olhando na tela emocionado.

A chamada caiu repentinamente. A Velma ficou com o rosto colado ao computador, como se sentisse o toque do Jaime. Limpou as lágrimas e escondeu tudo antes que o Kilson ouvisse.

Do outro lado, o Jaime arrancou com o carro, o peito apertado, os olhos a brilhar. Estava decidido a proteger a Velma a qualquer custo, mas o tempo corria contra ele. Tinha três dias para entregar a rapariga que amava ao seu próprio pai. E agora?

Era já noite. A Velma deitada na cama, olhava pro teto. O quarto escuro refletia seu estado emocional. Ouvia os passos no corredor. Jonilson bate levemente à porta:

- Velma... estás acordada? – Jonilson sussurrando.

- Tô sim... - Velma fraca.

- Olha, Velma... desculpa mesmo... devíamos ter te defendido melhor. O Kilson passou dos limites.

- Ele tá magoado... mas isso não justifica. Eu só quero amar o Jaime... só isso.

- O amor às vezes desafia tudo... mas tu tens que ser forte. Eu estou contigo.

- Muito obrigada, Jonilson. Só poderia ser você. - Velma sorrindo.

O relógio da sala marcava exatamente 20h. O ambiente dentro de casa estava tenso desde o regresso. Depois de todo alvoroço no restaurante, o Kilson decidiu preparar o jantar com as próprias mãos, talvez como a forma de se redimir ou apenas tentar suavizar o clima pesado que pairava entre ele e a irmã. Com um tabuleiro de arroz,

feijão, frango e sumo de fruta(Compal), caminhou até ao quarto da Velma. Respirou fundo, bateu à porta com a mão livre e entrou.

- Posso entrar?. – Kilson com voz contida.

- Já entraste, não?. – Velma deitada sem olhar para ele.

- Trouxe o jantar. Sei que não deves ter comido desde que chegamos... Kilson avançando.

- E quem co,seguiria comer depois de passar vergonha em público? – Velma levantando-se ríspida.

- Velma... precisamos conversar. – Kilson manter a calma.

-Conversar? Agora? Depois de gritares comigo na frente de todos? Depois de quase bater no Jaime?. – Velma sentando-se na cama, braços cruzados.

- Eu fiz isso para te proteger, irmã. Tu não sabes quem ele é!. – Kilson colocando tabuleiro por cima na mesinha.

- E tu achas que eu não sei me proteger? Tu não conheces ele! Você nem me ouves!.

- Velma... nós perdemos o pai. Vi a mãe a chorar. Eu tenho raiva, sim. Medo, sim. Mas tudo isso... é porque eu te amo, minha irmã. – Kilson mais calmo.aa

- Então aprende a me respeitar. Amar não é controlar. Não é me trancar no quarto e me obrigar a comer como se fosse uma criança. – Velma com os olhos marejados, mas firme.

- Eu só quis o melhor pra ti. –Kilson o segura nas mãos.

- Então começa por me escutar.

- Velma! Esse Jaime que tu andas aí a defender com unhas e dentes... é filho de assassino, ouviste? Filho daquele homem que destruiu a nossa vida! Não é contigo que ele deve estar, é com a justiça!. – Kilson olhando firme pra Velma.

-Tu não cansas com essa história, Kilson? Tu não percebes que o Jaime não é o pai dele? Tu nem conheces ele direito!. – Velma erguendo o rosto, magoada e irritada.

Kilson levantando-se devagar, olhando pro chão e depois pra ela:

- Eu conheço o camarada. E sei que o sangue do pai corre nas veias dele. Um dia vai te trair, vai te machucar... Velma? Será que não entendes?.

- Não! Porque tu só sabes julgar! O Jaime me respeita, me cuida, me ouve! Ele é tudo o que tu não estás a ser comigo!. – Velma de pé, agora gritando.

- Está bem, Velma! Um dia vais ver que eu tinha razão. E eu vou estar aqui... pra te levantar quando esse amor te derrubar. – Kilson dando dois passos em direcção à porta.

E a Velma nem conseguiu falar mais nada. Kilson, sai do quarto suavemente.

Depois daquela discussão tensa e emocional, o silêncio se instalou na casa como uma nuvem pesada. Kilson saiu do quarto da irmã, mas ficou a noite inteira pensativo, inquieto, como quem carrega um peso no coração. Na manhã seguinte, ainda com feições sérias, ele volta a bater na porta do quarto da Velma.

- Velma... já não estás de castigo. Podes sair. Eu só quero o teu bem. – Kilson de pé, encostado à porta num tom mais calmo.

- Obrigada, Kilson. Mas isso não muda nada. Tu não tens direito de controlar a minha vida assim. – Velma dentro, com voz seca.

- Talvez não tenha mesmo. Mas sou teu irmão mais velho, e se tiver de ser o vilão pra te proteger... vou ser. Pode ficar com o seu telemóvel.

- Proteger ou prender?.

Kilson sem resposta, apenas se afaste devagar, murmurando:

- Faz o que achares certo, Velma. Mas lembra-te... nem todo mundo que sorri tá contigo de verdade.

Ele sai deixando-a sozinha com os pensamentos... e o coração cada vez mais dividido.

Velma ficou ali, sentada na beira da cama. Seus olhos estavam fixos no chão, mergulhada em pensamentos confusos, tentando entender se o irmão realmente estava certo ou apenas tomado pelo ódio. Mas no fundo ela sabia. E era pelo Jaime, pegou o telefone com mãos trêmulas e discou o número dele.

-“Allô, Jaime!”. – Velma com voz ainda sensível.

-“Como vais? Conseguiu pegar o telefone?.”

-“Estou bem, amor! Já não estou de castigo.”

-“Sabia. Eu disse que era passageira. Você sabe como o Kilson é... cabeça quente.”

-“Ele veio agora, disse que posso sair do quarto. Mas o jeito como ele fala de ti... Jaime eu...”- Velma suspira emocionada.

-“Ei... Velma! Eu não sou o meu pai. E tu sabes disso. A única coisa que importa é o que nós sentimos, não o que dizem.” – Jaime interrompe suavemente.

-“Eu sei... e eu quero continuar contigo, aconteça o que acontecer.” –Velma sorri entre as lágrimas.

-“Então vamos em frente. Juntos, nada de castigo vai nos separar. Então, minha querida... já que saíste do castigo, tá na hora de compensar, né?. – Jaime com voz suave e brincalhona.”

-“Compensar como assim?” – Velma rindo.

-“Um jantarzinho... só nós os dois. Prometo que não terá gritos, nem arranca camisas no meio do restaurante.”

-“Humm... estás a querer arriscar outra confusão?.” –Velma brinca.

-“Não, mas agora vamos com o plano, essa vez nada de GPS ligado, tá ouvir?.”

-“Eu juro, Jaime! Vou pôr o telefone em modo de voo!.”

-“Tá combinado. Amanhã às 17h, num restaurante novo... ambiente mais reservado.”

-“Desta vez... eu não fujo por nada.” – Velma sorrindo.

E a chamada que esteve tão serena, Jaime no quarto, recebe chamada do pai, suspira ao ver o nome no telefone:

-“ Outra vez... Allô, pai?.”

- “ Meu filho, e então? Já falaste com ela? Quando é que vais trazer pra cá?.” – Miguel impaciente.

-“Pai... tenha calma... se eu for com pressa, ela vai desconfiar. A Velma não é burra.” – Jaime baixando a voz.

-“Não tens muito tempo. Falámos em três dias. Já se passaram mais de 24h.” – Miguel seco.

-“Eu sei, pai. Mas se quiseer que o plano funcione, deixe-me fazer do meu jeito. Amanhã vou jantar com ela, talvez aproveito.”

-“Não te esqueças o que está em jogo, Jaime. Eu não falho nos meus acordos. Não me faças falhar por tua causa.” – Miguel com voz dura.

-“Eu dou conta. Mas por favor... paciência. Se eu estragar tudo, perdemos.” – Jaime engolindo seco.

-“Tens até amanhã à noite. Não brinques comigo, Jaime.” –Miguel pausa, depois em tom ameaçador.

-“Sem problemas, pai... amanhã à noite trato disso. Só preciso que confie em mim.” – Jaime respirando, tentando manter a firmeza na voz.

-“Confiança não se pede, conquista-se. Estou à espera, não me desiludas.”

-“Não vai acontecer, pai... Boa noite.”

Desliga e encosta-se na parede do seu quarto, olhando o telefone com o rosto carregado cheio de arrenpedimento.

O sol nascia devagarna cidade de Huambo, quando o carro alugado parou à porta da humilde casa ode viviam Maria e Nala. Depois de muitos anos de dor, esperança e saudade, finalmente, um fio de luz surgia no horizonte. O advogado Amílcar, tocado pelas palavras e situação da Maria, não só ofereceu ajuda, ele tornou-se ponte para a mudança.

- Dona Maria, aqui está o valor do táxi vos levará até Luanda! E também o dinheiro necessário para a primeira fase da cirurgia. Eu já faleicom um conhecido no Hospital dos Militares. Estão à vossa espera. Eu virei mais tarde. – Amílcar segurando um envelope.

- Senhor advogado... o que o senhor está a fazer por mim... por nós... não tem preço. Que Deus lhe pague o dobro! Eu nem sei como agradecer. –Maria com olhos marejados de lágrimas.

-Eu disse, Maria... que ainda há gente boa nesse mundo! Vamos tratar-te, vamos mudar esta história. – Nala abraçando o envelope com cuidado.

- A justiça começa com pequenos gestos. Vamos em Luanda mudar esse destino. – Amílcar sorrindo.

-Marcos, meu amor... os teus filhos estão vivos, e alguém ouviu o nosso clamor. Eu vou levantar-me, por eles, por mim, por ti... - Mariz olhando o céu emocionada.

Com fé renovada, as três embarcam rumo a Luanda. O motor do táxi arranca, levando com ele mais do que corpos, levava esperança, força e a promessa de dias melhores.

Era sábado à tarde, o sol brilhava alto sobre Luanda e o coração de Velma batia num ritmo ansioso e apaixonado. Depois de tantos desencontros, lágrimas e discussões, ela e Jaime finalmente marcariam mais um encontro, desta vez com o coração mais leve, mas com cautela de quem já sentiu na pele o peso da vigilância. Velma decidiu fazer diferente, antes de sair, resolveu avisar aos irmãos, excepto ao Kilson que não esteve em casa, e isso facilitava tudo.

Já vestida com uma calça leve azul, cabelo bem arranjado e perfume discreto, Velma saía do seu quarto com um sorriso tímido nos lábios. No sofá, estavam sentados Jonilson, Tonilson e Judilson:

-Meus manos... já terminei! Como já tinha avisado... vou jantar com o Jaime. – Velma parando em frente a eles, ajeitando a bolsa.

- Oooh! Afinalê!. – Judilson virando-se surpreso.

- Sim! Eu só quero viver em paz... amar sem guerra.

- Tá kit então! Mas qualquer coisa, dá um toque!. – Jonilson meio sonolento.

- Vou ligar, sim! Amo vocês, tá? Até já. – Velma sorrindo com carinho.

Depois de se despedir dos irmãos, Velma atravessou o quintal com passos decididos, mas com o coração acelerado. Já era quase entardecer e o ar trazia uma leve brisa. Chegou ao portão, olhou para os lados e pegou no telefone para ligar ao Jaime.

-“Jaime, tô cá no portão... onde é que estás?”. – Velma ao telefone.

-“Estou aqui na estrada, ao lado da padaria, num Range Rover preto.”- Jaime com voz calma.

-“Está bem, já vou”.

Ela desligou, atravessou e caminhou em direcção à estrada. Ao avistar o carro preto de vidros fumados, sentiu o coração dar um salto. O carro parecia imponente. Um dos guarda-costas de Jaime desceu com a expressão fria, abriu a porta traseira com firmeza.

- Entre, senhorita Velma. – Guarda sério.

-Jaime?. – Velma hesitante, olhando pra dentro.

- Estou aqui, amor! Entre, estás segura. – Jaime sorrindo lá dentro.

Velma sorriu com alívio ao vê-lo, e mesmo com o nervosismo inicial, entrou. A porta fechou-se com um baque suave e o carro arrancou tranquilamente pela estrada.

- Jaime... hoje vieste com seguranças? Por que? Não vieste sozinho como sempre?. – Velma olhando em volta, ainda um pouco tensa.

- Hoje não me apeteceu conduzir, amor. Estou cansado. – Jaime passando o braço por trás dela com um sorriso leve.

- Eh! Assustei-me bué quando vi esse guarda com essa cara de quem engoliu limão. – Velma suspirando.

- Esquece isso!. – Jaime rindo.

O sol já começava a cair no horizonte no Morro Bento quando o carro preto de vidros fumados parou diante de um dos restaurantes mais requintados da cidade. Um dos guarda desceu, rodeando o carro com firmeza, abrindo a porta para Velma e depois para o Jaime. Ambos desceram, bem vestidos, chamando atenção dos presentes. Mas havia algo no ar uma tensão silenciosa.

Já na mesa do restaurante:

- Finalmente! Já estava com saudades de sair contigo assim... - Velma sorrindo enquanto se senta.

-Também queria esse momento contigo. – Jaime forçando um sorriso.

- Jaime... estás estranho. Desde que entrei no carro que parece que estás noutro mundo. Aconteceu alguma coisa?. – Velma olhando para ele estranhando o seu olhar distante.

- Não... nada! Só o cansaço. – Jaime evitando o olhar dela mexendo talheres.

- Tu sabes que podes falar comigo, né? Se tiver algo a preocupar-te, eu tô aqui. Nem parece que estamos num encontro, Jaime. – Velma segurando a mão dele.

- Eu sei... e tu não imaginas o quanto isso significa pra mim. Velma, há coisas que não dá pra explicar. Às vezes a vida coloca-nos entre as paredes e escolhas difíceis. –Jaime engolindo em seco, desviando o olhar.

- Jaime... estás assustar-me. Tu sabes que podes confiar em mim, né? Estamos juntos nisso, ou não estamos?. – Velma apertando-lhe a mão.

- Estamos sim... sempre estivemos. Só queria que soubesses que tu és especial. Nunca duvides disso, por mais estranho que eu fique hoje. – Jaime respirando fundo, com os olhos marejados.

- Jaime, estás a falar como se algo fosse acontecer. Estás a te despedir de mim?. – Velma confusa.

- Não! Não é isso. Eu só queria que soubesses que, aconteça o que acontecer, eu nunca quis te magoar. – Jaime com voz embargada.

A tensão já tomava conta de Jaime, que fingia sorriso para Velma:

- Senhor Jaime, o Sr. Miguel mandou dizer que estás a demorar. Ele já está à sua espera.
– Um dos guardas inclinando-se e sussurrando no ouvido de Jaime.

- Diz ao meu pai que estou a caminho... só preciso de mais um minuto. – Jaime com voz baixa.

O guarda assentiu com um leve gesto e afastou-se, deixando Jaime ainda mais dividido. Velma percebendo o clima estranho, voltou a encará-lo.

- O que ele disse?. Velma desconfiada.

-Nada demais, querida... só um recado de casa. – Jaime forçando sorriso.

Depois do aviso sussurrando pelo guarda, Jaime tentava disfarçar a angústia. A Velma sorria, mas no fundo já percebia que algo não estava bem. O clima romântico no restaurante tinha dado lugar a um silêncio estranho. Então, o telefone do Jaime vibrou. Era o pai. Ele olhou para o visor, suspirou e pediu licença à Velma:

- Amor, dá-me só um minutinho. É uma chamada importante. – Jaime sorrindo sem jeito.

- Sem problemas. – Velma gentil.

Jaime levantou-se um pouco da mesa, Atendeu com voz baixa.

-“Allô, pai??”

-“Jaime, tu sabes que eu amo pontualidade. Estás a demorar demais. Não me faças repetir.!” – Miguel do outro lado com voz firme.

-“Eu já estou a terminar, pai... só mais uns minutinhos, por favor.” – Jaime nervoso.

-“Não me faças perder a paciência. Tu aceitaste o acordo. Não recues agora. Quero ela aqui. Já!” – Miguel impaciente.

-“Está bem, pai.” – Jaime engolindo seco.

Ele desligou, respirou fundo, passou a mão pelo rosto e olhou de longe para a Velma, com o coração pesado como nunca. O Jaime volta para mesa com um semblante completamente nervoso:

- Amor, temos que ir já. – Jaime com sorriso forçado.

- Já? Só são 18h... nós chegamos às 17h. Ainda é cedo, Jaime. Mal comemos sobremesa.
– Velma olhando pro relógio.

- Por favor, Velma! Eu não quero que o Kilson me mate... Vamos. – Jaime insistindo nervoso.

Levantaram-se. O caminho até ao carro parecia mais longe do que nunca. Jaime caminhava à frente, quase em piloto automático. Chegaram ao carro, estacionado discretamente numa rua lateral.

- Entra, por favor. – Jaime abrindo porta com voz baixa.

A Velma entrou, um pouco confusa. Jaime deu a volta e entrou também. Olhou-a com os olhos marejados.

- Velma, só quero que saibas que eu te amo. Muito mesmo. – Jaime com voz trêmula.

Antes que a Velma pudesse responder, o guarda-costas, sentado ao lado, virou-se rapidamente com um pano encharcado. Cobriu a boca da Velma. Ela tentou lutar, mas em segundos, seus olhos fecharam e seu corpo cedeu, desmaiada.

- Velma, perdoa-me... - Jaime sussurrando com lágrimas nos olhos.

Naquele fim da tarde, o sol começava a esconder-se atrás dos prédios de Luanda, quando o Kilson chegou em casa com o rosto visivelmente cansado. Tirou os ténis na varanda, largou mochila no sofá e entrou na sala onde os irmãos estavam sentados.

- Boa noite, manos... Cadê a Velma?. – Kilson bocejando.

- Saiu com o Jaime. – Tonilson tranquilo.

- Como assim? Saiu que horas?. Kilson quase irritado.

- A pouquinho, 17h. – Judilson responde.

- Desde 17h? E agora já são 18h quase 19h e vocês tão aí relaxados? Tão bem na cabeça?. – Kilson olhando surpreso pro relógio.

- Ela avisou que ia jantar com ele... não vimos mal nisso. – Jonilson tentando acalmar.

-Não virama mal,né? Essa miúda tá com o filho de um assassino! E vocês tão aí sentados como se fosse normal?. – Kilson já irritado.

- Vamos ligar pra ela... - Judilson pega no telefone.

Ligam várias vezes. O telefone toca mas não atende.

- Estou a ligar pro Jaime, também não atende. – Tonilson tentando ligar.

- E pronto!! Agora ninguém atende , né? Onde já se viu isso? Essa toda liberdade toda que tão a dar à Velma vai acabar mal. – Kilson levantando-se bruscamente.

- Nas calmas, cota... talvez o telefone descarregou. –Jonilson preocupado.

O relógio marcava 20h e não havia notícias da Velma. O GPS mostrava que ela não se movia desde que saiu com o Jaime. Isso bastou para os irmãos entenderem algo estava errado. Muito errado.

- Cotas, isso não tá nada me cheirar bem. Nenhum dos dois atendem, e até agora nenhum sinal! Vamos procurar. – Jonilson preocupados.

- Se essa miúda tiver metida em sarilho, juro que vou vos fatigar... - Kilson grunhindo.

E os quatros irmãos saem rapidamente à procura da Velma.

A noite já caía sobre a cidade, e o carro seguia numa estrada cada vez mais deserta. No banco de trás, Jaime segurava firme a mão da Velma, que permanecia desacordada. A tensão crescia a cada quilômetro.

- Mas onde é que vamos, afinal?. – Jaime com voz tensa.

- Senhor Jaime, são ordens do patrão Miguel. Disse apenas para levarmos até ao ponto combinado... no fim da zona do mato. – Um dos guardas com respeito e olhando pelo retrovisor.

- Mas porquê no mato? Isso não me parece certo. – Jaime desconfiado, e acariciando o rosto da Velma.

- Só estamos a cumprir, senhor. A segurança da menina está garantida. Ele disse que quer falar com ela pessoalmente, sem confusão. – Guarda2

O carro seguia silencioso, o coração de Jaime batia pesado no peito. Ele já começava a planejar como poderia salvar Velma.

O carro desacelerou diante de um portão de ferro enferrujado, coberto de folhas secas e mato crescido. O lugar exalava abandono. Jaime desceu primeiro, sentindo o ar pesado da selva que cercava a antiga indústria. Os guardas tiraram a Velma do carro com cuidado, ainda desacordada, e seguiram para o interior do edifício decadente. Jaime os acompanhava, o coração apertado e os olhos em alerta.

- Meu Deus!! Que lugar é esse?. – Jaime espantado.

Em uma sala escura, só com uma lâmpada, algumas pessoas estavam sentadas no chão, presas, visivelmente feridas e assustadas.

- Mas o que é isto? Quem são essas pessoas? Que raio de coisa o meu pai está a fazer aqui?. – Jaime horrorizado.

- São alvos do sr. Miguel... dizem que todos aqui representam ameaças aos negócios dele. A tua namorada também é. – Guarda 1

- Isto não é justiça! Isto é tortura! Isso é crime! O que meu pai enlouqueceu!! Eu pensei que o meu pai era duro... – Jaime gritando.

Jaime caminhava de um lado para o outro, olhando constantemente para Velma desacordada e para as outras vítimas. As paredes frias pareciam fechar-se sobre ele, enquanto esperava. Até que o som de carro se aproxima, ecoou pelo mato. Era o Miguel.

A porta abriu-se com força e Miguel entrou, firme e sem pressa, com o seu casaco preto e olhar severo. Os guardas abriram passagem. Jaime o encarou de imediato.

- Então é verdade... tu és da máfia. Um bandido. Como é que pudeste esconder isso de mim a vida toda?. – Jaime com raiva contida.

- Não é tudo o que pensas que sabes, Jaime. Eu fiz o que tinha que fazer pra proteger o que é nosso. – Miguel calmo e firme.

- Proteger? Tu sequestras pessoas, ameaças famílias! Isso não é proteção, pai... isso é crueldade. – Jaime gritando.

- Essas pessoas são perigosas. A vida real não é feita de emoções. Tu ainda és muito mole para entender isso. – Miguel aproximando-se frio.

- A Velma não é um perigo nenhum! Ela só me ama. E tu trouxeste pra esse inferno como se fosse lixo! Que tipo de pai faz isso?.

- Um pai não quer ver o filho destruído. Se ela é o teu ponto fraco, tenho que eliminá-lo. – Miguel calmo e encarando-o.

- Eu preferia não ser o teu filho... do que ser herdeiro de um império de dor e sangue. – Jaime com os olhos cheios de raiva.

Miguel ficou em silêncio por alguns segundos, antes de virar costas.

Velma começava a acordar, os olhos abriram devagar, vendo sombras, grades, rostos assustados e um cheiro de mofo e ferrugem no ar. Ela pestanejava várias vezes, tentando entender onde estava.

- Onde... onde é que eu estou! Isso... isso não é o restaurante... o que tá acontecer?. – Velma com voz fraca e confusa.

Ao virar-se, viu os rostos desesperados de outras vítimas. Seu corpo tremeu, e o desespero cresceu como fogo.

- Socorro! Alguém me ajuda!! Tirem-me daqui! Jaime!! Jaime!! – Velma gritando em pânico.

Nesse instante, Jaime ouviu e correu apressado até a ela. Ajoelhou-se ao lado dela, com os olhos baixos e cheios de culpa.

- Velma... Velma, calma. Estou aqui... - Jaime ofegante.

- Jaime! Por que estou presa aqui? Onde me trouxeram? Tira-me daqui, por favor, tira-me daqui, Jaime!. – Velma chorando e segurando o Jaime pelo braço.

- Velma... eu não posso... foi o meu pai que mandou... - Jaime baixando a cabeça.

- Como assim? Então o Kilson tinha razão, hein? Tudo que ele dizia sobre ti... tu és igual ao teu pai!. – Velma afastando-se dele.

- Não! Eu não sou como o meu pai. Eu te amo, Velma... eu só... eu só não soube como te proteger.

- Amar? Isso é amor? Tu me entregaste ao teu pai! Tu ficaste a ver enquanto me apagavam!.

Ela chorava descontroladamente. Jaime, desesperado, tentava tocá-la, mas ela se afastava como se o toque dele queimasse.

Jaime andava de um lado para outro, aflito, com os punhos cerrados. O som dos passos pesados dos guardas ecoava no silêncio até que o Miguel, imponente, frio e com um olhar impiedoso, ordenou:

-Tragam a miúda cá!. – Miguel frio.

Dois dos guardas agarram a Velma força. Ela tentou resistir, gritou, mas foi arrastada sem dó. Jaime correu em direcção a eles.

- Oie!! Larguem-na! Não toquem assim, por favor!. – Jaime desesperado.

- Cala essa boca, Jaime!. Isto não é assunto teu!. – Miguel cortando-o.

Velma foi empurrada até onde Miguel estava. Ela tremia, o rosto manchado de lágrimas, os olhos suplicando por piedade. Miguel a observou de cima abaixo, depois soltou um leve sorriso debochado:

- Crescendo, hein ! miúda... lembro-me de ti. Eu levava-te no colo quando ainda não sabias nem dizer o teu nome. Pena que o teu pai, o Marcos, não ter tido tempo pra ver vocês crescerem. Azar dele! Paz a sua alma.- Miguel zombando.

Velma engolia o choro, calada. Miguel se aproximou com o rosto sério.

- Onde está os teus irmãos? Anda, fala!

- ... - Velma fraca não respondia nada.

- Eu disse onde estão os teus irmãos?! - Miguel aumentando o tom.

Velma manteve o silêncio. Miguel estalou os dedos e, num segundo,desferiu uma chapada forte no rosto dela. O som ecoou no ar. Jaime gritou:

-Paiiii!! Estás maluco!!? Para com isso! Larga ela!. - Jaime gritando, até correr a ela.

Dois guardas agarraram Jaime pelos braços, impedindo-o de chegar perto. Velma chorava.

- Eu não sei onde eles estão... eu juro que não sei... - Velma entre lágrimas.

-Então vamos ver se com calma resolves!. - Miguel furioso.

Pegaram no telefone da Velma, forçaram-na a colocar o código. A mão dela tremia, mas ainda assim destravou o telefone. Miguel pegou o aparelho, vasculhou, encontrou o número de Kilson, ligando. O telefone de Kilson toca. Número desconhecido. Ele atende com o coração já inquieto.

-“Allô? Quem fala?”

-“Finalmente... o herdeiro famoso Kilson dos Santos! Dizem que és valente! Mas não foste o valente suficiente para proteger a tua irmã... Quem fala aqui é o Miguel de Andrade Mendonça... o empresário mais pago de Angola.” - Miguel cheio de sarcasmo.

-“Você vais morrer!! Eu juro!! Vou matar-te sem piedade!! - Kilson gritando.

-“Venha...”

Miguel desliga. O silêncio no ar é mais pesado que mil palavras.

Kilson joga o telefone no sofá com a raiva. Os irmãos correm até a ele assustados.

- Vocês tão a ver, né! Tão a ver o que fizeram!? Eu avisei, gritei, pedi pra ficarem atentos! Mas não... vocês preferiram tratar o Jaime como um anjo! Agora, olhem onde tá a Velma!. - Kilson com voz firme.

- Nós pensamos... - Jonilson tentando se justificar.

- Pensaram o quê? Que esse filho de assassino tinha coração?! Que ele era diferente do pai? Eu disse, eu avisei, mas vocês preferiram rir da minha preocupação! Ele traiu a vossa confiança! Pegou na nossa irmã... - Kilson interrompendo revoltado.

- Olha, estamos aqui a passar tempo... vamos procurar solução primeiro, bro. – Tonilson cabisbaixo e preocupado.

- Temos que salvar a Velma! Nem que a cidade toda arda, nós vamos tirá-la de lá. – Kilson olhando um por um nos olhos.

O portão bate. Todos olham. Kilson vai e abre. É a sua namorada, Clara, com rosto preocupado.

- Kilson!? Kilson?! O que tá acontecer? Ouvi dizer que a Velma está desaparecida... como assim? Diz-me que é mentira, por favor!. – Clara ofegante.

- Clara, é verdade. A Velma foi raptada! Por culpa daquele Jaime... aquele falso que todos achavam ser boa pessoa... - Kilson com os olhos marejados de raiva.

- Não !! Não pode ser ! E vocês já fizeram alguma coisa!? Já foram à polícia?. – Clara chocada, com mãos na boca.

- Polícia? Esse tipo de gente não se enfrenta com polícias... a gente vai buscá-la com as nossas próprias mãos. Eu vou tirar a Velma de lá nem que seja a última coisa que eu faça!. – Kilson respira fundo.

- Eu vou contigo, Kilson! Não me deixes de fora! A Velma é como irmã pra mim... - Clara agarrando a mão dele.

- Tu tens um coração forte, Clara. Mas esse caminho vai ser perigoso. Se entrares... não tem volta. – Kilson olhando nos olhos dela.

- Já entrei. Estamos juntos até ao fim. – Clara determinada.

E assim, sem perder mais tempo, entraram todos no carro do Kilson. O motor roncou como quem anunciava a fúria que estava por vir. A noite caía, e a caçada começava.

Depois de desligar o telefone na cara de Kilson, Miguel permaneceu em pé, olhando friamente para o telemóvel como se tivesse acabado de vencer uma batalha. A Velma, com o rosto inchado e lágrimas a escorrer, mal conseguia se manter em pé. O Jaime em choque total, lutava para entender como o seu próprio pai podia ser tão cruel. Mas Miguel não hesitava, mandou devolver a Velma ao local onde estava com os outros reféns, como se nada fosse:

- Levem essa rapariga de volta... ainda não terminei com ela. Quero que ela reflita bem... até decidir falar. – Miguel frio e autoritário.

- Sim, senhor Miguel!. – Guarda1

-Pai? Pai, isso é desumano! Ela não merece isso. Ela não te fez nada!. – Jaime lutando, preso por dois guardas.

- Tu ainda não entendeu, Jaime? Isto não é sobre o que ela fez... é sobre o que ela sabe.
– Miguel se virando calmamente para ele.

- Você é um monstro! Um assassino! Como é que me criaste com tanto fingimento? Isto tudo é uma loucura!. – Jaime gritando com os olhos cheios de lágrimas.

- Tu és que foste ingénuo demais, meu filho. Achaste mesmo que o mundo era feito de flores e juras de amor? Eu sou o que preciso ser... e se quiseres sobreviver neste mundo, vais ter que escolher de que lado estás. – Miguel aproximando-se com frieza.

- Eu nunca vou estar do teu lado! Nunca! Isso que fazes com a Velma... com os seus irmãos... isso não é poder, é covardia!. – Jaime gritando, tentando se soltar.

- Vais mudar de ideia... todos mudam, quando sentem o gosto da perda. – Miguel sussurrando no ouvido dele.

O cheiro de mofo, de ferrugem e de desespero enchia o ar. Dentro duma sala trancada com uma velha porta de ferro, a Velma foi atirada com brutalidade, como se fosse apenas mais um fardo descartável. O corpo tremia, o rosto ainda dolorido pelas bofetadas de Miguel. Ao redor dela, estavam outros sequestradores, rostos apagados pelo tempo e sofrimento. Ninguém falava, apenas respiravam.

- O que é isto? Por que que vocês estão aqui? Alguém... fala comigo, por favor... - Velma sussurrando assustada.

Ninguém respondia, apenas olhares vazios.

Velma recuou para um canto, observando atentamente cada detalhe. A porta de ferro e gradeamento, a distância entre os guardas, o silêncio reinava. Quando o velho relógio marcou 02h00, os outros reféns dormiam. E naquele momento, ela sentiu: é agora ou nunca.

Com cuidado, sem fazer barulho, ela rastejou até a grade. Empurrou a cabeça, saiu. O corpo, tremendo, seguiu. Estava fora! Olhou para os lados, dois guardas roncavam pesadamente.

Ela avistou um balde velho, e dentro dele tinha vários telefones. Vasculhou devagar e encontrou o seu, pegou-o com mãos trêmulas. Precisava de rede.

Andou devagar, curvando-se entre os escombros e paredes partidas, até que um traço de rede apareceu. Ela discou o número de Kilson. A chamada foi:

- “Allô! Kilson!! Por favor... ouve... eu tô viva... tô numa mata, não sei onde é, é uma casa velha, cheia de gente... ele me pegou, Kilson...” - Velma sussurrando chorando.

- “Velma? É mesmo tu? Onde estás? Fala comigo, Velma!!.” – Kilson do outro lado assustado.

- “Eu não sei... eu tentei fugir... tem guardas... é horrível aqui, por favor, Kilson me tira daqui”. - Velma chorando demais.

Mas de repente o sinal caiu. A tela escureceu. Velma olhou para o telemóvel desesperada.

-Não! Não! Só mais um pouco!. –Velma gritando baixinho.

Ao tentar se levantar para buscar mais sinal, tropeçou numa velha garrafa de vidro que caiu no chão e quebrou com estalo seco.

- Txê!! Quem tá aí!? Ouviram isso?. – 1 Guarda gritando acordando.

- Pega na lanterna! Vamos ver... - 2 Guarda pegando arma.

A Velma correu, desesperada, e escondeu-se atrás de uma parede de betão. As lágrimas desciam sem parar. O peito subia e descia com medo, respirava com dificuldade. O telemóvel ainda nas mãos, sem rede. Do outro lado, os guardas com lanternas e Aks nas mãos, gritavam irritados:

- Oie!! Quem tá aí!? Se és pessoa, entrega-te já! Senão te cortamos no meio!!. – 1 Guarda gritando.

- Apareça já, yeah! Aqui ninguém tá jogar esconde-esconde!!. – 2 Guarda em voz alta.

A Velma tremia, agarrada ao muro de cimento frio, chorando baixinho como se a alma saísse por cada lágrima. Repentinamente, um bando de ratazanas grandes atravessam o caminho, correndo em grupo.

- Txê!! Aqui tem buede ratazanas!!. – 2 Guarda assustado.

- Ah! Afinal me fizesta acordar por causa desses bichos? Você é muito burro, yeah! Ficas logo com medo das ratazanas!. – 1 Guarda.

- Cala boca, meu!! E se fosse mesmo pessoa? Vamos só já dormir!. – 2 Guarda resmungando.

- Vamos! Deixa essa merda, ninguém tá aqui... amanhã vamos reforçar a ronda. – 2 Guarda indo embora.

Os depois guardas voltaram devagar, rindo e resmungando. Desapareceram na escuridão. A Velma suspirou baixinho: tinha escapado... por pouco.

O silêncio voltou a reinar, mas a Velma, determinada sentia que não podia mais esperar. Sentou-se por um instante atrás de um velho tambor de ferro, respirou fundo e murmurou para si mesma:

- Eu não vou sair sozinha... eles não merecem morrer aqui. Eu vou tirar todo mundo daqui!.

Com passos vagarosos, rastejou até onde um dos guardas dormia roncando com a chave presa na mão. O suor escorria da testa dela. Com todo cuidado do mundo, puxou lentamente, e a chave soltou-se sem despertar o homem. Com a chave firme nas mãos, ela correu de mansinho até à porta de ferro.

- Acordem!... acordem devagar... vamos sair daqui. Rápido, mas sem barulho. – Velma com voz baixa.

Um a um, os reféns levantaram-se com os olhos arregalados. Alguns mal se aguentavam em pé, outros choravam. E, como um rebanho liberto, começaram a correr para a saída.

- Eeehhh! Fuga!!! – 1 Guarda gritando.

Os guardas acordam num pulo! Gritaram e correram atrás deles. Tentaram disparar, mas os reféns já se dispersavam pela mata. Um caos, a Velma foi a última a tentar escapar, mas uma mão bruta a agarrou pelos cabelos e a atirou ao chão com força.

- Você pensa que és quem, hã!? A mulher maravilha? Vais ver o que é castigo de verdade!. – Guarda 3 raivoso.

Um dos guardas pegou no telefone e ligou directamente para o Miguel, que já estava em casa com o Jaime.

-“Senhor Miguel... temos uma situação. A miúda... a Velma tentou fugir... aliás... não só tentou. Ela libertou todos os reféns. Tivemos que correr muito, mas não conseguimos apanhar ninguém... só ela. Ela tá aqui conosco, presa outra vez.”

-“ Mas vocês não controlaram nada por que? Então ela é mesmo do tipo teimosa... Deixem-na lá. Não toquem mais nela. Eu vou pessoalmente tratar disso.” – Miguel calmo, com voz fria.

- Sim senhor. Ela tá bem trancada.

-Só mantenha-na viva... porque o resto... eu mesmo vou resolver. – Miguel com tom ameaçador.

O Miguel desliga, e os guardas voltaram a trancar a Velma.

Na sala escura e silenciosa, Jaime escutou tudo. Estava sentado, mas seu coração batia forte ao ouvir que o pai ia “tratar” pessoalmente da Velma. O Jaime levantou-se de imediato, com rosto tenso e a voz carregada de angústia.

- Pai!! Não faças isso! Por favor, não deixes que batem nela... ela não merece isso, só tentou salvar vidas! Isso não é crime!. – Jaime aflito.

- Cala-te, Jaime. Tu não sabes com quem estás a falar... quem desobedece, paga. – Miguel com frieza, sem sequer olhar pra ele.

- Mas pai, ela é minha namorada, eu amo a Velma! Se tu fizeres alguma coisa com ela... eu... eu juro que nunca mais te vou ver com os olhos mesmos olhos!. – Jaime com voz trêmulas.

- Cala essa boca, rapaz! Estás a me ameaçar por causa dessa menina? A vide é feita de decisões, e tu escolheste o errado!. – Miguel gritando.

Jaime mordeu os lábios, sentou-se novamente, sufocado entre a raiva e a culpa. Lágrimas tímidas desciam-lhe dos olhos. Ele sabia que estava a perder confiança no próprio pai e também a perder Velma para as mãos do monstro que o criou.

O relógio marcava 07h00. O sol já batia forte no para-brisas do carro onde iam o Kilson, seus três irmãos e a namorada Clara.

- Mas por onde fica essa maldita mata onde levaram a Velma? Já não ser o que pensar... esses desgraçados mexeram com a pessoa errada. – Kilson a conduzir olhando pro lados.

- Cota... e se já for tarde demais?. – Judilson nervoso.

- Corta isso, Judilson! A nossa irmã tá viva! Eu sinto... é apenas um recado para mim. – Kilson interrompendo.

- Mas Kilson, temos como achá-la por via GPS!. – Clara interrompe.

O Kilson, parou o carro e olhou diretamente para Clara, deu-lhe um beijo na testa.

- Você é genial, amor! Tinha me esquecido disso. – Kilson rindo.

Kilson pegou no celular, ligou o GPS e lhe mostra que está numa mata do Panguila.

- Vamos pra lá... por favor, Kilson. Não percas tempo. – Clara com voz baixa e aflita.

Kilson apertou o volante e pisou no acelerador com toda força. O carro arrancou com tudo, levantando poeira.

O som dos passos pesados do Miguelecoava pelo chão sujo da velha indústria abandonada. Os guardas abriram a porta de ferro, revelando a Velma sentada no canto, com o rosto sujo e os olhos vermelhos de tanto chorar. Ela olhou para cima e viu o homem que agora sabia ser o monstro por trás de tudo.

- Então achaste que és esperta, né? Foste tu que deixaste aqueles reféns todos fugirem? – Miguel entrando com frieza nos olhos.

A Velma tremendo de medo, não respondeu. Apenas desviou o olhar, tentando manter a dignidade mesmo diante do terror.

-Estou a perguntar, Miúda! Foste tu, sim ou não?. – Miguel aumentando o tom.

O silêncio da Velma foi entendido como provocação. Miguel se aproxima com raiva e deu uma bofetada seca, estalou no rosto dela. A Velma chorou segurando a cara, mas mesmo assim não respondeu.

- Vais aprender a nunca me desafiar! Aqui não há heróis. Aqui, quem manda sou eu. – Miguel encarando-a de cima.

E ele saiu com o olhar gelado.

O relógio marcava 18h. O sol já começava a descer no céu, lançando sombras longas sobre a estrada de terra batida. O carro do Kilson parou a uns 300 metros da antiga fábrica escondida na mata densa no Panguila. De longe, viam-se homens armados, frios e atentos.

- Olhem só... é ali. Finalmente os encontramos. – Kilson apontando.

- Mas como é que vamos entrar, velho? São três homens completamente armados!! – Judilson com os olhos arregalados.

- Nós também não viemos brincar. Tá aqui, cada um pega uma! Temos armas de fogos e facas. – Kilson abrindo a mala pequena e puxando armas.

- E vamos fazer como pra nós safar lá?. – Jonilson pegando uma faca.

- Eu sei o que fazer! Vou distraí-los... vocês aproveitam e avançam... - Clara com o olhar decidido.

- Tens a certeza, Clara? Isso pode ser perigoso. – Kilson segurando a mão dela.

- Por ti e pela Velma, faço tudo.

Ela ajeitou a roupa, soltou o cabelo e caminhou com firmeza em direcção aos guardas. Assim que se aproximou, os homens reagiram com estranheza.

- Onde é que saíste?. – Guarda 1.

- Boa tarde, meus senhores... eu me perdi na mata... será que podem ajudar?. – Clara com voz trêmula.

- Epáh! Cuidado... isso pode ser isca, olha bem pra ela. – Guarda 2 desconfiado.

- Hum, mô nengue! Essa mboa é bué linda. Depois é latona. Tás a ver esses corpitcho?? – Guarda 3 rindo e encantado.

Enquanto os guardas se distraíam, Kilson, Jonilson e Tonilson chegaram por trás, golpes secos e silenciosos. Os três caíram no chão. Pegaram as armas deles e começaram disparar nos outros.

- Me matavas de ciúmes, Clara. Mas jogaste bemn hein! Te amo, ouviu!?. – Kilson olhando para ela.

Os tiros ecoaram pela mata. Lá dentro da fábrica, os outros guardas se alarmaram.

- Há intrusos! Estamos sob ataque! Tem adversários lá fora!. – Guarda interno.

- É o Kilson... ele veio! Eu sabia que esse puto ia aparecer. – Miguel sussurrando com um sorriso frio.

Jaime estava ao lado pálido, ouvindo tudo.

- Trancam a Velma agora! Levem-na pro fundo. Quero ela viva... por enquanto. – Miguel mandando um dos homens.

Dois guardas seguraram a Velma, ainda ferida e enfraquecida. Ela tentava resistir, mas não tinha forças. Gritava:

- NÃO! NÃO ME LEVEM! JAIME! JAIME!!.

Jaime tentou correr até ela, mas foi travado por dois guardas.

- Pai!!! Ela não fez nada! Para com isso!!. – Jaime desesperado.

- Cala essa boca, Jaime! Isso agora não tem volta. Eles vieram guerrear... então vai haver guerra. – Miguel encrando o filho com frieza.

O Miguel ajustou o colete e virou-se pros seus homens com autoridade.

- Todos vocês! Preparem-se! Lutem com tudo o que têm! Matem cada um desses canalhas! Ninguém sai daqui vivo... ninguém!. –Miguel gritando.

Os guardas pegaram nas armas, correram pra fora com sangue nos olhos. Kilson e os irmãos já os esperavam.

Lá fora, os quatro irmãos trocavam tiros com os guardas do Miguel. O som das balas ecoava por toda mata. O Kilson liderava a linha de frente, furioso e sedento para resgatar a sua irmã.

E dentro da fábrica, o Jaime, com as mãos trêmulas e coração acelerado, conseguiu pegar a chave discretamente de um dos guardas distraído com o tiroteio. Ele correu pelos corredores sombrios, com o eco de tiros no fundo. Chegou à sala onde a Velma estava trancada.

- Velma! Velma!... sou eu! Tô aqui... eu vim te tirar daqui!. – Jaime arrebatando a porta com a chave, ofegante.

- Jaime!!? Oh meu Deus... - Velma com os olhos inchados e voz embargada.

Ele corre e a abraça forte. Ela chora no ombro dele.

- Eu juro que não vou deixar te fazerem mal... Eu não sabia que o meu pai era esse monstro... Mas agora vou te proteger com a minha vida!. – Jaime sussurrando com dor.

A Velma continuava chorar...

- Vamos sair daqui, agora!.

Eles começam a correr pelos corredores da fábrica, enquanto o som de balas do lado de fora fica mais próximo. Mas mal sabiam que o Miguel já os esperava do outro lado.

Jaime e Velma corriam ofegantes em busca da saída. O chão rangia sob os seus passos apressados. Mas, ao dobrarem o último corredor, ali estava o Miguel, frio, sombrio, acompanhado de dois homens armados, bloqueando a saída.

- Onde oensas que vais com ela, Jaime? Levas a miúda pra onde? Hein? Filho?. – Miguel com voz firme e gelada.

- Vou tirá-la desse inferno. A Velma não merece isso, pai! Ela não é tua inimiga... é a minha namorada. – Jaime com respiração pesada, ficando na frente da Velma.

- Namorada? Eu não te criei para seres fraco! Filhos obedecem os pais. Não traem a sua própria família. Agora... larga essa menina. Agora!. – Miguel se aproximando.

- Eu não largo! Nem que me mates!. – Jaime firmando os pés no chão.

UM, DOIS, TRÊS!. – Miguel levanta a arma, o olhar duro e cruel.

O disparo ecoa alto. No mesmo segundo, Jaime empurra a Velma para o lado e se joga na frente. A bala passa de raspão no ombro dele, arrancando um grito de dor. Ele cai no chão, sangrando.

- Jaimeeee!!! Não!! Não !!. – Velma gritando desesperada.

Ela se ajoelha ao lado dele, tentando levantá-lo.

- Corre Velma... corre... sai daqui, agora!. – Jaime com voz fraca.

- Chega de drama. Vou acabar com isso. – Miguel avançando com a arma.

Velma levanta-se, lágrimas escorrendo, e começa a correr com toda força pelos corredores acima da fábrica.

- Atrás dela!!!! Agora!!.. – Miguel grita para os homens.

Ele mesmo vai atrás, com arma em punho.

Lá em cima da antiga fábrica, suada, tremendo e com coração disparado, Velma tentava controlar a respiração. As mãos tremiam, mas ainda segurava firme o telefone. Ouvia os passos de longe e não sabia se seria salva ou capturada. Com voz fraca, ela ligou para o irmão.

- “Allô... Kilson... sou eu, a Velma. Eu consegui fugir, mas estou cá encima... eu não sei onde exactamente... por favor, vem buscar-me! Eu tenho medo... eles ainda estão aqui!.” – Velma chorando.

Do outro lado da linha, Kilson, com braço e a perna feridos, causado pelos disparos, mas ainda de pé e com os olhos acesos de raiva e amor, encostou-se num pilar tentando resistir à dor.

-“Velma, escuta... ouve bem a voz do teu irmão. Fica firme! Eu juro que vou te buscar, nem que seja a última coisa que eu faça nessa vida! Tás a me ouvir?.” - Kilson ofegante.

-“Tô... tô sim... só não demora mano... por favor...” - Velma soluçando.

-“Nunca te deixei, nunca vou deixar. Eu já tô a subir... aguenta só mais um pouco.”

Passos fortes e arrastados sobem as escadas metálicas. Miguel Mendonça aparece. Alto, com ar soberbo, a arma na mão, olhos frios. Ele caminha devagar, farejando o medo no ar.

- Velma... Velma minha querida! Eu sei que estás aqui. Sentes esse cheiro? É o cheiro da tua derrota!.- Miguel sádico.

Ele para, sorri de lado e abre os braços, zombando:

- Eu sou Miguel Mendonça! O homem mais temido deste país! Sabes porquê? Porque eu fiz o que ninguém teve coragem de fazer! Mande matar o teu pai... quietadinho dele...

Velma escuta tudo, tapa a boca, engolindo choro. Miguel continua a andar, mais perto do esconderijo.

- O teu pai era um homem bom demais. Isso foi o problema dele. Um fraco. Eu dei-lhe uma chance para entregar o testamento... e ele recusou. Morreu com honra? Talvez... mas morreu!. Tu eras pequena demais, nem saberias do que aconteceu!. – Miguel ríspido.

Ele cospe no chão e ri alto:

- Mas agora estás crescida... feita mulher. E ainda te apaixonaste logo por quem? Pelo meu filho! Que reviravolta, hein!.

Velma chora, sem forças para se mover. Miguel se aproxima do canto onde ela está.

- Chega já de brincadeira! Sai daí, Velma!. Ou eu vou fazer o mesmo que fiz com os teus pais!. – Miguel baixo e sádico.

- Velma... vou te dar uma última chance. Tu tens três segundos para sair daí. Se não saíres... eu mesmo vou te arrancar.

Velma cobre a boca, chorando silenciosamente. Miguel levanta a arma e aponta pro escuro.

- UM!. – Miguel gritando.

Velma tenta mais uma vez ligar. A chamada cai. Tremia dos pés à cabeça.

- DOIS!.

Ela fecha os olhos, respira fundo, o coração a bater como tambor. Miguel aperta os dentes e fecha o punho.

- TRÊS!. – Miguel frio e cruel.

Num impulso, ele caminha furiosamente até ao esconderijo e puxa o cabelo da Velma com brutalidade, arrancando-a do canto onde estava escondida.

- Solta-me!Solta-me! Por favor!!. – Velma gritando, tentando soltar-se.

- Tu pensaste que podias me enganar? A filha do Marcos a desafiar o Miguel Mendonça? Vais pagar por cada gota de sangue que a vossa família me faz derramar!. – Miguel arrastando-a pelo chão, sem piedade.

Velma se debatia, chorava, gritando pelo irmão entre soluços desesperados.

- Kilsoooooonn!! Jaimeee!.

Jaime, ouvindo os gritos, subia as escadas de ferro com o coração aos pulos. Seu ombro doía, mas a dor era menor do que o desespero que sentia. Ao alcançar o último degrau, viu o pai de costas, com a arma em mãos e os olhos girando como predador.

- Pai!! Pai!! Por favor... larga a Velma! Não faças isso! Ela não tem culpa de nada!.

Miguel vira lentamente, encarando o filho com desprezo. Ainda não havia agarrado a Velma, mas sabia que ela estava por perto. Antes que respondesse, outro som surgiu atrás, mais pesado, mais arrastado. Kilson, ferido, camabaleante, com sangue manchando sua roupa,mas os olhos faíscando de fúria. Subia devagar, mas decidido.

- Desgraçado!! Se tocas nela, juro que é o teu última nesta terra!.

Miguel vendo os dois à sua frente, se irrita. Avança rapidamente e agarra a Velma com brutalidade, puxando-a pelos cabelos e colocando-a num mata-leão violento. Aponta a arma fria à cabeça dela. Velma grita desesperada.

- VOCÊS PENSAM QUE ME DERROTARAM? EU SOU MIGUEL! NINGUÉM SE MEXE! EU NÃO TENHO MEDO DE VOCÊS!!. – Miguel gritando.

- Pai! Para, por favor! Isso não é solução! Ouve a tua consciência! Pai... olha pra mim, eu sou o teu filho. Isso não é amor!. Se precisas de um sacrifício, TOMA-ME A MIM!.. – Jaime aos prantos com mãos erguidas.

- MATA SOU EU!! LARGA A MINHA IRMÃ! APONTA ESSA ARMA PRA MIM, MIGUEL! VEM RESOLVER COMIGO!. – Kilson gritando furioso.

- Vocês acham que podem me dar ordens!? Eu vou contar até três! Se você não baixar essa arma, EU ATIRO!. – Miguel rindo sarcasmo e loucura.

- UM... DOIS... - Miguel contando.

- PAI! Não faças isso! Eu te amo! Mas tu tá a virar um monstro!. – Jaime implorando.

- TRÊS!!!! – Miguel gritando.

No instante em que ele tenta disparar, Velma com um gesto rápido, morde a mão de Miguel. A arma escorrega e cai. Ela apanha-o e atira pro Kilson.

- Este é o teu fim... Miguel Mendonça. Hoje, tu vais pagar cada lágrima que derramou. – Kilson com voz baixa.

Jaime desesperado, tenta impedir.

- Kilson, não! Por favor! Não te tornes igual a ele!.

- Não me mates... eu ... eu só queria proteger a minha família... Miguel ajoelhando, mãos ao alto.

- E a minha ? Eu jurei que iria fazer a vingança ! Eu jurei que um dia te encontraria... e esse dia chegou. Tu mataste o meu pai! Arrancaste a vida da minha mãe! Destruíste a nossa família! Mataste-o sem piedade... - Kilson num grito abafado pela dor.

- Kilson... por favor! Não faças isso! Não seja como ele! Eu sei... ele fez coisas horríveis, mas matar ele não vai te devolver nada!. – Jaime implorando.

- Cala essa boca! Não pedi a sua opinião... até porque você é cúmplice deste desgraçado pai!. –Kilson grita com raiva, sem olhar.

- Se vais fazer... faça logo! Não preciso de piedade de ninguém!. – Miguel ajoelhado.

Pausa. Lágrimas escorrem do rosto de Kilson.

- Agora... vais fazer-me um favor... Cumprimenta o meu pai quando chegares lá. Diz-lhe... que eu tantas saudades dele. – Kilson com voz embargada.

Kilson aperta o gatilho. Um tiro seco ecoa. Miguel cai no chão com um baque pesado. Jaime grita de dor, Velma cobre o rosto em choque. O silêncio toma conta. O som do tiro ecoa pela fábrica abandonada. Miguel cai no chão com força, o sangue espalhou-se rapidamenet no cimento frio. Por um segundo, tudo fica em silêncio, até que:

- NÃÃÃÃOOOO!!!. – Jaime grita em desespero. Põe as mãos na cabeça, aproxima-se do corpo do pai, olhos arregalados, sem acreditar.

- O que fizeste, Kilson? Era o meu pai! Era o meu PAIII!!!.

Velma, em choque, apenas chora. Tenta ir até Jaime, mas também não consegue falar.

- Era o teu pai... mas foi o assassino do pai Marcos e também do Manucho! Só fiz a vingança. Agora... está feito. - murmurra com a voz pesada.

- Isso não apaga o sangue, só espalha mais!. – Jaime aos gritos.

Kilson enfraquecido, cai no chão com um gemido abafado. A Velma corre para ele, ajoelha-se e segura-lhe o corpo com desespero nos olhos. Lágrimas escorrem.

-Não, Kilson! Aguenta! Já estamos quase a sair daqui... só mais um pouco, por favor!. – Velma chorando.

- Não te preocupes comigo... - Kilson com voz fraca.

Com esforço, Velma ao poia no ombro e ajuda-o a descer as escadas da fábrica. Passo por passo, o corpo dele pesa, mas o amor de irmã dá-lhe força. Finalmente, chegam à grande portão de ferro que leva ao exterior.

A noite já caiu. Quando Velma empurra a porta, é surpreendida pelas luzes vermelhas e azuis e a piscar. Sirenes cortam o silêncio. Uma dezena de carros da polícia cerca o edifício.

-MÃOS AO ALTO! NÃO ATIREM! NÃO ATIREM!. – Polícia gritando.

Velma ergue uma das mãos com dificuldade, ainda apoiando o corpo de Kilson.

-Ele está ferido!. Por favor! Precisamos de ajuda!. – Velma gritando com voz embargada.

Vários polícias correm direcção aos dois. Um deles fala por rádio, outros examinam Kilson. Um oficial se aproxima com cuidado.

- Está tudo bem agora... já estão em segurança. Polícia1.

- Rápido! Chamem uma ambulância, ele perdeu muito sangue!. Polícia 2.

Dois paramédicos chegam em minutos e colocam Kilson numa maca. Enquanto as ambulâncias partem em alta velocidade, direcção ao hospital, um dos polícias aproxima-se da Velma e do Jaime, que estavam a ser avaliados ali mesmo no local pelos paramédicos.

- Assim que saírem do hospital, vocês dois vão ter de prestar declarações na esquadra. Toda essa operação precisa ser documentada. Está claro?. – Polícia 1.

- Sim, senhor agente... nós vamos. Prometemos. –Velma ainda abalada, mas consciente.

- A gente vai cooperar com tudo. – Jaime cabisbaixo.

Os dois são colocados numa ambulância separada. Enquanto isso, o Kilson é levado em estado grave para a emergência, com dois paramédicos fazendo pressão no ferimento do ombro e na perna.

- Temos hemorragia moderada, mas ele ainda está consciente. Vamos estabilizá-lo!. – Paramédico.

Na sala de espera do hospital, horas depois, os irmãos Jonilson, Tonilson e Judilson já tinham sido tratados. Tinham ferimentos leves: cortes, arranhões e algumas escoriações. Estavam sentados, preocupados, esperando notícias do irmão mais velho.

Do outro lado, os médicos e enfermeiros corriam com macas. Passa uma maca rapidamente. Nela vinha Kilson, ferido, com tubos e sangue no braço. Atrás vinha Velma e a Clara, com os olhos inchados, sujos de tanto chorar e desespero no olhar.

Maria e Nala estavam sentadas no banco frio do corredor, aguardando o atendimento. A Maria mexia no lenço que tinha no colo, enquanto a Nala olhava em volta com ar preocupado.

- Ai filha... olha para aquelas meninas... tão novas... e tão sofridas. Que tristeza, meu Deus!. – Maria olhando fixamente.

- Aquilo não é ferida só do corpo, Maria. Aquilo é dor da alma... olha o jeito que choram, parece que estão partidas por dentro. – Nala suspirando com voz baixa.

- Angola tá doente... ver esses jovens assim machuca o coração. Quem dera que soubéssemos o que aconteceu... mas só Deus sabe. – Maria balança a cabeça.

- Espero que aquele rapaz ali consiga sobreviver. E que essas meninas tenham força pra continuar. – Nala encarando a porta da sala de emergência.

As duas voltam ao silêncio, com o olhar distante, carregadas de empatia de uma dor que não conheciam, mas que pesava no ar como se fosse delas.

Kilson foi levado às pressas para a sala de cirurgia. Médicos gritavam ordens, e enfermeiros corriam em volta dele. Velma e Clara, com os olhos vermelhos e as roupas rasgadas, tentavam acompanhar.

- Desculpem... não podem entrar. Agora é com os médicos. Por favor, fiquem lá fora. – Enfermeiro detendo-as na porta.

- Mas é meu irmão... por favor, só quero ficar perto dele... - Velma em lágrimas e com voz trêmula.

- Vocês não podem entrar. A cirurgia vai começar agora, e só a equipe médica pode ficar lá dentro.

- Só queremos acompanhar!. – Clara segurando o braço da Velma, olhando para o enfermeiro.

- Eu entendo, menina. Mas temos que agir rápido. Se quiser ajudá-lo, espere lá fora e reze por ele. Vai dar tudo certo. – Enfermeiro firme mas gentil.

Clara segura o braço de Velma, tentando confortá-la. As duas se afastam lentamente, parando no corredor. Velma olha para atrás mais uma vez antes de se sentar no banco duro, com as mãos cobrindo o rosto e chora silenciosamente.

- Vai ficar tudo bem, Velma. Ele é forte. A gente vai sair daqui junto. – Clara encorajando.

- Eu só quero que essa dor acabe... - Velma num fio de voz.

Ao lado delas, mais afastadas, estão sentadas Maria e a Nala, que aguardam a vez para o tratamento. Maria observa-as com atenção e se comove com a dor evidente.

- Filhas... desculpem intrometer-me... mas eu vejo a vossa dor e me parte coração. – Maria aproximando-se com cuidado.

Velma ergue os olhos lentamente, surpresa.

- Seja lá o que for que estão a passar... tenham fé! Deus não dorme. Orem e confiem... ele vai sair dessa. – Maria serena.

- É o meu irmão... levaram ele levou dois tiros... - Velma num fio de voz.

-Então mais ainda, filha... fé. Não é fácil, eu sei... Mas a esperança é a última coisa que se perde. Já vi muitos saírem pior e voltaram sorrindo. – Maria sentando-se ao lado.

Velma aperta a mão de Clara com força. Maria coloca a mão no ombro da Velma como uma mãe que acolhe.

- Ora com o coração. Às vezes é tudo o que se pode fazer... e é mais que suficiente.

Passadas algumas horas angustiantes, o corredor do Hospital Militar estava tomado pelo silêncio, apenas quebrado pelos passos apressados dos médicos e o sussurrar das pessoas que ali aguardavam. A Velma e a Clara estavam sentadas, visivelmente abaladas, ao lado da Maria e da Nala, que continuavam oferecer consolo mesmo sem conhecê-las. De repente, a porta da sala de emergência se abriu com força, e um médico de bata branca, com o rosto tenso e a máscara abaixo do queixo, surgiu chamando em voz firme:

- Quem são os familiares do paciente Kilson dos Santos?. – Médico olhando em volta.

A Velma se levantou num salto, com os olhos arregalados e os dedos trêmulos. Clara veio logo atrás, também apreensiva:

- Sou eu, sou irmã dele! Como é que ele está, doutor? Diga-me, por favor!!. – Velma ansiosa.

- Ele perdeu muito sangue durante os ferimentos. Neste momento, a situação é estável, mas delicada. O Kilson precisa urgentemente de pelo menos duas unidades de sangue tipo O positivo para sobreviver às próximas horas. – Médico com tom sério.

Velma arregala os olhos, o medo toma conta do seu rosto.

- Dois balões? E ... se não conseguirmos?. – Velma sussurrando.

- Tens de conseguir... procure alguém aqui que tem o tipo de sangue O positivo. É urgente.

Ao lado, Maria ouviu o nome “Kilson dos Santos” e congelou. Olhou para a Nala com os olhos arregalados, quase sem conseguir falar.

- Nala... tu ouviste o que eu ouvi? Kilson dos Santos... Esse nome é do meu filho!. – Maria fala baixo.

- Sim... eu também ouvi o mesmo! Será que... é a pessoa que estamos a pensar?. – Nala assustada.

As duas se entreolham, com os olhos marejados. Maria levanta-se devagar, com a respiração ofegante, o coração acelerado.

Ela se aproxima da Velma, observa-a com atenção, e depois olha pro médico.

- Eu quero doar! O meu sangue é O positivo!. Doutor, eu quero doar o meu sangue a esse jovem Kilson. – Maria decidida.

- A senhora tem certeza? Precisamos de muita urgência... ele perdeu muito sangue. – Médico gentil.

- Tenho sim, doutor. Por favor, me leve agora. – Maria firme.

- A senhora... vai mesmo doar? Não sabe o quanto isso significa pra mim...- Velma com os olhos marejados.

- Não precisa agradecer, filha. Fazer o bem não custa nada. – Maria com um sorriso calmo.

Sem pensar, a Velma abraça fortemente a Maria:

- Obrigada, obrigada... nem sei como te agradecer! Você é um anjo... que Deus te abençoe por isso. – Velma chorando.

- Shhh... minha querida, não precisa agradecer. Deus sabe o que faz. – Maria segura a Velma com carinho.

Maria é levada pelo médico em direção à sala de doações. A Velma ainda observa com emoção no olhar, limpando as lágrimas. Clara se aproxima dela e segura a sua mão:

- Ela é uma senhora boa... deu o sangue dela para nós. – Clara baixa.

- Muito boa mesmo... - Velma ainda abalada.

A Maria está sentada na cadeira de doação. O médico prepara os materiais enquanto a Velma observa tudo com os olhos cheios de lágrimas, profundamente tocada:

- Vamos começar agora, dona Maria. Fique tranquila. – Médico gentil.

- Tudo bem, doutor. Faça o que for preciso... eu só quero ajudar esse jovem Kilson. – Maria respira fundo.

- Eu não sei como lhe agradecer. Nem sei quem é a senhora, mas... muito obrigada mesmo!. – Velma com voz embargada.

A Velma, tocada, se aproxima e a abraça:

- Obrigada do fundo do meu coração.

Nesse momento, dois polícias entram no corredor apressadamente;

- Boa noite, senhorita Velma? – Polícia 1, educado mas directo.

- Sim, sou eu... - Velma assustada.

- Precisamos que nos acompanhe até a esquadra agora. É necessário formalizar a queixa sobre o sequestro e os disparos. É importante para a investigação. – Polícia 2.

Velma olha para Clara e depois para o corredor:

- Mas... meu irmão ainda está a ser operado...

-Será rápido. E pode voltar depois. Prometemos. – Polícia 1 gentil.

- Tá bem... Vamos. – Velma respira fundo e engole choro.

O ambiente estava tenso. As paredes da esquadra eram frias. Velma estava sentada, ainda com os olhos inchados e os ombros tensos. Jaime saiu de uma sala ao lado, com o rosto sério, as mãos no bolso, e ao ver a Velma, apenas a olhou rapidamente sem dizer nada. Passou directo e sentou do outro lado da sala.

Segundos depois, um oficial da polícia surgiu na porta:

- Velma dos Santos?. – Oficial.

- Sim... sou eu... - Velma levanta-se devagar.

- Pode entrar, por favor.

Velma entrou e sentou-se em frente ao investigador. O polícia ajustou o gravador e começou:

- Senhorita Velma, pode relatar o que aconteceu desde o momento em que saiu de casa?.

Velma respira fundo, tremendo levemente:

- Eu... fui jantar com o Jaime... ele veio me buscar com um carro preto, tinha seguranças. Parecia tudo normal. Mas quando entramos no carro... um dos homens... me tapou a boca com um lenço. Eu desmaiei.

- Quem eram esses homens?.

- Eram guarda-costas do Miguel Mendonça... o pai do Jaime. Quando acordei... eu já estava numa espécie de fábrica abandonada... suja, cheia de gente presas... pessoas que ele mantinha lá.

- E o senhor Miguel Mendonça estava lá?. – Polícia faz anotações rápidas.

- Sim. Ele... me bateu, me arrastou... apontou a arma na minha cabeça... eu vi ele atirar no próprio filho, o Jaime, só porque ele tentou me proteger.

- Tudo será registados. E você fez muito bem em falar. Isso pode salvar muitas vidas.

Velma saiu da sala de interrogatório com o rosto abatido, mas aliviada por finalmente ter contado a verdade. Ela passou pelo Jaime no corredor. Os olhares se cruzaram rapidamente, mas nenhum dos dois disse uma palavra. Jaime apenas abaixou a cabeça e encostou-se à parede, pensativo.

Velma caminhou para fora, segurando firme o casaco. O ar nocturno bateu-lhe no rosto, fazendo-a respirar fundo:

- Preciso voltar... o Kilson ainda está no hospital. Não posso abandoná-lo agora. Velma pensando e murmurando para si.

Ela pegou um táxi. Enquanto o carro se afastava da esquadra, Velma encostou a cabeça no vidro e fechou os olhos por um instante, sentindo o peso de tudo o que tinha vivido.

Ao chegar, Velma desceu correndo, subiu as escadas com pressa e foi até a sala de espera. Lá estavam Clara, os irmãos que já haviam recebido alta, e a Maria sentada. Ao vê-la, Clara levantou-se.

- Finalmente voltaste! Como foi?. – Clara preocupada.

- contei tudo. Agora só espero que a justiça seja feita. Como o Kilson está?.

- Ele está bem... só temos que continuar orando. – Clara.

A televisão estava ligada na sala da casa modesta da Cláudia. As notícias da manhã transmitem em tom urgente:

-“ Notícia de última hora, recebemos a confirmação da morte de Miguel Mendonça, empresário milionário e um dos homens mais influentes de Angola, foi encontrado morto envolvendo tiroteiro. Segundo as autoridades, ele estava envolvido em diversas

actividades ilícitas e morreu após um confronto violento no Panguila. Mais detalhes a qualquer momento.” – SOM DE TV LIGADO, JORNALISTA.

- Txê!! Esse cota morreu? Mamã??? ! Mãeeeeee! Vem rápido!. – Manuel chamando.

Cláudia sai do quarto, ajeitando a blusa, preocupada com o tom do filho:

- Que gritaria é essa logo cedo, Manuel ?.

Mas ao se aproximar da tela, ficou paralisada. A imagem de Miguel morto, coberto com um lençol branco, cercado de polícias, a deixou em choque. Os dedos trêmulos soltaram a toalha que trazia.

- Olha! Miguel... morreu, mãe!!.. – Manuel apontando a TV.

Cláudia vê a notícia, fica pálida e silenciosa por alguns segundos. A respiração acelera. Tremendo, segura a cabeça:

- Não!! Isso não é possível... Miguel... morto?. – Cláudia em choque.

- Mãe? Estás bem? O que se passa?. – Manuel surpreso com a reacção da mãe.

Cláudia começa a andar apressada, nervosa, vai até ao quarto e começa a colocar documentos e roupas numa mala.

- Mas mamã! Estás a fazer o quê?. Por que estás arruamar coisas?. – Manuel seguindo-a confuso.

- Precisamos sair daqui, Manuel. Agora! Isso não vai parar por aqui... - Cláudia tremendo sem olhar para ele.

- Mas mãe... o quê que você tem a ver com isso?. – Manuel ainda mais confuso.

- Só faz o que estou a dizer. Confia em mim! Acorde os teus irmãos, agora!.- Cláudia pressionada e séria.

- Mas mãe... sair por quê?? Ainda não me explicaste nada! O que tá acontecer?. – Manuel confuso e assustado.

- Faz o que eu te digo, Manuel!!! O Miguel morreu! Eles vão começar a investigar tudo... agora percebes!?. - Cláudia gritando.

- Mãe... tu fizeste alguma coisa?. – Manuel engolindo seco.

- Não é hora de perguntar. Vai agora! Acorda o Josué e a Edna! Já!. – Cláudia baixando o tom mas firme.

Ela fechou uma mala com pressa, jogou por cima um casaco e olhou pela janela, desconfiada.

- Se essa história vier à tona... vão me ligar a tudo. Tenho que sair daqui!. – Cláudia baixa.

Manuel corre para o quarto:

- Josué! Edna!! Acordem!! Levantem-se, rápido!. – Manuel aos gritos.

- Mas essas horas mesmo é para gritar nos outros!?. – Josué ainda com sono.

- A mãe e quem mandou! Disse que temos que sair já!. – Manuel tenso.

- Como assim sair? Ainda são 07h!!. – Edna deitada.

Cláudia entra no quarto apressada, com casaco preto de napa já vestida:

- Não temos tempo para discutir! Mexam-se agora!. – Cláudia determinada.

- Mas mãe... por quê então?. – Josué desconfiado.

- Coisas que vocês não iam entender. Mas se amam... confiem. A gente tem que sumir!. – Olhando para os filhos com voz baixa.

Os três se entreolham, ainda atordoados, mas começam a vestir-se às pressas.

HOSPITAL MILITAR - SALA DE ESPERA:

Maria senta-se ao lado da Nala, visivelmente abalada. Ainda sente o impacto do abraço com a Velma:

- Nala... quando abracei aquela menina... meu coração disparou, não sei o porquê! Era como se... como se eu tivesse abraçado uma filha minha. – Maria pensativa, com os olhos fixos no chão.

- Como assim, Maria? Tu estás a dizer isso por quê? – Nala confusa, olhando pra ela.

- Não sei, Nala... mas quando ela encostou o rosto no meu ombro, algo aqui dentro de mim se mexeu. Uma dor, uma saudade, uma coisa que eu não sei explicar. Foi como se fosse meu espírito reconhecesse o dela. – Maria emocionada com os olhos marejados.

- Talvez seja só impressão sua, Maria!. – Nala segura a mão dela.

- Talvez tenhas razão! Mas será que Deus me colocou aqui por um motivo!?. – Maria assente com lágrimas nos olhos.

Elas ficam em silêncio por alguns segundos, Maria estava visivelmente com os olhos vermelhos e o lenço na cabeça. Nala olhava de lado, respeitando aquele momento delicado.

De repente, a porta se abre com leve estalo:

- Bom diaaa! Trouxe mata-bicho! Pão com chá quente, pra nos aquecermos um pouco...

- Velma entra animada.

Atrás dela, vinha a Clara, carregando um pequeno saco plástico com pães:

- Bom dia, tia Maria... bom dia, mana Nala!. – Clara sorrindo.

- Ai, mana Nala, nem sabes! Lá em casa a energia foi de novo! Mas consegui preparar o chá! Trouxe pão para todos.- Velma colocando o saco sobre a mesa do hospital.

Ela se aproximou e deum abraço rápido na Nala e depois em Maria, sem perceber o estado dela:

- Tia Maria, tens de comer... estavas mesmo branca ainda há pouco. Olha, trouxe pão quentinho!. – Velma sorrindo.

Maria não respondeu nada de imediato. Ficou apenas olhando para Velma com um olhar fixo, como quem contempla algo precioso e perdido por muito tempo. Nala observa a tensão crescendo novamente:

- Tia... estás bem? Estás a chorar!?. – Velma recuando um pouco, olhando confusa.

- Nada não, filha! É só emoção mesmo. Tu és muito doce. Obrigada. – Maria tentando disfarçar.

- Nós estamos nisso, né!? Somos família, mesmo sem o mesmo sangue!. – Velma sorrindo levemente.

Maria engoliu em seco ao ouvir isso. O ambiente era tenso. De repente a porta da sala de emergência se abre e o médico aparece com um semblante aliviado:

- Família do Kilson dos Santos! Graças a Deus... ele está fora do perigo. – Médico com voz firme e sorriso discreto.

- Está mesmo, doutor? Ele está bem?! – Velma lavando-se num salto, com lágrimas nos olhos.

- Sim, senhorita. A cirurgia correu bem. A perda de sangue foi significativa, mas conseguimos estabilizá-lo. A transfusão ajudou muito. – Médico assentindo.

- Obrigada, meu Deus! Obrigada, doutor!. – Maria emocionada.

- Obrigada por doar... a sua ajuda salvou o meu irmão... - Velma abraçando a Maria , sem saber que era a sua mãe.

- Hoje foi um milagre. – Clara sorrindo entre lágrimas.

- Ele ainda está sob observação, mas podem vê-lo dentro de alguns minutos.

As lágrimas agora eram de alívio. A esperança havia voltado. A Velma afastou-se um pouco da sala, com o telefone na mão. Respirou fundo e discou o número de Jonilson. Após alguns toques, ele atendeu:

-“Allô, Velma... alguma novidade!?”. – Jonilson com voz cansada.

-“Sim sim! Jonilson! Graças a Deus o Kilson está do perigo! O médico acabou de dizer agora.” – Velma emocionada.

-” Tonilson !! Judilson !! O Kilson tá fora do perigo !!.” – Jonilson gritando pro lado.

- “ Sério? Glória as Deus, yeah!.” – Tonilson ao fundo.

- “ Olha, Velma! Estamos a caminho, já!. – Jonilson voltando ao telefone.

- “ Venham sim, ele ainda tá no repouso, mas o médico disse que podemos ver por um tempinho... é só aguardarmos.” – Velma sorrindo.

- “Vamos já! Não vamos demorar!.” – Judilson ao fundo.

- “Até já, irmão!!.”

Ela desligou o telefone, olhou para o céu com um sorriso emocionado e disse baixinho:

-“ Obrigada, meu Deus... obrigada.”

Velma caminha apressadamente de volta, quase saltitando. Entra na sala onde estão Maria, Nala e a Clara sentadas.

- Já falei com o Jonilson! E eles disseram que estão a caminho daqui!. – Velma radiante.

- Graças a Deus! Finalmente uma boa notícia depois de tudo isso. – Clara animada.

A Maria e a Nala se entreolharam rapidamente, quando a Velma menciona o nome de “Jonilson”. O riso leve que pairava na sala esvaneceu, e um silêncio desconfortável tomou conta.

Velma aproxima-se, ainda com brilho nos olhos:

- Aah! O Jonilson disse que vêm todos! Judilson, Tonilson... vão ficar tão felizes quando souberem que o Kilson vai ficar bem!. – Velma ainda sem perceber o clima.

Maria, ainda com os olhos fixos em Velma, decide quebrar silêncio:

- Filha... desculpa perguntar... como é mesmo o teu nome?. – Maria olhando para Velma com voz baixa.

- Afinal não tinha falado o meu nome!? Chamo-me Velma dos Santos!. – Velma sorrindo.

O rosto da Maria muda:

- Como é que o teu irmão Kilson foi parar aqui? O que aconteceu com ele?. – Maria suave mas curiosa.

- É uma história longa... fui sequestrada pelo famoso Miguel Mendonça... o senhor que morreu... Ele é pai do Jaime. O Jaime foi meu namorado. Foi ele quem mandou matar o meu pai Marcos. Não o conheço. O Kilson tinha fugido... Kilson descobriu tudo e foi atrás de mim pra me salvar... e aconteceu o desastre... O Miguel morreu... - Velma respira fundo.

Maria engole em seco, a mão treme levemente sobre o colo. Nala nota e segura discretamente.

- E tu tens quantos irmãos, Velma?!. – Maria com voz baixa.

- Quatro! O Kilson, Jonilson, Tonilson e o Judilson!. – Velma sem hesitar.

Maria coloca mão no peito, tremendo, e lágrimas começaram a escorrer de repente:

- Repete... Por favor... os nomes...

- Kilson, Jonilson, Tonilson e o Judilson... por quê? O que foi?. – Velma assustada.

Maria levantou-se lentamente, cambaleando, como se o mundo tivesse acabado sobre ela. A Nala levantou rápido para a segurar.

- Não pode ser... Deus meu... esses... esses são nomes dos meus filhos!!. – Maria chorando descontrolada.

- Como assim? Os teus filhos?. – Velma levanta-se também confusa.

- Eu sou... eu sou a vossa mãe, Velma! Meu Deus... eu sou a vossa mamã!. – Maria chorando alto.

Velma deu dois passos para trás, sem acreditar no que ouvia:

- Tu... tu és... minha mãe!?. – Velma em choque.

- Sim ! Eu sou a Maria ! A vossa mãe... do Kilson e de todos vocês! Eu pensei que talvez vocês tinham morrido... Meu Deus! Velma, filha minha!. – Maria desesperada.

- Eu sou a tua mãe... A tua mãe que desapareceu... que foi obrigada a fugir... - Maria chorando.

- Não... não pode ser... minha mãe já morreu... - Velma em choque, com olhos marejados.

- Eu não morri! Eu fui obrigada a sumir... O Miguel e a Cláudia tinham se apoderado com tudo... e tive que fugir na província do Huambo!!. – Maria soluçando.

Velma começa a tremer, lágrimas escorrendo pelo rosto. Clara se aproxima rápido e a segura:

- Calma, Velma... respira, tá bem? Respira, por favor!. – Clara acariciando as costas da Velma.

Do outro lado, Nala segura os ombros de Maria:

- Tenha calma, Maria. Agora eles estão vivos... e você reencontrou a tua filha. Respira fundo. – Nala calma, mas firme.

- Você é mesmo minha mãe!? Mesmo?. – Velma com a voz quebrada.

- Sim... minha filha linda... eu senti no meu peito quando te abracei! O sangue me chamou!. – Maria com a mão no coração.

As duas se olham, ambas em lágrimas, e num impulso, Velma se levanta e abraça Maria com força, chorando alto:

- Mamã... mamã...

- Perdoa-me... por todos esses anos. Perdoa-me, filha...- Maria abraçando com força.

- Isso é um milagre... um milagre de verdade!. – Clara limpando os olhos.

- Família que Deus juntou... ninguém separa. – Nala acrescenta emocionada.

Passaram-se alguns minutos. Do lado de fora ouvia-se barulho de passos apressado. A porta abre-se com força:

- Boa tarde, família. Onde está a Velma!?.

Velma levanta-se rapidamente, ainda com os olhos a lacrimejar, corre até eles e os abraça com força:

- Estou aqui, meus manos. – Velma sorrindo.

- E o Kilson? Como ele tá?. – Pergunta o Tonilson curioso.

- O Kilson está bem! Está fora do perigo como vos disse! Graças a Deus... e graças a esta senhora...

Ela vira-se e aponta para a Maria. Os irmãos olham-na com curiosidade. A Maria nervosa e emocionada, levanta-se devagar.

-É quem essa senhora!?. – Judilson confuso.

- É a nossa mãe... a mamã que pensávamos que estava morta!. – Velma com voz trêmula.

Os três irmãos congelam. Os olhos enchem-se de espanto. O Jonilson dá um passo à frente:

- Como assim nossa mãe? A nossa já morreu ou sei lá o que... - Judilson duvidoso.

- Não morri. Fui separada de vocês à força pela Cláudia e Miguel... nunca deixei de amar-vos. – Maria trêmula.

- Espera! Espera! Deixa eu olhar-te bem!. – Jonilson sem tirar os olhos nela.

Ele caminha devagar, aproximando-se da Maria. Analisa cada detalhe:

- É você mãe... é a nossa mãe mesmo, eu lembro!!. – Jonilson gritando.

- É nossa mãe mesmo!? Ela está viva?. – Tonilson ainda chocado.

- Estou viva, meus filhos... e nunca parei de orar por este dia. – Maria chorando.

- Meu Deus... - Judilson emocionado.

Eles correm e a abraçam forte. Choram juntos, agora não de dor, mas de reencontro.

Todos ainda abraçados e emocionados com o reencontro. Repentinamente, o médico aparece na porta com um leve sorriso:

- Boa tarde à todos! Tenho boa notícia! O Kilson acordou. Podem ir vê-lo agora, mas só duas pessoas de cada vez.

Todos se levantam num salto, aliviados e ansiosos:

- Graças a Deus!! Mãe... que ir comigo!?. – Velma apertando a mão de Maria.

- Sim sim, minha filha... quero ver o meu primogénito. – Maria ainda com lágrimas nos olhos.

- Vai, mamã! Ele vai ficar feliz em te ver. – Tonilson sorrindo.

- Ele nem vai acreditar... - Jonilson.

- Vai achar que tá a sonhar!. – Judilson a sorrir.

- Vamos dar-lhe um susto da vida dele... um susto de amor!. – Velma caminha com a Maria.

Elas entram lentamente no quarto, com o coração acelerado:

A televisão está ligada, passando o noticiário : “ a morte do empresário Miguel Mendonça, envolvido em escândalos de sequestros e assassinatos, abala o país.”

O Kilson, sentado na cama, assiste calado. Seus olhos ainda estão cansados, mas atentos. A porta se abre devagar. Velma entra primeiro, com os olhos marejados, e corre para ele:

-Manooo... estás vivo!! Graças a Deus!. Tu não tens a ideia do susto que me deste!. – Velma abraçando-o forte.

- Estou bem, cassula! Como novo. – Kilson sorrindo fraco.

Olha ao redor, repara na Maria entrando:

- Quem é... ?.

A Velma se afasta um pouco, segura a mão de Maria e a aproxima da cama:

- Foi ela quem doou o sangue pra ti... se não fosse essa senhora... talvez não estivesses aqui, Kilson!.

- O rosto dela não me parece estranho. – Kilson encarando a Maria com atenção.

- Desculpe... já nos conhecemos, senhora?. – Kilson franze o cenho.

Maria tenta manter a compostura, mas os olhos se enchem de lágrimas. Ela senta-se devagar, olhando o rosto dele, emocionada:

- Talvez... porque o meu rosto viveu por anos nos vossos sonhos... - Maria acariciando o rosto de Kilson com voz baixa.

- Mãe...? – Kilson sussura.

- Afinal não te esqueceste de mim... meu amor... - Maria chorando e abraçando-o.

- Perdoa-me por tudo. Mesmo distante... nunca parei de orar por este dia!.

- Agora estamos juntos outra vez. – Velma abraçando os dois.

A porta se abre devagar. Entram Jonilson, Tonilson, Judilson, Nala e a Clara, entram camufladamente. Tentavam parecer discretos, mas a entrada deles já quebra o clima tenso:

- Eeeh! Mas que reunião familiar é essa sem nós?. Querem vender Angola ou como?. – Judilson abrindo os braços.

- Vocês são mesmo os mesmos, yeah... nem numa situação dessas deixam de ser palhaços phá!. – Kilson rindo fraco, emocionado.

- Demoraram como se tivessem vindo de Viana à pé!. – Jonilson a rir.

- Meus filhos... como estão crescidos... - Maria olhando nos filhos.

- Finalmente estamos juntos todos juntos... como devia ser. – Tonilson olhando para Maria com carinho.

Todos sorriem. O quarto encheu-se de paz rara. Somente som de risos.

- Kilson, mano... vê se ficas bem logo. Já te fizemos rei do drama por uns dias!. –Jonilson com humor.

- Agora só falta uma coisa!. – Kilson rindo.

- O quê?. – Velma.

- Voltarmos para casa... mas desta vez... como uma família completa. –Kilson sério e olhando para todos.

O dia já tinha amanhecido. No pátio reservado para jatos privados, Cláudia com óculos escuros e lenço na cabeça, caminha com os seus três filhos (Manuel, Josué e Edna), caminhavam apressados, quase ofegantes. O jato branco os aguardava com a porta já aberta e as hélices em movimento lento. A mala da Edna cai, e ela tenta levantá-la tremendo.

- Vamos, vamos! Não podemos perder tempo. Quanto mais cedo, melhor!. – Cláudia nervosa, olhando para trás.

- Mas mamã... nunca antes tinhas me dito que tens um jato!!. – Josué espantado.
- Mamã... fugir assim?. – Manuel sussurrando.

- É a única forma! Depois da morte do Miguel, eles vão vir atrás de mim. Eu sei demais!.
– Cláudia olhando fixamente.

- Hum! Mãe... sabes de alguma coisa... - Manuel olhando desconfiado ao redor.

Quando sobem os degraus do jato, duas viaturas da polícia surgem do nada, cercando a pista com sirenes apagadas. Os faróis acendem de uma vez. Cláudia congela, polícias descem com armas nas mãos:

- Cláudia dos Santos! Desça imediatamente! Está presa!. – Polícia 1.

- Corre, Edna! Corre!. – Cláudia desesperada, puxando os filhos.

Edna tropeça e cai nos degraus, e começa a chorar. Josué ergue as mãos. Manuel paralisa.

- A senhora está presa por cumplicidade com o Miguel Mendonça, sequestro, e forjamento de testamento. – Polícia 2.

- Eu só queria proteger os meus filhos! Não me levem assim!. – Cláudia aos gritos, enquanto é algemada.

- Mãe!! Por favor!! Deixem-na!. – Edna chorando alto.

Enquanto os polícias algemam a Cláudia e a conduzem para a viatura, os filhos- Manuel, Josué e a Edna, permanecem parados, estáticos:

- E mais... ela será responsabilizada pela morte do próprio irmão, Marcos dos Santos. – Polícia 1 antes de fechar a porta da viatura.

- O quê? O tio Marcos!?. – Manuel chocado.

- Mãe... matou o próprio irmão? Isso não pode ser verdade... - Josué sem acreditar.

- É por isso que ela maltratava-os... - Manuel em voz baixa olhando fixo no chão.

- Como é que a nossa própria mãe pode fazer isso!? Com o sangue dela!?. – Manuel ainda pasmo.

Os três ficam de boquiabertos. O silêncio é quebrado apenas pelos soluços de Edna. A porta da viatura bate com força, levado consigo a mulher que eles julgavam conhecer. Ali ,no meio da pista, os três irmãos enfrentam uma nova verdade: o amor de mãe manchado por um passado sombrio.

Um mês depois, o silêncio era pesado na sala de julgamento. O juiz preparava-se para dar início à audiência. De um lado, a família dos Santos, Maria com os seus cinco filhos: Kilson, Jonilson, Tonilson, Judilson e a Velma. Todos sentados, emocionados e atentos. Do outro lado, Cláudia algemada, cabeça baixa, atrás dela, seus filhos: Manuel, Josué e a Edna, que pareciam perdidos e assustados. Jaime, num canto, ao lado da mãe, com olhar pensativo.

- Inicia-se hoje a audiência que julga os cúmplices da rede criminosa liderado por Miguel Mendonça. Senhora Cláudia dos Santos, está acusada de participação do assassinato de Marcos dos Santos... o seu próprio irmão!. – Juíz com voz firme.

A sala murmurra...

- Nunca pensei... que a Cláudia me tiraria o amor da minha vida, pai dos meus filhos... - Maria com voz embargada.

- Eu só queria proteger vocês... eu juro que eu me arrependo... - Cláudia chorando, olhando para os filhos.

- O arrependimento não traz o nosso pai de volta!. – Kilson com voz firme.

- Ordem na sala!. – Juíz.

Silêncio absoluto... todos atentos:

- Senhora Cláudia dos Santos... este tribunal exige a verdade. Conte-nos como participou no assassinato do seu irmão Marcos dos Santos... e porquê!. – Juíz olhando fixamente para a Cláudia.

A sala se cala. Kilson abaixa a cabeça. Maria fecha os olhos. Velma aperta a mão da mãe. Cláudia, respira fundo:

- Eu... eu não queria matar o Marcos... Mas... fui... fui eu e o Miguel Mendonça... nós planeamos tudo! Queríamos o testamento original... - Cláudia com lágrimas nos olhos, voz trêmula.

A sala reage com murmúrios. A Velma leva a mão à boca. Maria chora em silêncio e olha Cláudia, chocada. O Kilson fecha os punhos.

- Nós contratamos aqueles bandidos... dissemos que fosse um assalto... mas nós queríamos que o Marcos morresse mesmo! O Miguel dizia que o Marcos era uma pedra no caminho que ele nunca dividiria nada com ninguém... e eu estava com in... inveja da Maria... o Marcos já não olhava para mim... - Cláudia soluçando.

- A senhora está a afirmar, sob juramento, que participou no assassinato do seu irmão por causa de bens?. – Juíz sério.

- Sim... sim, meritíssimo. Eu cedi... cedi por ambição... e agora carrego esse peso todos os dias!. – Cláudia olhava para baixo, chorando.

- A senhora tem mais alguma coisa a confessar?. – Juíz frio e directo.

Cláudia hesita, respira fundo e continua, agora com o rosto molhado de lágrimas:

- Sim... fui eu e o Miguel... também mandamos matar o Manucho. (Pausa e olha para a Velma).

- Também foi o Miguel quem mandava sequestrar a Velma... Foi tudo o plano nosso... mandamos matar o advogado de Marcos... - Cláudia chorando.

Velma coloca a mão no peito, ofegante. Jaime baixa a cabeça.

A sala murmurava...

- Ordem no tribunal!. – Juíz bate o martelo, impondo silêncio.

- Eu sou fraca... eu falhei com vocês!. (Olha para a Maria):

- Me perdoa, Maria... eu devia ter protegido ele, não traindo!. Eu estava cega e perdida pelo ódio, riqueza, controle... - Cláudia implora.

O silêncio é tenso, e a Cláudia ainda está de pé no banco dos réus, lágrimas escorrendo. O juiz respira fundo e, olhando os documentos à frente, diz com voz firme:

- Agora, chamamos à tribunal o senhor Jaime Mendonça! O filho único de Miguel Mendonça e da Sofia Andrade Mendonça!. – Juíz.

Jaime levanta-se devagar. Vestido uma camisa simples de cor preta, olha para o chão, caminha com passos pesados até ao centro. Enquanto o Jaime caminhava, a Velma encarava-o, o olhar revela confusão e mágoa, mas também um traço de sentimento que ela não consegue esconder. Ele para diante do juiz. Um oficial se aproxima e estende a Bíblia. O juiz olha-o nos olhos:

- Senhor Jaime Mendonça... levante a mão direita. – Juíz sério.

Jaime obedece. Mão trêmula, mas decidido.

- Jura dizer toda a verdade, nada além da verdade, sob pena da lei?.

- Juro. – Jaime com voz firme.

- Está bem! Senhor Jaime Mendonça... você sabia dos caminhos escuros e criminosos do seu pai? Ou... esteve também envolvido como cúmplice de Miguel?.

Jaime olha para o juiz, respira fundo:

- Excelência... eu... eu nunca soube. Nunca imaginei. Cresci achando que o meu pai era um homem de negócios... respeitado. Mas na verdade... eu vivia ao lado de um monstro... sem saber!. Eu juro por tudo o que eu tenho... nunca soube de nada. Nunca participei de nenhum plano. Se soubesse... teria feito algo. Teria... teria protegido ela... (olha para a Velma). Eu não... queria que ele morresse assim. Apesar de tudo, né! Era o meu pai... mas ele escolheu esse fim com as próprias mãos.

Um murmúrio leve percorre a sala. O juiz olha firmemente para Jaime antes de pronunciar a sua decisão:

- Depois de ouvir o seu testemunho e não existirem provas que o liguem directamente aos crimes cometidos por Miguel e Cláudia... Concluimos que você, Jaime Mendonça, não teve envolvimento nas acções criminosas do pai. – Juíz com voz firme.

Pausa. Todos em silêncio. Jaime aperta as mãos nervoso.

- Portanto... você está isento de culpa. Jaime é inocente perante este tribunal.

Jaime fecha os olhos por um segundo, aliviado. A Velma o observa com os olhos brilhando. Os irmãos dela trocam olhares discretos. A Maria apenas suspira.

- Mas lembre-se... a justiça foi feita. Agora é sua responsabilidade seguir um caminho digno, diferente de seu pai. Muito obrigado, senhor Jaime!. Podes te sentar.— Juíz continuando.

- Chamamos agora o advogado do falecido Marcos dos Santos... o senhor Amílcar.

Amílcar se levanta, ajeita os óculos e caminha até ao centro com um envelope grosso na mão.

- Está autorizado a abrir e ler o testamento legítimo de Marcos dos Santos perante este corte.

Amílcar abre o envelope lentamente. Tira o papel. Olha para todos:

- “Eu, Marcos dos Santos, no uso pleno das minhas faculdades mentais, declaro o seguinte:

“Todos os bens, propriedades e negócios serão deixados em nome da minha esposa Maria dos Santos e dos meus cinco filhos: Kilson, Jonilson, Tonilson, Judilson e Velma dos Santos.”

Maria tapa a boca emocionada. Velma começa a chorar baixinho. Cláudia baixa a cabeça derrotada:

-“Caso algo me aconteça de forma suspeita... peço que busquem a verdade, pois o meu maior medo é que a ganância destrua o que lutei para construir com amor e sacrifício.”

A sala inteira emudece. Só se ouve o respirar acelerado de Maria e alguns soluços.

- O testamento foi lido. A vontade de Marcos dos Santos será respeitada integralmente por este corte. — Juíz após uma pausa.

Todos em pé, o juíz ajeita na cadeira e começa a ler o artigo final com firmeza e autoridade:

- “Segundo o artigo 423 do Código Civil, quando comprovado o crime de homicídio com motivação por herança, o autor perde todo e qualquer direito sobre os bens da vítima.”

Faz uma pausa, olha para Cláudia e continua:

-“ Diante das confissões e provas apresentadas, declaro que todos os bens pertencentes a Marcos dos Santos passam agora legalmente para os seus filhos legítimos: Kilson, Jonilson, Tonilson, Judilson e a Velma dos Santos, sob a tutela da senhora Maria dos Santos.”

A plateia aplaude com emoção. Maria começa a chorar de pé. Velma segura na mão dela. Os irmãos se entreolham com alívio.

- Oficiais da justiça, executem a ordem! Levem a Cláudia dos Santos, a ré sob custódia imediata. – Juíz ergue a voz.

Dois polícias se aproximam. Cláudia grita, chorando, olhando para os filhos com desespero:

- Me perdoem!!! Eu só queria o que achava que era nosso!. – Cláudia gritando.

Os filhos observam em silêncio. A Edna chora. O Manuel evita encarar. Cláudia é levada.

- Está encerrada o julgamento!. – Juíz ergue o martelo.

TUM! Bate com força o martelo. O som ecoa. Fim do julgamento.

Todos vão saindo, e no meio da confusão, a Maria abraça os filhos.

As portas do tribunal se abrem. A família dos Santos vai saindo junta, em silêncio, ainda processando tudo.

Do outro lado, o Jaime caminha em direcção ao carro com a sua mãe, Dona Sofia, de óculos pretos, um tom de pele clara, tal como o filho, calada. Quando ele abre a porta do carro:

- Jaime!. – Jonilson chamando, vindo com o Tonilson e Judilson.

Jaime se vira. Vê os três irmãos a poucos passos, encarando-o. Fica parado por um instante, tenso mas então dá um pequeno sorriso:

- Jonilson... Tonilson... Judilson... Boa tarde!. – Jaime calmo e respeitoso.

- Boa tarde, cota! Tava quase a fugir sem se despedir!?. – Tonilson de braços cruzados.

- Não... só achei que talvez vocês não quisessem me ver. – Jaime sorri fraco.

- Você não tiveste nada culpa!. Mas param lá com essa conversa!. – Judilson brincalhono.

- Mas wy... brincadeira de lado... aquela mboa é a tua mãe?. – Judilson com ar brincalhono, olhando para Jaime e depois para Sofia.

- Sim! É a minha mãe, dona Sofia. – Jaime estranha a pergunta.

- É tipo como wy... a tua mãe é benga!! Bem linda! Só tô a falar!. – Judilson dá um sorriso, cutucando Jonilson.

- Judilson, você não tem freio yeah! Vais elogiar a mãe do outro na frente do filho dela!?.
– Tonilson ri.

-Só falta já pedir pedir o número agora!. – Jonilson entra na brincadeira.

- Vocês não mudam mesmo... - Jaime rindo com leveza.

- Eu só elogiei! Mulher bonita não se esconde!. – Judilson de forma teatral.

De repente, o som de passos firmes interrompe as risadas. Todos se viram. Kilson aparece andando com firmeza. O grupo silencia e o respeita imediatamente:

- Jaime. – Kilson olhando directamente para ele.

- Kilson!. – Sério mas calmo.

Breve silêncio tenso. Até que Kilson estende a mão:

- Obrigado... por ter salvo a Velma. A tua atitude contou.

Jaime aperta a mão dele com firmeza:

- Não há de quê!. Kilson... sobre o meu pai... sobre o testamento... eu só queria que soubesse que... - Jaime hesitante.

Kilson interrompe com firmeza, mas com serenidade:

- Jaime... já chega. Isso tudo agora é passado.

Kilson respira fundo, olhando nos olhos dele:

- O teu pai fez escolhas erradas, mas tu não tens culpa. E sobre tudo o que alguma vez já te disse antes... as minhas desconfianças, a forma como te tratei... Me perdoa. Eu só queria proteger os meus. Mas erreí contigo. Tu provaste que és diferente. – Kilson sincero.

- Não tens que pedir desculpas... eu entendo. E mesmo assim, fico grato por ouvir isso de ti. – Jaime emocionado.

- Agora temos que seguir em frente. Pelo Marcos... pelo Miguel... pela nossa família. – Kilson dando um leve sorriso.

Enquanto os rapazes terminavam a conversa com o Jaime, mais adiante, junto ao carro, estavam a Maria e a Velma com os filhos de Cláudia. Todos visivelmente abalados. Maria aproxima-se e abre os braços. Os três hesitam por um instante, até que Manuel dá o primeiro passo, seguido pelos outros dois. Ela os envolve abraço apertado:

- Meus filhos... vocês não tem culpa do que a vossa mãe fez. Sei que dói, sei que parece que o mundo caiu... mas vocês ainda têm uma família. Têm a mim. Têm os vossos primos. – Maria contendo as lágrimas.

Edna começa a chorar em silêncio, e Maria alisa o cabelo dela com carinho:

- A Cláudia escolheu o caminho dela... mas vocês ainda podem escolher o vosso. Eu estarei aqui pra vos ajudar.

- E eu também! Vocês são nossos. Vamos ultrapassar isso juntos. – Velma aproximando-se.

Josué enxuga os olhos e balança a cabeça:

- Obrigado, tia. Nunca pensei que um dia íamos ouvir isso... depois de tudo.

- Velma, eu sei que não posso apagar nada, mas eu preciso pedir desculpas. Por tudo. Por cada vez que eu te tratei mal... por não te aceitar... por repetir as mesmas atitudes da nossa mãe! Nós fomos cruéis! Foste forte!. – Edna com lágrimas nos olhos.

- Eu perdoo vocês. O importante agora é que a verdade apareceu. E nós estamos juntos... como família. – Velma sorri.

Eles se abraçam!.

Momentos depois de reconciliação entre os irmãos, Maria e a Velma se aproximam do grupo onde estavam Kilson, Jonilson, Tonilson, Judilson, Jaime e a Sofia:

Maria caminha com passos lentos, observando cada rosto, até que seus olhos se fixam em Jaime. Ela sorri com ternura e espanto ao mesmo tempo:

- Meu Deus... esse é mesmo o Jaime!? Cresceu tanto, parece um homem feito! Tá lindo, meu filho!. – Maria emocionada aproximando-se de Jaime, abraçando-o.

Jaime sorri, um pouco envergonhado, mas feliz com o carinho inesperado:

- Muito obrigado, tia Maria... - Jaime rindo levemente.

E então, os olhos de Maria se encontram os de Sofia. As duas se encaram por alguns segundos. Havia lembranças ali, antigas, pesadas, mas o tempo parecia ter curado as feridas, elas se aproximam devagar e se abraçam forte:

- Sofiaaaaaa!! Que bom ver-te outra vez!. – Maria emocionada e abraça-a.

- Maria!! Meu amor!. – Sofia abraça-a.

- Sofia está sempre jovem, hein!! Nem parece que o tempo passou por ti!. – Maria com um sorriso calmo.

- E tu, Maria... sempre com esse coração forte.- Sofia rindo emocionada.

Todos ao redor observavam aquele reencontro.

Jonilson se aproxima de Jaime com um sorriso curioso:

- Jaime! Agora estás a morar onde!?. – Jonilson brincando.

- Moro na Maianga... Mas, afinal, essa casa é de vocês, né! Tá no testamento. Acho que vou sair de lá!. – Jaime pensativo.

Kilson intervém com um sorriso maroto:

- Já é sua casa... até o carro! Tá na tua posse.

- Obrigado, mesmo Kilson!. – Jaime sorrindo.

Velma observa a cena, desconfiada. Kilson, de repente, dá uma risada e faz uma brincadeira:

- Jonilson! Tonilson! Judilson! Olhem o picolé!! – Kilson com tom divertido.

Os irmãos entendem o recado e começam a se afastar, rindo e se despedindo, deixando Jaime e Velma sozinhos. O clima entre Jaime e Velma fica mais leve, mas ainda cheio de emoção contida. Jaime quebra o silêncio com um sorriso tímido:

- Luanda tá sempre quente ! Muito sol!.

Velma sorri, abaixa o olhar e responde suavemente:

- Pois é!... mas nem sempre aquece do jeito que a gente espera.

- A propósito... parabéns, hein! Agora vocês são oficialmente os donos dos bens do vosso pai. Tô feliz por vocês!. – Jaime sorrindo.

- Obrigada... Nem acredito... - Velma sorrindo tímida.

- Olha só, até carros deixaram-vos! E você que nem sabe conduzir nem uma bicicleta!... – Jaime faz uma cara de humor.

- Oh! Aien!? Muito engraçado! Mas não te preocupes, qualquer dia eu te surpreendo e passo por ti na estrada!. – Velma ri, cruzando os braços, brincando.

- Vou cobrar, então! Vou esperar!!.

Os dois se olham e riem. O clima entre eles fica mais leve, com um brilho da cumplicidade voltando aos poucos.

Depois disso, a Maria e a Sofia se aproximam com sorrisos calorosos:

- Meus queridos... tenho uma novidade!!. – Maria com carinho.

- Diz diz!!!. – Sofia curiosa.

- Bem... depois de tudo que passamos, acho que está na hora de celebrarmos. Neste sábado, vamos fazer uma festa, lá em casa, em Talatona... uma festa pela paz... pela família!. E eu convido vocês!! Jaime e a Sofia!. – Maria anunciando com contente.

- Muito obrigada pelo convite, Maria. Nós estaremos lá, com todo coração. – Sofia olhando para Maria.

- É isso que importa. – Maria emocionada.

Depois da conversa leve, o Judilson sempre brincalhão, não deixou oportunidade de provocar o Jaime com um toque de humor:

- Huumm, sobrinho do boss... sempre pausado! Mesmo no tribunal é para swegar bué?. – Judilson com risadas.

- Deixa de ser burro, Judilson!!. – Jaime rindo.

- Até me esqueci mesmo... o cota não veio!? O tio boss!?.

- Ele tá em Portugal...

- Por isso... depois manda um rala nele... lhe diz que lhe amo bué!!. – Judilson brincando.

Todos riem, e o clima continua descontraído.

Chegado o tão aguardado sábado, o ambiente na casa da família dos Santos era de pura alegria e movimento. Desde cedo, os cinco irmãos estavam ocupados a preparar o espaço para a grande festa da paz e reconciliação.

O quintal estava simplesmente deslumbrante. O chão foi bem varrido e forrado com um tapete verde largo que levava até a zona principal da celebração. Nas laterais, balões azul-bebé e branco, estavam em colunas, formando arcos que davam boas-vindas logo na entrada. Mesas redondas foram colocadas com tecidos brancos rendadas e um centro de mesa com flores azuis, penduradas nas paredes do quintal. Havia também uma mesa de bolos, doces... e um bolo grande com o símbolo da paz desenhado no topo. O ambiente cheirava a perfume de flores frescas e comida boa no ar, e a música tocava baixinho.

Chegou o momento alto da tarde! O quintal estava repleto de convidados, todos vestidos de branco, simbolizando a paz, união e recomeço. Rostos felizes, abraços sinceros, gargalhadas soltas. O ambiente era leve, cheio de gratidão e amor.

A Maria usava uma peruca de cor vinho, longa. O vestido branco que trajava era justa no corpo, o salto alto completava o look. O make-up estava impecável

,emocionada, subiu ao pequeno palco e, com o microfone em mãos, agradeceu com um sorriso no rosto e lágrimas nos olhos:

- Quero agradecer a cada um de vocês... por estarem aqui, por fazerem parte desta nova etapa da nossa família. Hoje celebramos o fim de uma dor... e o início de uma vida nova! Que nunca falte mais amor, perdão, paz e Deus entre nós. – Maria com voz suave e grata.

Todos aplaudiram de pé. Logo depois, Judilson, sempre o palhaço do grupo, correu com o telemóvel na mão gritando:

- Selfie, família!! Vamos fazer uma selfie com o bolo de paz! Vai bombar no Insta... - Judilson pegando no Iphone.

Mas ao se aproximar, tropeça num fio do tapete e...

PANC! Cai em cima da mesa, derrubando o bolo inteiro!.

FIM.

Epílogo – Palavras da Autora

Tudo começou em 2019, quando essa história simplesmente surgiu na minha mente. Eu falava sozinha, criando cenas e personagens como se já existissem dentro de mim. Foi algo surreal e inexplicável. Hoje eu acredito que foi Deus quem colocou essa inspiração no meu coração.

Durante anos, a história nunca saiu da minha cabeça. E em 2025, decidi finalmente partilhar convosco essa narrativa que tanto me acompanhou. Escrevi com a alma, directamente da mente para as palavras, sem rascunhos, sem cadernos. Apenas eu, meus pensamentos e o desejo de dar a vida a cada detalhe.

Fui eu mesma a autora e revisora desta obra. Por isso, qualquer erro, aceito com humildade toda a crítica construtiva, me ajudará a crescer. E saibam: **Este livro não será o meu único livro!.** Em breve, estarei a lançar o meu próximo projecto: **A Mulher da Minha Vida**, que será uma história estupenda, e desta vez, para a venda!.

Quero agradecer profundamente a todos que acompanharam essa história até o fim. Foi uma jornada de dor, perdão, justiça e amor. Que cada capítulo tenha tocado o vosso coração, assim como tocou o meu ao escrever. Obrigada por fazerem parte deste caminho.

Até a próxima aventura!

Com gratidão,

Daniella Kanga Adriano/ DKA

